UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

OSCAR WILLIAM SIMÕES COSTA

COMICIDADE E POLÍTICA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF ATRAVÉS DA CHARGE

CAMPINA GRANDE, 2017

COMICIDADE E POLÍTICA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF ATRAVÉS DA CHARGE

OSCAR WILLIAM SIMÕES COSTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como pré-requisito para admissão do grau de mestre, sob a orientação da professora Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima.

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

C837c Costa, Oscar William Simões.
Comicidade e política: a construção da imagem pública da presidenta Dilma Rousseff através da charge / Oscar William Simões Costa. – 2026.
114 f. ; il. color.

Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima".
Referências.

1. Mulheres na Política. 2. Charge – Dilma Rousseff. 3. Mídia. 4. Rousseff, Dilma, 1947-. I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.

UFCG/BC CDU 32-055.2(043.3)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

Ata da 369ª Sessão Pública de defesa de Dissertação de Mestrado do aluno Oscar William Simões Costa do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezessete, às 16:00 horas, na sala BZ-206 – CH/UFCG, campus de Campina Grande, reuniu-se, na forma e termos dos artigos 63, 64 e 65 do Regulamento Geral dos Cursos e Programas de Pós-Graduação *"Stricto Sensu"* da UFCG, Resolução nº 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG, a Banca Examinadora, composta pelos professores: Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima – PPGCS/UFCG, na qualidade de Presidente da Banca e Orientadora, Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior – PPGCS/UFCG, como examinador interno e Dr. Rostand de Albuquerque Melo – UEPB, como examinador externo, todos na qualidade de Membros Titulares, para julgamento da Dissertação de Mestrado do aluno Oscar William Simões Costa, intitulada *"Comicidade e Política: A construção da imagem de Dima Rousseff no discurso chargístico"*. A sessão pública foi aberta pela professora Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima. Após a apresentação dos integrantes da Banca Examinadora, o candidato iniciou a exposição do seu trabalho, sendo este seguido das arguições dos examinadores. A professora Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima convidou o professor Dr. Rostand de Albuquerque Melo para iniciar a arguição e o professor Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior prosseguiu com a arguição. Em seguida, a banca examinadora solicitou a retirada da assembleia para, em sessão secreta, avaliar o candidato. Após análise da Banca Examinadora foi atribuído o conceito APROVADO, conforme o artigo 65 da Resolução 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG. Nada mais havendo a tratar, eu, Rinaldo Rodrigues da Silva, Secretário acadêmico, lavrei a presente Ata que, lida e aprovada, assino, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Campina Grande, 29 de novembro de 2017

Rinaldo Rodrigues da Silva
Secretário Acadêmico

Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima
Orientadora/Presidente da Banca

Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior
Membro Titular

Dr. Rostand de Albuquerque Melo
Membro Titular

Oscar William Simões Costa
Aluno

COMICIDADE E POLÍTICA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF ATRAVÉS DA CHARGE

OSCAR WILLIAM SIMÕES COSTA

BANCA DE EXAMINADORES

_____

Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima - UFCG
Orientadora

_____

Dr. Ronaldo Sales - UFCG
Examinador Interno

_____

Dr. Rostand de Albuquerque Melo - UEPB
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

Apesar de uma dissertação ser o resultado de uma pesquisa acadêmica realizada para obtenção de um título individual e contribuição com a construção do conhecimento, em sua realização recebi muito apoio, acolhimento e ajuda de muitas formas diretas e indiretas. Assim, minha gratidão verdadeira:

Aos Deuses (Devas) e Deusas (Maha Devi, princípio do Sagrado Feminino formador da existência) pela inspiração e proteção, aspectos transpessoais relevantes nesta jornada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), pela oportunidade de realizar este Mestrado, ter aulas com professores maravilhosos, funcionários dedicados e ambiente acadêmico cordial, além de proporcionar novas amizades; A minha orientadora e hoje amiga, professora Dra. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima (carinhosamente Bebete), que desde minha Especialização em Política e Gestão Pública acreditou neste projeto, e tem me conduzido de forma singular na minha senda acadêmica, e me inspirado a ser um ser humano melhor. A todos(a) os professores(a) que marcaram minha trajetória de estudos até o presente momento, e aos professores(a) do Curso de Graduação e Pós-graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) os quais tive aulas e oportunidade de conhecer pessoalmente, com uma menção especial ao hoje amigo, o Cientista Político e professor Fábio Ribeiro Machado do Programa de Ciências Sociais da UFCG, o qual as aulas, palavras e vida inspiradora, foram um divisor de águas na minha vida acadêmica.

Ao meu pai José Lopes da Costa (*in memoriam*), minha mãe Edna Simões de Oliveira Costa, Maria Deolinda da Silva (Mãe de Criação), irmãos e todos os meus familiares e amigos(a), amores e desamores, por todo apoio, paciência e compreensão durante esta jornada.

Sou gratidão.

RESUMO

"Comicidade e Política: A Construção da Imagem Pública da Presidenta Dilma Rousseff através da Charge" teve como objetivo verificar de que forma a presidenta Dilma Rousseff em seu percurso político do primeiro ao segundo mandato como chefe do Executivo, interrompido pelo *Impeachment*, teve sua imagem pública representada através das charges disponíveis na Internet. Justifica-se este estudo pelo momento político do país compreendido neste período de nosso recorte, no qual a chegada ao cargo máximo do Executivo por uma mulher, torna-se um importante marco político como ápice da lutas femininas pela igualdade de direitos, bem como passa a impactar o ideário político, social e cultural do Brasil. A escolha da charge como ferramenta de análise deste estudo deu-se por ser ela essencialmente opinativa e crítica, bem como por sua natureza comisca, cujo uso de estereótipos e a satirização de figuras públicas políticas é frequente. Foram analisadas charges disponíveis na Internet de meios abertos, como jornais, *blogs*, redes sociais, portais, *sites* e páginas pessoais de chargistas brasileiros durante principalmente o período do primeiro e segundo mandato, compreendidos entre os anos de 2010 e 2016, totalizando um *corpus* de aproximadamente 20 charges referenciais e representativas. Para a análise, utilizamos o método da análise de conteúdo, cujo mais expressivos foram interpretados de acordo com as questões de pesquisa seguindo o arcabouço teórico apresentado. Como principais resultados destacamos que os temas mais explorados pelas charges ao longo do primeiro e segundo mandatos de Dilma Rousseff, foram essencialmente formados por estereótipos, clichês e abordagens da sua imagem pública como uma mulher fora dos padrões de beleza culturalmente impostos, emasculada, dependente e dona de casa, denotando, a princípio, muitas ambivalências de leitura dessas charges como sendo de caráter machista sexista e misógino.

Palavras-chave: Mulheres na política; Charge; Dilma Rousseff; Mídia

ABSTRACT

"Comicality and Politics: The Build of the Public Image of President Dilma Rousseff through the Charge", had as objective to verify how the president Dilma Rousseff in its political course of the first to the second term as President, interrupted by the Impeachment, had its public image represented through the political cartoons available on the Internet.This study is justified by the political moment of the country during this period of our cut, in which the arrival of a woman executive in the highest position becomes an important political course as the apex of women's struggles for equality of rights, as well as to impact the political, social and cultural ideals of Brazil. The choice of the charge as a tool for the analysis of this study was given by being essentially opinionated and critical, as well as by its commissary nature, whose use of stereotypes and the satirization of public political figures is frequent. Charts available on the Internet of open media, such as newspapers, blogs, social networks, portals, websites and personal pages of Brazilian cartoonists were analyzed during the period of the first and second terms, between 2010 and 2016, totaling a *corpus* of approximately 20 referential and representative cartoons. For the analysis, we used the method of content analysis, whose most expressive were interpreted according to the research questions following the theoretical framework presented. As main results, we highlight that the themes most explored by the cartoons during Dilma Rousseff's first and second mandates were essentially formed by stereotypes, clichés and approaches to her public image as a woman outside the culturally imposed, emasculated, dependent, and housewife, denoting, at first, many ambivalences of reading these cartoons as being sexist and misogynistic sexist character.

Keywords: Women, Politics; Cartoons; Dilma Rousseff; Media

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Primeira Charge que sem Notícia no Brasil .....…….15

Figura 2 - Charge de Angelo Agostini sobre regime escravocrata ….. 15

Figura 3 - Exemplo de Caricatura (Tema Dilma Rousseff) ……. 47

Figura 4 - Exemplo de Caricatura (Tema Dilma Rousseff) ……. 47

Figura 5 - Exemplo de Caricatura (Tema Dilma Rousseff) ……. 48

Figura 6 - Exemplo de Cartum (Tema livre) ….…….….. 51

Figura 7 - Exemplo de Cartum (Tema livre) ….……..……. 52

Figura 8 - Exemplo de Cartum (Tema livre) …….…..……. 52

Figura 9 - Exemplo de Charge (Tema Ditadura Militar) ……. 63

Figura 10 - Exemplo de Charge (Tema Dilma Rousseff) …..…...64

Figura 11 - Exemplo de Charge (Tema Dilma Rousseff) …..….. 65

Figura 12 - Exemplo de Charge (Tema Violência Doméstica)…. 81

Figura 13 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Eleições 2010) … 87

Figura 14 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Eleições 2010) … 88

Figura 15 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Presidenta) ……. 89

Figura 16 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Presidenta) ……. 89

Figura 17 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Presidenta) ……. 89

Figura 18 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Presidenta) ……. 89

Figura 19 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Mônica) …..…..... 90

Figura 20 – Personagem Mônica de Maurício de Souza …...….. 90

Figura 21 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Lula) ……..…..... 91

Figura 22 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Lula) ……..…..... 92

Figura 23 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Lula) ……..…..... 92

Figura 24 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Lula) ……..…..... 93

Figura 25 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Lula) ……..…..... 94

Figura 26 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Espaço Doméstico) 95

Figura 27 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Espaço Doméstico) 96

Figura 28 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Espaço Doméstico) 96

Figura 29 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Espaço Doméstico) 97

Figura 30 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Sexismo) ……... 98

Figura 31 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Imagem pública) ..100

Figura 32 – Charge de Dilma Rousseff (Tema Refém) ……. 101

Figura 33 – Meme de Dilma Rousseff (Tema Refém) ……..…. 109

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11

2. A PRESENÇA DA MULHER NA POLÍTICA…….24

2.1 Um breve histórico das mulheres na política brasileira.....28

2.2 A História Dilma conquista ……. 31

2.3 As Charges de Dilma …….36

3. FALANDO DE CHARGE ……. 39

3.1 Caricatura, Cartum e Charge: Três formas críticas de humor ……41

3.1.1 Caricatura …..…… 43

3.1.2 Cartum ……48

3.1.3 Charge …….53

3.1.2 Origem da Charge …….54

3.1.3 A história da Charge no Brasil ….……57

3.1.4 Afinal o que é Charge? ……..64

3.1.6 Charge e Jornalismo ……70

4. HUMOR, COMICIDADE E OUTROS TRAÇOS HUMANOS ……..73

5. GÊNERO FEMININO E NARRATIVAS ……..75

5.1 Mulher, Política e Charges …….80

6. CONFIGURAÇÕES METODOLÓGICAS ……..83

6.1 Construção metodológica ……...83

6.2 Você está rindo de que? Analisando Charges de Dilma ……..…...84

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS ……..…. 103

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....….110

1. INTRODUÇÃO

Os registros históricos conhecidos da vida humana sugerem ao longo do seu processo evolutivo a incorporação e utilização de recursos, a exemplo das imagens, como formas de transmitir mensagens.

Essa capacidade do ser humano aparentemente intrínseca, em produzir um conjunto de sentido, valores e códigos sobre si mesma, cujos construtos nem sempre estão muito claros, por vezes ocultam um imenso potencial de mensagens em seu cerne mais profundo, onde o interesse de extrair significados, tem sido o objeto de pesquisa por diversos campos científicos como as Ciências Sociais, e em especial nas visões Antropológicas, Politicas e Sociológicas.

Dentre esses possíveis caminhos dessa pesquisa, optamos por aproximações junto ao campo das Ciências Sociais, particularmente da Antropologia Política, compreendo como sendo este o caminho o teórico e metodológico que acreditamos oferecer respostas a alguns destes questionamentos e principalmente objetivos de nossa pesquisa onde buscamos compreender a relação entre comicidade, política e Gênero feminino na construção e desconstrução de uma imagem politica através da forma de representação da Charge.

Ao tratarmos dessas temáticas conjuntamente, abriremos um leque de interpretações cujo esclarecimento em muitos sentidos irão se fazer necessários para que possamos recortar nossa discussão dessa profusão de reflexões.

Assim quando falar em comicidade transitaremos pelo labirinto de tentativas de explicação do que nos faz rir, aquilo que desde os Gregos, passando por autores referenciais como o filósofo Henry Bergson nos diz tentar entender o que nos escapa a mão. Percurso esse cheio de miragens, sombras e por vezes desencantos, mas necessário a compreensão de temas humanos quando participantes de transmitir mensagens por vezes ocultas do riso aos quais procuramos melhor compreender para os nossos resultados, uma vez que temas como o humor, o chiste, a piada dentre outros construtos polissêmicos que mesclam no termo comicidade, são desde que se sabe historicamente, buscado de sua compreensão mais profunda.

Porém a profundidade do assunto comicidade não será nosso intuito, aqui a comicidade será tão somente apresentada e definida para sua compreensão do construto da Charge, e portanto, este termo comicidade, apenas claramente definido em sua forma mais

usual, terminologia e historicidade, buscando tão somente situar o leitor do trabalho no contexto do humor presente na Charge, temática semente desta dissertação.

No trato da Política do título deste trabalho encontraremos ao longo dos capítulos que tratam desta temática, seus matizes relativas as relações de poder como as formas humanas de regulação de espaços e conflitos que nos permitirá transcender em nossa pesquisa o campo do senso comum de questões individuais pertinentes ao nosso tempo como aqueles da politica aplicada as reflexões desta com os temas de Gênero e Feminino.

Ao tratarmos de Gênero e Feminino dentro do nosso trabalho, navegaremos por algumas das turbulentas águas históricas de lutas e conquistas das mulheres ao longo de décadas no Brasil, sobretudo dentro das arenas políticas por espaços de representação.

Porém não será nosso intuito um aprofundamento destas questões de ordem geral, apenas um recorte para compor a aproximação de nossos objetivos em responder questões pontuais pertinentes dessa pesquisa.

Assim, todos estes temas anteriormente elencados propriamente do nosso trabalho como: comicidade, política, gênero e feminino, emergem em nossa reflexão a partir de um tipo de representação social a qual, devido talvez tanto a sua forma inocentemente artística, composta a priori de imagem e texto, e imbuída de comicidade, possa passar despercebida no afluxo de discursos cujas mensagens possuem questões que exigem profundas reflexões em nossa pesquisa, a Charge.

Nos primórdios do Século XIX surge na Europa, segundo alguns pesquisadores, particularmente na França, “desenhos de humor” em folhetos avulsos cujo contexto particular satirizavam governos e principalmente autoridades daquele momento histórico em particular.

Seguindo uma linha histórica essas publicações logo atraíram a admiração da população e principalmente de opositores desses governos e apesar de seriamente reprimidas, essas expressões, ao caírem no assim chamado gosto popular, acabaram por se tornar uma forma de crítica bastante representativa e difundida, talvez devido ao seu baixo custo e forte apelo massificado de alcance.

Porém, foi em 1830 quando o jornalista, litografo e caricaturista francês Charles Philipon, que já possuía outra publicação impressa, lançou o jornal político *La Caricature*, que deu-se o início a incorporação desta forma crítica através de representação artística composta de imagem e texto, ao suporte dos jornais propriamente dito e historicamente conhecido até os dias atuais, embora atualmente tenha encontrado na Internet o suporte para o

momento talvez mais difundido.

A *Charge, ou "carga"* em tradução livre do Francês, inicialmente como se passou a denominar esses desenhos de humor, recebeu este nome devido aos discursos, geralmente políticos e críticos ali contidos, escondidos em uma forma mista de desenhos caricaturados e texto, ocultas sobre o manto da comicidade, trazendo uma torrente de mensagens que vão desde padrões culturais, valores sociais e principalmente políticas. Percebe-se então que desde o seu surgimento a Charge parece trazer no seu constructo imagético e textual, uma natureza crítica implícita, em cujo tônus dos discursos se constituem um terceiro vértice dessas representações.

É interessante perceber que a Charge já nasce política, e que a comicidade a constitui, gerando assim uma tríade sob a qual iremos nos deter no vértice dos discursos desta no sentido de oferecer respostas aos nossos questionamentos nessa pesquisa, elaborados a posteriori em nossos objetivos gerais e específicos.

Estes discursos, sejam hegemônicos ou contra-hegemônicos passam a caracterizar a Charge, é disso que falam e para onde apontam sua força, muitas vezes de forma oculta ou mesmo explícitas, carregando ideias de cunho sociológico, antropológico ou político, transitando de forma discursiva oculta entre estes campos talvez na maioria dos casos.

Para exemplificar esse tônus discursivo de poder da Charge tomemos aqui um significativo exemplo, cujo recorte temporal amiúde outros contextos apenas ilustram a introdução desse interesse pontual da pesquisa. Observamos que ano o de 2005 não foi um ano particularmente engraçado para o chamado mundo do "humor gráfico", ou deste genero, como apresentaremos posteriormente em Ramos (2010), um contexto abrangente onde a Charge se insere.

Foi neste fatídico ano de 2005 que o jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* publicou algumas Charges satirizando a figura do profeta Maomé, líder máximo da religião Islâmica, desencadeando quase que de forma instantânea mundialmente uma onda de protestos, violência e debates sobre os limites do jornalismo político, em especial do humor, principalmente no tocante ao conteúdo político das Charges.

Na continuidade histórica destes fatos, um outro jornal, desta vez, francês, o *Charlie Hebdo*, conhecido pela linha editorial pautada na sátira, publica no ano de 2011, algumas Charges também consideradas ofensivas pelas autoridades e pela população de crença Islâmica, gerando uma nova onda de protestos. Ocasionando inclusive um atentado a bomba

na sede do jornal, felizmente, sem vítimas.

Passados quatro anos, em 2015, o mesmo jornal publica novamente um conjunto de Charges no seu caderno jornalístico consideradas ofensivas a fé Islâmica, desta vez resultando no trágico atentado mundialmente propagado pela mídia internacional à sede do jornal, cometido por um grupo extremista islâmico, motivado pela publicação destas Charges que vitimou mortalmente pelo menos 12 pessoas, incluindo, editores, jornalistas e principalmente chargistas do jornal.

Em Janeiro de 2016, o mesmo jornal causa revolta e comoção mundial ao publicar Charges consideradas de "mal gosto" sobre o incidente com o menino Sírio, Alan Kurdi, que ficou conhecido na imprensa mundial como Aylan[1], e cujo corpo apareceu morto por afogamento na praia de Borum na Turquia na tentativa de fuga de refugiados Sírios.

O desfecho trágico e midiático destes incidentes gerou uma grande comoção pública e emergiu um acirramento na discussão mundial em diversas frentes sobre os limites da mídia, principalmente no tocante as relações entre comicidade e a política.

Embora consideremos estes eventos midiáticos históricos envolvendo Charges como casos extremos, não é de hoje que a Charge, enquanto expressão gráfica "carregada" geralmente de humor, e pontualmente relacionada ao contexto político e social do meio que a cerca, quase sempre permeada pela comicidade, provoca arroubos na ordem estabelecida.

Segundo LIMA (2011, p. 152), "O uso da charge na mídia impressa e particularmente de conteúdo político não é um elemento novo na formação de opinião pública."

Aplainando as questões internacionais, onde a Charge nasceu a três séculos e espalhou-se pelo mundo, não pouco causando incidentes como os citados, achamos pertinente de certa forma, ainda como uma abreviação do que será visto a posteriori nessa pesquisa, contextualizar a Charge quanto a sua origem e desenvolvimento no Brasil.

A primeira Charge que se tem notícia historicamente falando, teria surgido entre 1836/1837 e foi atribuída ao pintor português Manoel de Araújo (1806-1879), intitulada "A Campanha e o Sujo", onde tratava notadamente de práticas políticas vigentes no governo Imperial como a propina. Como vemos na representação abaixo:

1 . http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/charge-do-charlie-hebdo-sobre-garoto-sirio-afogado-causa-revolta.html



Figura 1. - Primeira Charge que se tem notícia no Brasil, "A Campanha e o Sujo", atribuída do pintor português Manoel de Araújo em 1837. http://impressAaodigital126.com.br/?p=10062

De forma análoga, o desenhista italiano radicado no Brasil, Angelo Agostini (1843-1912), ira tratar de questões em alguns momentos políticos bastante significativos daquele período histórico, como a Guerra do Paraguai e os movimentos abolicionistas, este último como destaca Thiago Modenesi no seu livro, "*Educação para Abolição: Charges e Histórias em Quadrinhos no Segundo Reinado no Brasil"* (2012) onde apresenta as Charges como tendo um importante papel neste movimento.

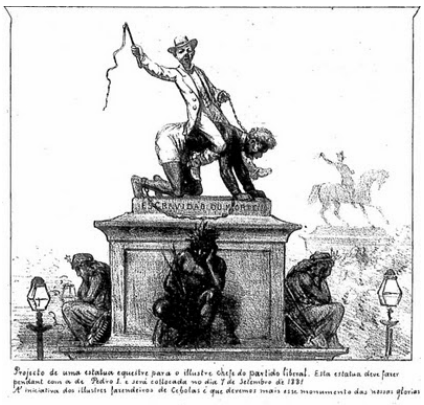


Figura 2. - Charge de Angelo Agostini criticando o regime escravocrata do Governo Martinho de Campos. http://azulcaudal.blogspot.com.br/2012/01/angelo-agostini-sua-vida-arte-e.html

Observamos portando pela sua historicidade, bem como pelos exemplos iniciais

apresentados, que desde de o surgimento, passando desde então por diversos momentos históricos a Charge tem sido utilizada como forma de discurso ora atacando, ora defendendo interesses, ideias, opiniões, valores, etc.

Assim considerando os aspectos constitutivos das Charges, como contenedores de um fluxo de discursos políticos e sociais (públicos e ou ocultos) como propomos neste texto, autores contemporâneos como Becker (2009) nos alertam que o Cientista Social não detém o empoderamento único do saber social e que este pode ser absorvido de muitas formas de representações sociais, ao tempo que Maffessoli (1995) nos chama atenção para nossa sociedade atual permeada pelo poder da imagem (outro elemento constitutivo da Charge) que se tornam cada vez mais importantes espaços de poder permeados de conflitos.

> Falar de imagens é percorrer múltiplos caminhos, muitas vezes entrelaçados por nós, que ora se harmonizam, ora se desatam. E pela multifacetada rede conceitual, nossa primeira percepção é delimitar os sentidos que vamos adotar a imagem, ou seja, figura visual, pictórica, simbólica, e afins deste campo semântico. (FERREIRA, 2010, p. 45)

Ainda no mesmo sentido observamos de forma geral o crescente interesse pelas chamadas narrativas de artes sequencial, popularmente conhecidas como Histórias em Quadrinhos[2], bem como outros estudos que envolvem outros gêneros narrativos similares no uso sobreposto de texto e principalmente da imagem como a Charge, o Cartum e Caricatura e sua utilização como objeto de pesquisa científica em diversos programas de Pós-Graduação no Brasil como nos fala inicialmente Ramos (2012, p.513) e Ramos & Vergueiro (2009, p. 07-12), e a exemplo das **Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**[3], que por si evidenciam este fato.

No entanto, no campo das Ciências Sociais, ao menos no Brasil, e considerando o atual contexto temporal deste trabalho, pesquisas desta natureza ainda se apresentam escassas neste campo como observa Nildo Viana (2013), quando nos ensina que:

---

2 . Doravante HQs.

3 . As **Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos** têm como principal proposta servir de ponto focal para as pesquisas sobre histórias em quadrinhos produzidas em diferentes regiões do país e também no exterior. O congresso acadêmico, ao mesmo tempo em que dá visibilidade a tais estudos, contribui para promover um intercâmbio de conhecimento entre os temas abordados e seus respectivos autores. A primeira edição do encontro científico foi realizada entre 23 e 26 de agosto de 2011 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A segunda edição ocorre entre 20 e 23 de agosto de 2013, na mesma universidade.

> No fundo, existem poucos estudos sobre o caráter social dos quadrinhos. A sociologia das histórias em quadrinhos ainda é pouco desenvolvida, estando entre as chamadas "sociologias especiais" que menos produziu[4]. Geralmente a bibliografia sobre quadrinhos são de caráter técnico, formal ou histórico-descritivo, que no fundo, contribui para uma análise de seu caráter social, mas não focalizam estes aspectos. Isso proporciona uma carência teórico-metodológica no estudo das histórias em quadrinhos e por isso é fundamental desenvolver uma reflexão metodológica sobre quadrinhos. (VIANA, 2013: p.21)

Os motivos que levam a estes insuficientes resultados de pesquisas em Ciências Sociais com o uso de Histórias em Quadrinhos talvez ainda sejam obscuros, merecendo estudos destinados para estes fins, não sendo objetivo da nossa proposta.

No entanto, especulamos para o momento que esta situação se deva a fatores de ordem polissêmica e até epistemológicas, como desconhecimento deste recurso por parte de muitos pesquisadores, ou influência de obras "clássicas" críticas das HQs como *The Seductions of the Innocents* (1954), "A Sedução dos Inocentes" do psiquiatra alemão naturalizado estadunidense, *Frederic Wertham*, escrita no auge da guerra fria nos Estados Unidos, a qual se sabe nos meios clássicos de estudos de quadrinhos, é apontada como uma das grandes responsáveis pela então "má fama" das Histórias em Quadrinhos. Sobre isso formula Rama & Vergueiro (2012), que:

> [...] generalizando suas conclusões a partir de um segmento da indústria de revistas de histórias em quadrinhos – principalmente as histórias de suspense e terror –, e dos casos patológicos de jovens e adolescentes que tratou em seu consultório, ele investiu violentamente contra o meio, denunciando-o como uma grande ameaça a juventude norte-americana. (RAMA & VERGUEIRO, 2012, p. 11)

E ainda:

> assim, utilizando-se de exemplos escolhidos a dedo e com rigor cientifico questionável, o psiquiatra tentava provar como as crianças que recebiam influência dos quadrinhos apresentavam as mais variadas anomalias de comportamento, tornando-se cidadãos desajustados na sociedade. (RAMA & VERGUEIRO, 2012, p. 12)

Esta obra clássica de "crítica" aos quadrinhos descreve em detalhes os "efeitos nefastos" dos "gibis" (termo correlato as HQs no Brasil) sobre as crianças. A saber: fomentavam a

4. BOURDIEU, Pierre. Método Cientifico e Hierarquia Social dos Objetos. In Escritos da Educação. 3ª Edição, Petrópolis, Vozes, 2011.

delinquência juvenil, a discórdia entre irmãos, o mau hábito da garotada de não comer legumes e verduras e, se isso não bastasse, de estimular a homossexualidade. (OPPERMANN,2004).

Na continuidade destas palavras iniciais, ainda destacamos que observamos no programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), um ainda recente histórico escasso de apresentações de trabalhos acadêmicos envolvendo práticas metodológicas que fazem uso tanto das Histórias em Quadrinhos, quanto de seus gêneros, como Charge, Cartum e Caricatura com enfoque sociológico, político ou antropológico.

No entanto, podemos citar como alguns destes poucos exemplos a dissertação de mestrado intitulada "*A Linguagem Humorística das Charges e as 'DIRETAS JÁ' no traço dos Chargistas dos Jornais: Diário da Borborema e Jornal da Paraíba*" apresentada em 2012 pelo aluno de pós-graduação de mestrado em História, José Emerson Tavares Macêdo e mais recentemente a tese de doutoramento intitulada "*Cultura e Política nas Histórias em Quadrinhos Luke e Tantra, de Angeli*" do aluno Yuri Saladino Souto Maior no campo das Ciências Sociais, apresentada em Agosto de 2013.

Acrescente-se a estas referências, uma outra, de nossa autoria de conclusão de Curso de Especialização na forma de um artigo intitulado "*Traços de Resistência: Histórias em Quadrinhos e Política através das charges do Pasquim e das ideias de James Scott*", defendido e aprovado em 2014, onde demonstramos uma relação entre Política e HQs, através do uso de charges, utilizando as ideias principais do pensador inglês James C. Scott e uma breve análise de dez exemplares de Charges publicadas no jornal humorístico *O Pasquim* durante o período de Regime Militar (1964-1978) a partir do AI-5, oferecendo nas suas conclusões algumas reflexões.

Neste contexto ainda nas conclusões finais do referido artigo foram sugeridas considerações da banca examinadora quanto a ampliação da discussão das temáticas envolvidas em trabalho de maior escopo acadêmico resultando de reflexões apresentadas nessa dissertação.

Evidenciado por estas observações podemos inferir que no campo das Ciências Sociais o estudo das HQs e seus gêneros, em especial a Charge, ao tratarem em suas temáticas de um amplo espectro social, político e antropológico, possam municiar o cientista social na compreensão das relações indivíduo e sociedade, podendo contribuir com um vislumbre sobre as possibilidades de análises de representações sociais através destas narrativas, utilizando-se

como exemplo um recorte de estudo de representação de gênero feminino como o viés apresentado na proposta deste trabalho.

Assim, para a escrita da presente dissertação, pretendemos apresentar uma discussão de como a polifonia de discursos e conteúdo presentes nas Charges, apresentando estas como um gênero do hiper gênero das HQs na proposta de Ramos (2010), dialogam sistematicamente, ora de forma explicita ora de forma velada, no sentido da construção e/ou desconstrução da imagem pública da então Presidenta Dilma Vana Rousseff, no período compreendido entre seu primeiro e segundo mandatos, este último brevemente interrompido por um processo de *impeachment* em agosto de 2016, a partir de uma discussão que coloca o gênero feminino como categoria determinante nos discursos da Charge presentes na formação política e social do imaginário brasileiro.

Acreditamos neste sentido, e de acordo com algumas ideias já apresentadas, que os variados discursos presentes na construção de imagem e texto presentes na Charge podem esconder na sutileza da comicidade (humor), uma imensa gama de mensagens ocultas que compõe todo um universo sociológico, político e antropológico.

Esses discursos fluídicos e por vezes polifônicos, aparentemente talvez possam passar despercebido para o senso comum, a priori, esperando-se que um cientista social a partir de trabalhos como este venham a refinar seu senso crítico para estas vicissitudes e especificidades presentes nestas narrativas, como importante ferramenta de análise dentro do campo das Ciências Sociais.

Observamos assim que na relação entre comicidade e política, explícitas nas Charges de múltiplas formas e discursos, se pressupõe um vasto campo de investigação o qual pretendemos explorar em nosso trabalho na busca destas reflexões a partir de uma discussão sobre as condições de empoderamento feminino na figura da então Presidenta Dilma Vana Rousseff, retratada livremente por Charges que ora escondem, ora expõe discursos de ódio, misoginia, sexismo entre outros, próprios de uma discussão sobre as relações de gênero pertinente, portanto, ao estudo dentro do campo das Ciências Sociais.

Assim, parafraseando o filósofo marxista francês Louis Althusser no prefácio da obra "Uma Introdução Política aos Quadrinhos" do poeta, artista visual e professor de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), Moacyr Cirne (1943-2014), pesquisador nas temáticas de HQs e afins: "Não existem quadrinhos inocentes", ou seja, na opinião de Cirne (1982), as Histórias em Quadrinhos (HQs) estão sempre "*carregadas*" de

algum discurso permeado em maior ou menor grau por um viés político e ou social. Característica a qual estas temáticas se fazem merecedoras de um olhar acadêmico mais crítico.

Neste mesmo contexto as reflexões de Viana (2010) corroboram essa relação que acontece no cerne dessas representações artísticas com as HQs.

> Mensagens no sentido de atacar/defender governos, no sentido de explicitar as lutas de classes ou tomar partido de uma delas, no sentido de manifestas ideologemas políticos, são visíveis em muitas HQ. O uso dos quadrinhos para repassar mensagens políticas remontam suas origens. (VIANA,2010: p. 06)

Na opinião de Viana (2010) essas mensagens muitas vezes são de cunho político e retratam arenas dentro desse espaço quando também nos fala que:

> A relação entre história em quadrinhos e política é bastante complexa. A Política se manifesta no universo ficcional dos quadrinhos, bem como os quadrinhos, muitas vezes, repassam mensagens políticas. Além disso, as lutas políticas, os poderes instituídos, atuam sobre os quadrinhos, através da legislação, da censura, da pressão, da intervenção direta. (VIANA, 2010, p.01)

Através das palavras de Viana (2010), inferimos que a Charge assim como as HQs são também "carregadas" de conteúdo discursivo político, quando delas emergem na forma de mensagens imagéticas textuais, muitas vezes ocultas, temas pertinentes a obervação do campo das Ciências Sociais como Gênero e feminino.

As questões que envolvem Gênero e feminino dentro do universo do chamado "Humor Gráfico" desde sua produção, passando pela publicação em mídia escrita e atualmente também permeiam uma discussão das lutas e conquistas destes grupos nos últimos anos.

Tomemos como exemplo os casos de Nair de Teffé von Hoonholtz ou Nair de Teffé, considerada por muitos estudiosos do assunto como sendo a primeira mulher cartunista a publicar no Brasil e no exterior, e o da escritora e também cartunista, Patrícia Galvão, a "Pagu" como ficou conhecida.

Embora não seja objeto direto desta pesquisa pontuar diretamente as contribuições femininas de várias ordens políticas, sociais e culturais, incluindo as produções artísticas, particularmente chargística feminina no Brasil, bem como não apenas destas duas mulheres, o

que seria por si só uma importante pesquisa sociológica com viés de Gênero feminino é necessário ao menos de forma introdutória para o momento citar para o momento estas duas personagens femininas dentro do contexto desta pesquisa já que ambas foram na sua época produtoras de material artístico e de cunho também de humor gráfico.

Sendo Nair de Teffé a primeira mulher historicamente apontada em publicar esta forma de material de humor no Brasil, ainda que utilizando um pseudonimia masculino, e Patricia Galvão "Pagu" no meio de suas publicações e militância política tendo publicado também em algum momento algum material com essa aproximação entre humor e política, consideramos relevantes desde já o fato histórico de que presença feminina nos espaços públicos e sobre tudo políticos, como sendo escasso.

A forma como são ainda tratados os legados artísticos dessas importantes personalidades femininas do imaginário nacional, bem como o preconceito encontrado e que sofreram em sua época, já são subsídios iniciais para questionamentos sobre a forma de construção de uma imagem pública feminina no Brasil de ontem e de hoje.

Os dois exemplos utilizados nesta introdução servem apenas para ilustrar as reflexões desta pesquisa a respeito das temáticas de comicidade e política, perpassadas por uma questão de Gênero feminino, as quais pretendemos problematizar ao trazer esta pesquisa.

Assim, ao propormos uma análise de conteúdo através do humor na sua forma de comicidade contidas das nas Charges podem significantemente impactar na construção/desconstrução da imagem pública da então Presidenta Dilma Vana Rousseff, sobretudo quando observa-se, em um primeiro momento, "carregados" de questões que merecem uma reflexão de gênero que perpassam sexismo, machismo ou misoginia, poderemos oferecer recursos e subsídios teóricos e metodológicos mais consistentes para abordagens sociológicas e ou políticas destas narrativas dentro do campo de estudos das Ciências Sociais.

Segundo Bardin *apud* Parnaíba (2014):

> Na definição de Bardin, a análise de conteúdo aparece como "um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens", ainda de acordo com a autora sua intenção é a "inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção) inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)". (S.d., p. 38)

Assim buscaremos a exemplo de obras como "*Sociologia das Histórias aos Quadrinhos*" (1978) de Jacques Marny, "*Uma Introdução Política aos Quadrinhos*" (1982) de Moacyr Cirne, "*Para Ler o Pato Donald*" (1977) de Ariel Dorfman e Armand Mattelart e "*Quadrinhos e Crítica Social. O Universo Ficcional de Ferdinando*" (2013) de Nildo Viana, propor serem estas formas de narrativas imagético textual nas quais uma perene fonte de reflexões, discursos e conteúdos fluem através de canais muitas vezes velados, a exemplo da comicidade presente no humor, promovendo um incessante fluxo de discursos ocultos quase sempre desconhecidos a crítica menos treinada, mas que serão de grande valia se conhecidos e dissecados como parte de estudos, pesquisas e outras aplicabilidades no campo das Ciências Sociais ainda carente destas propostas como nos alerta Viana (2013).

Ao longo desta dissertação observaremos assim como estes discursos de humor, muitas vezes presentes na linguagem imagético textual de seus gêneros como a Charge, permeiam de forma muitas vezes oculta um trânsito de discursos, construtores de críticas políticas, sociais e formações ideológicas como nos afirma Flores (2002, p.10), "a charge constitui-se, uma face visível, de um amálgama de sentidos, de intenções, de crenças, permitindo-nos captar a dinâmica do encontro entre a população e os '*dizeres e pensares*' coexistentes no entorno social".

Ao mesmo tempo, esses mesmos '*dizeres e pensares*' exposto por Flores (2002) e apresentando no construto da Charge, pareceram emergir de forma profunda, apresentando uma face oculta do "dizer e pensar" brasileiro, oferecendo reflexões sobre questões de Gênero e Feminino a partir de um momento muito particular no Brasil que se inicia talvez de forma mais observável a parir de 2010, quando pela primeira vez na história do país se elege para um cargo executivo de Presidente uma mulher, Dilma Vana Rousseff.

Advinda de uma carreira política iniciada ainda na militância juvenil entre os anos de 1960 e 1970, compreendidos entre o Regime Militar e até a chamada "Abertura Política" pelos idos da década de 1980, a engenheira e descendente búlgara, Dilma Vana Rousseff galga paulatinamente cargos nos governos estaduais e funções estatais.

Experimentando os ares da pós abertura política e o cerne das discussões trabalhistas inerentes a formação de novos partidos, inclusive o Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff passa a caminhar politicamente junto a forças políticas ditas de "esquerda", ais quais se sobressaem lideres formados naquele período como o então ex-metalúrgico, Luiz Inácio

Lula da Silva, que depois de duas décadas viria a se tornar Presidente do país por dois mandatos.

Aparentemente discreta e afeita a exibição midiática, a então desconhecida no cenário político nacional, Dilma Vana Rousseff passa a integrar a pasta administrativa de Minas e Energia a convite do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva no seu primeiro mandato ocorrido entre 1998 e 2002 onde desempenha suas funções até que deslocada para Chefia de Gabinete do mesmo mandato, a convite também do ex-Presidente, e é finalmente alçada à candidata a Presidenta nas eleições de 2010, eleição que acaba por vencer se tornando a primeira presidenta na história política do Brasil.

Esse momento *sui generis* histórico da política nacional, permeado pelas recentes conquistas sociais decorrentes dos governos Lula entre 1998 e 2002, e, 2002 e 2004, parece trazer consigo não apenas a euforia decorrente do ápice das lutas sociais e de igualdade de décadas, mas também todo um ranço do eleitor brasileiro sobre questões antes ocultas, mas que emergem com muita força política que passam a afluir por vários canais a partir deste momento.

Neste cenário de quebra de paradigmas, surgem os desafios de continuidade das conquistas do governo Lula, notadamente marcadas por uma visão social em detrimento de um caminho financeiro adotado por outros governos, alinhadas com as mudanças de ordem mundiais financeiras, políticas e sociais, as quais a Presidenta Dilma Rousseff já eleita para um primeiro e segundo mandato, terá de enfrentar.

É nesse caldeirão político e social de condução dos "governos Dilma" que aparentemente se produzem, e principalmente, se difundem na agora popular Internet, uma profusão de Charges com temáticas políticas nacionais, as quais os chargistas, apontam suas canetas ou mouses, não apenas para as questões de economia, governo, etc. Mas também para Presidenta Dilma Rousseff, cujas representações chargísticas que começaram tímidas durante o Governo Lula, ainda em sua fase embrionária, agora toma forma agressiva, por que não dizer violenta, atentando não apenas como imagem pública, mas também pessoal, principalmente pelo fato de ser ela uma mulher.

É a partir deste contexto que toda essa pesquisa se relaciona.

Ao unir comicidade e politica através da charge na construção da imagem da Presidenta Dilma durante os seus governos nesta pesquisa, pretendemos levantar e responder questões onde a Charge com seus discursos imagéticos textuais pode ter tocado questões

singulares de ordem de Gênero feminino, ao extrapolar os limites artísticos, margeando limites muito tênues de violência contra a Presidenta Dilma, ou mais especifico contra toda uma categoria ou grupo de mulheres.

E é a partir deste ponto que iniciamos nossa pesquisa ao apresentar dentro do contexto desta introdução, os objetivos gerais e específicos os quais junto ao aporte teórico, aplicação metodológica, junto a análise de Charge do nosso recorte, as respostas de nossa pesquisa nas palavras finais da conclusão deste trabalho.

Assim, pretendemos construir uma reflexão cuja relação entre comicidade e gênero se imbricam no discurso político através do universo imagético textual da Charge, explicitando a predominância de questões pertinentes as relações de gênero na construção/desconstrução da imagem pública da então Presidenta Dilma Vana Rousseff por meio da Internet, durante seus dois mandatos até o processo de *impeachment*.

Como proposta metodológica para nossa dissertação, adotaremos após toda explanação teórica das temáticas abordadas, uma abordagem de análise de conteúdo através de Bardin (1977), conjuntamente as ideias de Yin (2001) sobre estudo de caso, onde realizaremos uma analise de um conjunto de Charges da então Presidenta Dilma Rousseff, disponibilizados entre 2010 e 2016 coletadas na Internet através de mecanismos de pesquisa de fontes diversas como Jornais, Sites, Portais, Blogs, Redes Sociais e páginas pessoais de chargistas brasileiros, considerando sobretudo aquelas Charges nas quais identificamos discursos visuais e textuais que se apresentam dentro da nossa temática de pesquisa de gênero feminino, em especial, aspectos de misoginia, sexismo e machismo.

Com este objetivo buscaremos encontrar nos constructos imagéticos textuais dessas Charges elementos que ajudem a identificar essas práticas nos discursos chargísticos quando destinados a imagem da Presidenta Dilma durante o seu primeiro e segundo mandato, oferecendo, através dos resultados e reflexões posteriores, ao final dessa dissertação, um caminho teórico e metodológico para se aprofundar a discussão e o estudo da Charge dentro do campo das Ciências Sociais, e um pensar sobre a possibilidade da charge ser uma ferramenta de linguagem para falar de política, principalmente, entre os jovens.

2. A PRESENÇA DA MULHER NA POLITICA

Iniciamos propriamente nossa reflexão com este capítulo onde pretendemos ainda que de forma breve contextualizar a luta pelo espaço da mulher na política como resultado decorrente de um longo processo histórico universal, pontuado por construtos sociais culturais culminando em questões endocêntricas, nas quais o homem, o sexo masculino apresenta-se como presença hegemônica por variadas razões, inclusive biológicas.

Cristalizadas ao longo de milênios, essa construção é descrita pelo sociólogo Pierre Bourdieu, em "A Dominação Masculina" (2002), obra na qual nos ensina que:

> A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode, assim, ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2002, p. 20).

Ainda segundo Bordieu (2002):

> A partir desta diferenciação são atribuídos papeis aos homens e às mulheres, sendo que eles passam a fazer parte da categoria dos dominantes e elas dos dominados. As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres, assinalando-lhes lugares inferiores [...], ensinando-lhes a postura correta do corpo [...], atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas [...], enfim, em geral, tirando partido, no sentido do pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais (BOURDIEU, 2002, p. 34).

Para Bourdieu essa dominação masculina, socialmente construída, seria uma forma específica de violência simbólica, a qual ele define como:

> [...] uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (2002, p. 7).

As ideias de Bordieu (2002), principiam nossa discussão, ao apresentar uma reflexão universal sobre a condição na mulher e dos seus espaços, apresentando como esse construtos são universais, e portanto disseminados pelo ideário de vários povos e culturas, inclusive a europeia da qual somos enquanto povo descentes de colonizadores, caracterizando assim o Brasil, enquanto formado pela colonização portuguesa, um repositório destes construtos que

aqui vão se cristalizar como veremos a seguir.

Historicamente e particularmente no Brasil encontramos no entendimento da historiadora Maria Beatriz Nader uma visão que se imbrica com estas ideias de Bordieu (2002) a luz de nossa realidade na formação do ideário brasileiro da participação e do espaço da mulher, e que portanto agregamos ao nosso entendimento deste capítulo como subsídios para o entendimento da formação dos conceitos da participação da mulher na política brasileira.

Segundo a historiadora, o processo colonial português teve um impacto considerável na formação destes construtos no Brasil, fato que ela observa ao formular que:

> Historicamente, a vida da mulher foi atrelada à instituição familiar, que restringiu o papel feminino em seu interior a uma prática de subordinação ideológica ao poder masculino. Durante milênios, a sociedade ligou a vida da mulher à família e a literatura interpretou essa prática como sendo uma ação passiva e submissa da mulher. A própria educação familiar e religiosa ensinava à mulher apenas o que ela deveria saber para bem conduzir uma unidade doméstica, respeitando e obedecendo seu marido, o chefe da família (NADER,1998, p. 61).

Para a historiadora o fato dos portugueses trazerem consigo o ideário hegemônico de dominação masculina formado na Europa para o Brasil, impactou profundamente na construção de um ideário brasileiro de mesma natureza, transpondo para os moldes locais esse construto, no qual:

> O imaginário social que se desenvolvia na sociedade localizava a esfera privado-doméstica como refúgio moral da esfera público-política amoral e perigosa em que as mulheres puras neutralizavam as aspirações destruidoras desse mundo público. Por isso, se a mulher convivesse com a esfera públicopolítica, seria corrompida pela familiaridade com a força e a violência, característica masculina da esfera pública, sujeitando-se assim a perder as qualidades de pureza e ingenuidade tão características da esfera privado doméstica (NADER, 1998, p. 61).

Na opinião da historiadora as mulheres das sociedades ocidentais foram educadas para uma posição inferior ao homem, o que de se certa forma constituiu um impacto nas comunidades nativas aqui existentes quando da chegada dos portugueses, em cuja chamada divisão do trabalho trazia esse formato.

É factível então observar que já no cerne da formação de nosso país a dominação masculina encontra-se presente, sobretudo quando confrontados com questões de quando e

onde a mulher deveria estar e de que forma deveriam se ocupar de atividades laborativas que não as masculinas.

Segundo Nader (1998), essas ocupações se daria da seguinte forma:

> Outra opção de trabalho para as mulheres envolvia aqueles que podiam ser feitos em casa, como a costura. Isso acontecia porque desta forma elas não precisariam se ausentar do lar para ajudar a complementar a renda da família, conciliando assim o trabalho doméstico com as atividades remuneradas (NADER, 1998, p. 62).

No entanto, segundo a historiadora, foi a partir deste momento que as mulheres passaram a se organizar, inclusive no sentido de reivindicar direitos e negar costumes (NADER, 1998, p. 63).

A historiadora também observa que as duas Guerras Mundiais ocorridas no século XX foram importantes na conquista de espaço público de atuação pelas mulheres, onde estas foram ocupar "[...] todos os espaços deixados livres pelos homens que guerreavam ou haviam se tornado prisioneiros, ou mesmo aqueles que haviam morrido" (1998, p. 64).

Porém com o fim destes momentos históricos os espaços voltam a ser ocupados pelos homens, e as mulheres são reconduzidas a seus espaços, fazendo destes momentos um fluxo e um refluxo das conquistas femininas ainda não devidamente efetivadas por um marco social estavel, o que só vai começar a acontecer nas próximas décadas, principalmente a partir da decada de 1960, "[...] vários grupos femininos debruçaram-se sobre problemas voltados para a vida da mulher" (NADER, 1998, p. 65).

Para Nader as mulheres obtiveram êxito, já que a "[...] explosão de reações femininas caracterizou pura e simplesmente a destruição do poder masculino instituído há milhares de anos, com o qual subjugaram as mulheres" (1998, p. 65).

Neste sentido ainda nos esclarece Nader (1998);

> A grande participação da mulher no campo político, no mercado de trabalho, nos programas educativos que proporcionavam uma profissão, enfim, em todos os setores durante séculos, aos quais, lhes foi negada a participação, afetou sensivelmente as relações nas unidades domésticas, provocando mudanças radicais em suas estruturas. Uma dessas mudanças diz respeito ao histórico papel individual da mulher no interior da família, visto como ser passivo de reprodução, que ganhou menos espaço no seu cotidiano enquanto

> a sua inserção no contexto global da sociedade ganhou mais espaço. Se antes o espaço doméstico era tido como naturalmente feminino e a mulher era sustentada pelo homem, agora são as mulheres que detêm grande parte do controle sobre os recursos familiares e desempenham um papel fundamental na vida econômica da família (NADER, 1998, p. 68).

Porém como aponta Parnaiba (2014), "Essas conquistas se focaram principalmente no âmbitos político e econômico, e não nos parecem capazes de garantir liberdade e igualdade a todas as mulheres [...]", Parnaiba (2014, p.19).

Embora compreendamos a necessidade de continuidade dessas lutas pela extensão desses direitos e igualdades das mulheres, para o nosso trabalho no entanto, consideramos que o fato principal desses marcos históricos terem estabelecido um momento político propício para o debate da participação política da mulher, como aponta Parnaiba (2014), como pertinente para esta breve introdução sobre mulher na política, para contextualizar dentro do espaço brasileiro essa temática no próximo tópico.

2.1 Uma breve histórico das lutas das mulheres na Política brasileira

> De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), A luta por esta conquista [de a mulher votar e ser votada] durou mais de 100 anos, pois o marco inicial das discussões parlamentares em torno do tema começou nos debates que antecederam a Constituição de 1824, a qual não trazia qualquer impedimento ao exercício dos direitos políticos por mulheres, mas, por outro lado, também não era explícita quanto à possibilidade desse exercício (TSE.JUS.BR, 2013).

A Participação política feminina e em especial no Brasil, se constitui se observada historicamente em uma linha temporal cujos desafios a priori apontam para conquistas intercaladas entre mudanças de estruturas sociais, políticas e culturais gerais, e por momentos gradativos do avanço feminino em todas as frentes políticas, mas em especial na participação direta de eleições de cargos eletivos.

> Falar sobre a trajetória política das mulheres brasileiras é tratar de conquistas de direitos, de espaço para atuação. É também abordar as mudanças ocorridas na sociedade que fizeram com que a mulher deixasse de ter apenas o lar como palco de atuação e passasse a estar presente também nas escolas e

> universidades, no mercado de trabalho, nos mais variados tipos de associações e sindicatos, nos órgãos políticos em geral, enfim, em todas as instâncias sociais. É falar sobre luta, democracia, opressão, estereótipos, preconceitos, vitórias etc... (PARNAIBA, p.29, 2014).

Historicamente a luta Política das mulheres no Brasil como participação a cargos eletivos percorreu um caminho histórico de lutas e conquistas gradativas para se autoformar como diferencial político a partir de 1920, onde segundo Parnaiba (2014):

> No Brasil, a luta por maior participação política feminina tem início por volta de 1920, quando as participantes do movimento conhecido como o das sufragettes, em contato com as líderes internacionais do mesmo movimento, começam a articular mulheres das elites das capitais brasileiras na busca por direitos políticos (AVELAR, 2001, p. 18). (PARNAIBA, 2014, p. 11).

Observa-se portanto que a aproximação do ideário feminino brasileiro com movimentos internacionais como o das "sufragettes", os quais já apontavam na direção internacional ocidental de um acirramento na busca por espaços políticos das mulheres a nível mundial, sobretudo nos Estados Unidos, pautado por princípios de direitos democráticos históricos, propiciou a criação de movimentos semelhantes no Brasil, destacando-se portanto em um relevante marco histórico desse momento de lutas femininas no espaço político.

Assim nos ensina Averlar (2010), que "em 1922 foi fundada a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, que, filiada à *International Woman Suffrage Alliance*, impulsionaria o movimento pela conquista do voto feminino (AVELAR, 2001, p. 19).

Historicamente outro marco relevante ocorreu em 1928, quando é eleita a primeira prefeita de uma cidade brasileira, Alzira Soriano, em Lages (RN). Porém, esta eleição só foi possível com uma mudança no Código Eleitoral do Rio Grande do Norte, pelo político Juvenal Lamartine de Faria, que permitia o direito da mulher de votar e se eleger (TSE.JUS.BR, 2013; AVELAR, 2001). (PARNAIBA, 2014, p. 11)

Neste percurso Parnaiba (2014), destaca ainda, que só depois em 1932, através de um decreto presidencial do então Presidente Getúlio Vargas, o direito ao voto feminino foi definitivamente efetivado:

> O direito da mulher ao voto em nível nacional se deu por meio do Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, do então Presidente da República Getúlio Vargas, em resposta ao Código Eleitoral de 1932, que em seu artigo 2º afirmava: "É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código". Mas, somente dois anos depois, em 1934, com a inauguração de um novo Estado Democrático de Direito, por meio da segunda Constituição da República, esses direitos políticos conferidos às mulheres foram assentados em bases constitucionais. No entanto, a nova Constituição restringiu a votação feminina às mulheres que exerciam função pública remunerada. (TSE.JUS.BR, 2013). Ainda assim, apenas em 1946 as mulheres votariam efetivamente, já que durante o período que ficou conhecido como a ditadura de Getúlio Vargas, esse direito foi diluído (AVELAR, 2001, p.20). O artigo 131 da Constituição de 1946 assegurava à mulher, bem como a qualquer outro cidadão maior de 18 anos, este direito: "São eleitores os brasileiros maiores de 18 anos que se alistarem na forma da lei" (TSE.JUS.BR, 2013). (PARNAIBA, 2014, p. 12)

E por fim, destaca Parnaiba (2014):

> Já na década de 1990, a Lei de Cotas surge para assegurar uma porcentagem mínima de mulheres nas disputas eleitorais. Criada em 1995, a Lei nº 9.100, determinou que, no mínimo, 20% das vagas de cada partido fossem destinadas a candidatas mulheres nas eleições municipais de 1996. Em 1997, com a Lei nº 9.504, esse percentual mínimo aumentou para 25% para as eleições de 1998, incluindo mais cargos eleitos por voto proporcional (Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas Estaduais e Câmara Distrital), e 30% para as posteriores (AVELAR, 2001, p. 80; GROSSI; MIGUEL, 2001, p. 169; TSE.JUS.BR, 2013). (PARNAIBA, 2014, p. 12)

Também nos aponta historicamente Parnaiba (2014) que:

> Em 1994, no Maranhão, Roseana Sarney torna-se a primeira mulher a governar um estado brasileiro. E a primeira mulher eleita a presidente, foi Dilma Rousseff, em 2010. (PARNAIBA, 2014, p. 12)

Ao adentrarmos referencialmente na década de 1990 e seguindo essa breve linha de tempo apresentada por Parnaiba (2014) e Avelar (2010) do histórico da política brasileira e as conquistas femininas, podemos observar concernente a questão da participação política da mulher no Brasil que esta é recente, porém pontuada de marcos significativos, que ao longo da história brasileira se firmaram gradativamente relevantes para os fatos posteriores neste sentido, sobretudo nas décadas seguintes culminando com a eleição da primeira mulher ao cargo executivo nacional. Embora a primeira candidatura para este cargo aconteceu em 1998,

quando Thereza Ruiz, candidata do PTN (Partido Trabalhista Nacional), concorreu com outros onze candidatos (GROSSI; MIGUEL, 2001, p. 170).

Para Lima (2010), o ineditismo da presença das mulheres nos espaços políticos, sobretudo na ocupação de cargos eletivos até pouco tempo era causa de estranhamento, onde:

> Até bem pouco tempo falar em candidaturas femininas no Brasil para o parlamento soava quase um absurdo, o que dizer para a campanha à Presidência da República! Depois das vitórias de Michelle Bachelet no Chile e de Cristina Kirchner na Argentina, o panorama das Eleições na América Latina e do significado da prática política, parece abrir espaço para novas representações e configurações de candidaturas femininas. (LIMA, 2010, p. 6)

O ano 2010 parece emergir historicamente dentro do cenário nacional, como sendo o ápice destas conquistas, graças não apenas a chegada de duas mulheres a corrida presidencial, Maria Osmarina Marina Silva Vaz de Lima (PV) e da própria Dilma Vana Rousseff (PT), mas com a eleição desta última, descendente búlgara e mineira de Belo Horizonte, a presidência da República, em 31 de Outubro de 2010.

A chegada ao poder máximo do país em 2010 por uma mulher através do voto direto em um processo democrático de fato e direito, parece apontar não apenas uma mudança de paradigma da politica nacional até então reduto exclusivo quase que masculino, mas parece também a partir deste momento representar um grande salto nas conquistas femininas no cenário político nacional cuja ressonância acompanha fenômenos semelhantes em países vizinhos a exemplo do Chile e da Argentina na América Latina, ao que parece aglutinando de forma definitiva e firmando um marco político.

2.2 A História Dilma conquista

> No âmbito da política, desde primeiro de janeiro de 2011, passamos a ouvir e ler frequentemente a palavra “presidenta” – que para uns soa como um erro, mas que o dicionário Houssais define como “mulher que exerce o cargo de presidente de uma instituição”, “mulher que se elege à presidência de um país”, “mulher que preside (sessão, assembleia, reunião etc.)” (HOUAISS, 2013)3 – referindo-se a Dilma Vana Rousseff, a primeira mulher eleita ao

> cargo de Presidente da República Federativa do Brasil. (PARNAIBA, p.19, 2014).

Na esteira das conquistas femininas pelo direito ao voto e pela participação ativa na politica nacional apresentados por Parnaiba (2014) e Lima (2011), acompanhamos um desfecho histórico quando finalmente em 2010 é eleita a primeira mulher a ocupar o cargo máximo de presidenta do Brasil, Dilma Vana Rousseff.

A então mineira Dilma Rousseff desde cedo apresenta inclinações políticas e se destaca durante um período crucial da história política brasileira ao integrar movimentos estudantis e grupos de resistência ao então Governo Militar, instituído partir de 1964.

Com participação direta em lutas estudantis, sociais e movimentos de resistência, por vezes a biografia de Dilma Vana Rousseff se confunde com a própria história destes movimento no Brasil, sobretudo nos períodos de Governo Militar, se constituindo em uma rica trajetória cujo o enlace acompanha as lutas femininas em diversas partes do mundo por direitos.

Segundo Lima (2010):

> Dilma Rousseff é detentora de uma biografia que comprova sua força, dedicação e luta no que diz respeito às ações políticas e sociais. É uma Mulher que enfrentou desde muito cedo as barreiras do preconceito e o peso do machismo fortemente arraigado numa sociedade patriarcal como a brasileira. A candidata Dilma Rousseff ingressa nos bastidores da política muito cedo; aos 19 anos inicia uma luta contra a Ditadura Militar, e é perseguida, presa e torturada por três anos, durante o regime militar. Após o fim da Ditadura muda-se para Porto Alegre onde começa a trilhar sua carreira política. Lá exerce os cargos de Secretária da Fazenda e Secretária de Minas e Energia. Sua competência garantiu-lhe o ministério de Minas e Energia, a Presidência do Conselho da Petrobrás e o ministério da Casa Civil, cargos antes, nunca ocupados por mulheres. (LIMA, 2010, p. 12)

Dilma Vana Rousseff, nascida no dia 14 de dezembro de 1947 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de Péter Russév, imigrante búlgaro, que virou Pedro Rousseff e da professora Dilma Jane Silva, nascida em Resende, Rio de Janeiro.

Na adolescência, interessou-se por ideais socialistas. No período do regime militar, que durou entre os anos de 1964 a 1985, atuou em movimentos revolucionários. Foi presa e

torturada pela Operação Bandeirante (Oban) e pelo Departamento de Ordem Política e Social, tendo sido libertada em 1977. Graduou-se em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Inicia sua vida política no Estado do Rio Grande do Sul atuando pelo PDT-Partido Trabalhista do Brasil. Entre 1985 e 1988, foi Secretária da Fazenda do Governo Municipal de Porto Alegre. No início dos anos 1990 atuou como presidente da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. Em 1993 tornou-se secretária de Energia, Minas e Comunicações do Rio Grande do Sul, no governo de Alceu Colares. De 1999 a 2002, foi Secretária de Minas e Energia do governo daquele Estado. Em 2001, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), quando esse era presidido por Luís Inácio Lula da Silva.

Depois da vitória de Lula nas urnas, Dilma Rousseff atuou como ministra de Minas e Energia até 2005, quando assumiu posteriormente o cargo da Casa Civil no período de gestão do então presidente Luís Inácio Lula da Silva e posterior sucessora deste no Governo.

> A crise da sucessão presidencial de Lula se mediu pelo fato deste ter imposto (literalmente) ao PT a candidatura de Dilma Rousseff, apresentando-a como a "herdeira e continuadora" de sua política econômica, em especial do PAC, sem qualquer programa para enfrentar a fraqueza, dependência e fragilidade externa da economia brasileira (a não ser vagas e hipotéticas referências à exploração do petróleo da camada pré-sal), e sem nenhum balanço das políticas de enfrentamento da crise econômica mundial. Tratou-se de uma saída de crise à crise do PT provocada pelo mensalão e a cassação do "sucessor natural" de Lula, José Dirceu: Dilma Rousseff não possuía qualquer trajetória política no partido, que se via assim reduzido a mero instrumento do círculo político imediato de Lula: "No Congresso do PT, o plenário deu poder total ao comando para decidir as alianças que quisesse e intervir qualquer seção estadual que não se alinhasse. Grupos à esquerda dos dirigentes fizeram discursos de crítica, com poucos aplausos. (COGGIOLA, 2011, p. 105)

Em 2010 é eleita como sendo a primeira mulher para presidente da história do Brasil, tendo sido reeleita em 2014 para o mandato de 2015/2018.

> A Campanha Eleitoral de 2010, particularmente a eleição para Presidência da República, entra para a história por vários motivos: primeiro, pela vitória em segundo turno da primeira mulher Presidenta do Brasil; segundo, pela

> forma como se deu à construção da imagem pública dos candidatos em uma acirrada e incansável maratona de construção/desconstrução dessa imagem (GOMES, 2004) marcadas por uma disputa emocionante e, por último, pelo espaço e papel desempenhados pelas redes e mídias sociais que permitiram uma visibilidade ímpar à campanha eleitoral, aos candidatos e aos eleitores. (LIMA, 2010, p. 01)

Ainda segundo Lima (2010),

> As duas candidaturas e a conseqüente e expressiva vitória da candidata Dilma Rousseff, certamente não só abalou as estruturas e as percepções do espaço da política, que tem sido ao longo da história, ocupado majoritariamente por homens, como provocou à discussão sobre a emergência do feminino na política remexendo e reavaliando a cultura política no Brasil. (LIMA, 2010, p. 07)

Encerrada a competitiva campanha no dia 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff se elegeu a primeira mulher Presidenta do Brasil. Ela recebeu mais de 55 milhões de votos de homens e especialmente de mulheres.

> A partir de 2010 a história política brasileira sofreu alguns marcos significativos e transformadores. Os mais expressivos são: A primeira vez que uma mulher ganhou as eleições presidenciais no País. A vitória de Dilma Vanna Rousseff (PT), no segundo turno, sobre o candidato José Serra (PSDB), trouxe para o debate político nacional a importância de se discutir a presença feminina no mundo da política e a utilização massificada da internet por parte dos candidatos e seus eleitores. Através das mídias sociais os postulantes aos cargos eletivos experimentaram um mundo de possibilidades para a conquista de votos e os eleitores tiveram a oportunidade de interagir e acompanhar as campanhas eleitorais de uma forma bem mais expressiva. (LIMA, 2014, p. 06)

O primeiro governo de Dilma Rousseff empreende inicialmente a continuidade de projetos do governo Lula ao cumprir promessas de campanha cujo plano de governo tem como prioridade o bem-estar social, porém ao longo de seu governo aprimora ainda mais os papeis sociais do governo na atenção de questões sociais os quais sofre resistência de diversas correntes políticas que forma a então base do seu governo.

Ainda em 2013 explodem pelo país diversas manifestações políticas de cunho aparentemente apolítico em varias cidades, exigindo reformas políticas e sociais que exacerbam ainda mais o atual acirramento entre os poderes, e emergem cada vez mais na mídia que realiza então intensa cobertura jornalística, não raro principalmente pelas chamadas hegemônicas que aparentemente a partir deste momento passam a exercer um papel determinante na condução da midiatização das informações junto a população.

Ainda durante as campanhas para a Eleição de 2014 destacam-se publicamente na mídia os primeiros anos de seu segundo mandato com um acirramento entre as demandas institucionais dos poderes executivos, legislativo e judiciário, e também ao que parece midiático.

A campanha de 2014 torna-se agressiva e cercada de hostilidade por parte de alguns dos outros candidatos, e interpõe desafios cada vez mais imbricados com os poderes legislativo e judiciário cujo governo depende para continuidade das reformas em andamento, o que já no ano de 2015 apresenta-se como um desafio cada vez mais extenuante, sobretudo pela participação massiva das chamadas mídias hegemônicas.

As discussões tanto entre os meios políticos quanto dos cidadãos se elevam cada vez mais, e passam a integrar meios até pouco utilizados e conhecidos como espaços de poder político neste âmbito de conflitos dentro de uma eleição ao cargo executivo nacional, como as Redes Sociais, que se apresentam ao que parece naquele momento como um termômetro da política nacional, bem como uma arena onde estes conflitos atingem arranjos desarmônicos entre os usuários que perpassam diversas temáticas, não raro emergindo discursos de ódio e violência em diversos níveis de ambos partidários das campanhas.

Eleita em 2014 mesmo dentro deste cenário conturbado e com uma margem de votos apertada, Dilma enfrenta o rescaldo da campanha que ao que parece não ter fim, os ânimos ainda acirrados entre os poderes, as mudanças de conjuntura das políticas locais que alteram o quadro de base de sustentação do governo e a insistência do principal candidato derrotado em não reconhecer a eleição dão o tom nefasto destes dois primeiros anos do segundo governo Dilma, cujo ápice se apresenta ainda em 2016 na metade de seu segundo mandato.

Em 2016 é vítima de um processo *impeachment* iniciado no dia 2 de dezembro de 2015, quando a Câmara dos Deputados, presidida pelo então Deputado Federal Eduardo

Cunha (PMDB/RJ), que viria a ser caçado por falta de decoro parlamentar também em 2016, aceitou um dos pedidos de impedimento contra a presidente apresentado por grupos contrários ao seu governo emergido ainda durante as manifestações de 2013.

Posteriormente no dia 17 de abril de 2016 a Câmara dos Deputados votou e aprovou a admissibilidade do pedido com 367 votos favoráveis e 137 contrários. No dia 12 de maio de 2016, o processo foi aprovado pelo Senado com 55 votos favoráveis e 22 contrários, obrigando a presidente a se afastar do cargo durante 180 dias, período em que o processo passou pelo julgamento final junto ao STF. Nesse período, o vice-presidente Michel Temer passou a exercer o cargo, como presidente interino.

No dia 31 de agosto de 2016, o Senado Federal aprovou o pedido de *impeachment* de Dilma Rousseff, que sofrendo intensa pressão política e sobretudo, midiática nas principais meios hegemônicos jornalísticos impressos, na TV e na Internet, deixa definitivamente o cargo, e entra para a história das lutas políticas das mulheres no Brasil.

2.3 As Charges de Dilma

O dia 31 de Outubro de 2010 não marcou apenas a ascensão da primeira mulher a ocupar o cargo máximo do executivo no Brasil ocupado então pela Presidenta eleita em primeiro e segundo turnos, Dilma Vana Rousseff. Este dia demarcou também a popularidade de um novo ambiente de disputa política, a Internet.

Seja através das Redes Sociais, ou por outros meios de interação da Internet, o fato marcante deste período da política brasileira foi o conjunto *sui generes* até então destes novos fatores, como pondera Lima (2010):

> O ciberespaço aqui representado pelas redes e mídias sociais – twitter, facebook, orkut, blog, youtube, entre outros, redimencionam a cultura política e a prática de fazer política no Brasil e foi utilizado amplamente para a difusão de propaganda política com vistas a construir e desconstruir candidaturas; temas considerados "tabu" como aborto, filiação religiosa e união civil de pessoas do mesmo sexo, foram difundidos através de diversificadas redes, propiciando a criação de um verdadeiro "circuito de boatos" (BARREIRA, 1998) que ao ganharem a dimensão da web, permitiram a produção de múltiplos discursos sobre diversificados temas num jogo altamente perigoso de acusações, julgamentos, afirmações tácitas

> nem sempre comprovadas, amparadas num corolário de denúncias, cujos enredos são aqueles de que mais se ressentem as culturas: o desrespeito à diversidade e a multiplicidade culturais. (LIMA, 2010, p. 01)

Percebe-se na reflexão de Lima (2010), já algumas características e espaços de discussão deste momento político o qual escolhemos como recorte de nossa dissertação, a considerar a eleição da primeira mulher a presidência do Brasil, o cenário político e social do país, bem como o destaque para o espaço da Internet, cujos meios de interação permitiram um novo arranjo político dos candidatos e eleitores frente a participação destes atores na construção e na desconstrução de suas imagens públicas.

Neste sentido nos ensina Lima (2010), em específico sobre o fenômeno da eleição da então candidata eleita, Dilma Vana Roussef.

> A imagem pública da candidata foi algo bastante trabalhado durante a sua campanha. Particularmente no que diz respeito a sua imagem plástica, a mudança no seu visual gerou comentários em toda a imprensa. Correções na face, um novo corte de cabelo, o uso mais intenso de maquiagem e a mudança de seu vestuário, garantiram a Dilma uma acentuação da sua feminilidade. A analogia entre mulher e beleza fez com que os organizadores de sua campanha investissem nessa nova imagem. (LIMA, 2010, p. 17)

E ainda:

> Além da mudança na aparência física, Dilma precisou desconstruir a imagem de mulher autoritária e arrogante. Assim que seu nome foi cotado para a disputa eleitoral diversas críticas foram feitas pela imprensa a respeito de seu possível "temperamento forte". A polêmica de que até mesmo Ministros teriam se queixado ao Presidente Lula quando esta era Ministra da Casa Civil, reforçou a representação de "mandona". (LIMA, 2010, p. 17)

Ironicamente iremos posteriormente observar que o mesmo fato de ser mulher, bem como a própria Internet que ajudou a elegê-la, será amplamente utilizada como forma de desconstrução da sua imagem pública pela mídia.

Sobre este ponto pondera Lima (2010):

> Da mesma forma que a Internet foi sua aliada na divulgação de suas propostas de governo e para conquista dos votos dos eleitores, também foi

> um dos seus principais algozes. Todos os dias escândalos a seu respeito eram postados na rede: aceitação da prática do aborto, das relações homoafetivas, além das discussões envolvendo as igrejas evangélicas e católicas e fatos tais como o "Caso Eunice Guerra" sobre o tráfico de influências envolvendo a Casa Civil. (LIMA, 2010, p. 19)

Já percebemos a partir deste ponto em nosso trabalho que o fato de uma candidata do sexo feminino ter sido eleita, e o uso intensivo da Internet como novo espaço da campanha eleitoral de 2010, ao mesmo tempo que se tornaram marcos divisórios nos processos eleitorais brasileiros, passaram a compor a posteriori um conjunto simbiótico na promoção de ataques pessoais e públicos a imagem da então presidenta através da mídia.

Com o acirramento das discussões políticas advindas do processo eleitoral conturbado de 2014, emerge-se então uma nova arena através das Redes Sociais, as quais são incessantemente alimentadas ao que parece pelo conteúdo cada vez mais crítico das mídias hegemônicas que passam a se lançar como formadoras de opinião contra o governo.

Neste contexto emerge a mídia como crítica do Governo, e em especial da mídia jornalística na própria Internet, que passa então movida por interesses a gradativamente desempenhar o papel de algoz do novo Governo, fomentando críticas na forma de colunas, editoriais e de Charges, cujos aspectos constitutivos não escondem os canais os quais perpassam discursos insuflados de preconceito, os quais neste caso da presidenta Dilma pretendemos identificar práticas de misoginia[5], machismo[6] e sexismo[7] entre outras que extrapolam o jornalístico, o qual pretendemos demostrar e cujo intento é objeto de nossa pesquisa de mestrado.

É neste cenário no qual convergem ruptura de paradigmas com a eleição da primeira mulher no Brasil, intensas ebulições políticas sociais, cenário midiático desfavorável e a Internet emergindo como arena de acirrados e violentos debates através das Redes Sociais que

---

5 Segundo o sociólogo e autor do Dicionário de Sociologia, Allan G. Johnson, "a misoginia é uma atitude cultural de ódio às mulheres porque elas são femininas", e ainda: "a (misoginia) é um aspectos central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma base importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifesta em várias formas diferentes, de piadas, pornografia e violência ao auto-desprezo que as mulheres são ensinadas a sentir pelos seus corpos." Consultar: http://ethosproject.blogspot.com.br/2012/04/misoginia-e-machismo.html. Postado em 14/04/2012, acesso em 29/10/2017.

6 No Artigo da pesquisadora Mary Pimentel Drumont, "[…] um sistema de construções simbólicas, que mistifica, as relações de exploração, dominação e sujeição entre o homem e a mulher." Consultar: http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377, acesso em 29/10/2017.

7 Na definição do Artigo da pesquisadora Karin Ellen von Smigay publicado em 2002, "[…] seria a discriminação em relação às pessoas de outro sexo, notadamente do outro gênero social, legitimando a violência contra mulheres e todos aqueles que, em determinadas circunstâncias, são reconhecidos como tendo uma posição feminilizada" Consultar: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041214154032.pdf, acesso em 29/10/2017.

nos aproximamos do objeto de nossa dissertação sobre comicidade e política através da Charge.

A Charge enquanto forma de humor carrega todo um conteúdo político que ganha cada vez mais visibilidade na Internet e em quase todos os Jornais brasileiros, tentaremos demonstrar como o uso desse veículo de comunicação – a charge, serviu para construir ou desconstruir a imagem pública da Presidenta Dilma Rousseff.

Porém essa conquista parece ter apresentado ao cenário nacional da política e ao eleitorado brasileiro um novo paradigma. Aquele antes defendido da mulher dona de casa, "do lar", sensível e avessa aos embates de opinião, historicamente construído na cultura nacional como já vimos, passa a ser confrontado com a imagem pública de uma mulher, solteira, mãe, avó e independente que passa a ocupar um cargo máximo de comando do país.

Ademais a crítica cotumas da política tradicional desde sua origem, passa-se a observar (parte desta pesquisa procura demostrar isso) no novo teatro político nacional uma efusão de críticas, sobretudos políticos advindas dos jornais, não apenas ao aspecto governamental, mas que aproxima-se da imagem pública, e muitas vezes pessoal de Dilma Rousseff, momento em que emerge um desses canais de forma muito proeminente, a Charge.

A tradicional forma jornalística de agregar em seus editoriais e colunas essa representação, verte-se num sorvedouro dos queixumes políticos, que devido à capacidade da Charge de constelar temáticas que gravitam em seu entorno social e político, a tornam portadores de conteúdo os quais pretendemos olhar mais de perto com esta dissertação.

Assim ao apresentar um cenário de presença das mulheres na política, fazendo ainda um recorte com escala temporal histórica desse movimento nacionalmente, culminante com o ápice da eleição de Dilma em 2010 ao executivo, chegamos ao enfoque principal de nossa pesquisa, quando veremos paulatinamente a partir deste ponto a Charge e construtos, as relações entre comicidade, política e gênero feminino.

3. FALANDO DE CHARGE

Neste capítulo abordaremos em detalhes a temática da Charge, considerando pontualmente algumas questões as quais julgamos pertinentes a esta pesquisa.

Com essa abordagem queremos dizer inicialmente que não pretendemos esgotar o assunto, tão pouco pormenorizar questões pontuais, mas tão somente apresentar um quadro teórico principal sobre a temática, buscando prioritariamente compreender alguns ângulos e nuances os quais esse *corpus* se enquadra em nossa pesquisa, de forma que uma melhor compressão deste assunto para que possa essa teoria colaborar da melhor forma na construção da dissertação, sem tão pouco tratada com reducionismo, bem como de forma a não extrapolar essa modalidade de apresentação acadêmica sua explanação.

Assim, inicialmente desses esclarecimentos introdutórios, vamos realizar o seguinte percurso de entendimento dessa temática, abordando em ordem respectiva a historicidade da Charge, definições de Charge, e por fim a aproximação desse gênero narrativo com o meio jornalístico.

Consideramos que estes três aspectos para o momento sejam suficientes dentro da nossa proposta de escrita, por comporem ao mesmo tempo um quadro geral sobre a temática, bem como servir de aporte teórico para o processo analítico das Charges sobre Dilma Rousseff.

Inicialmente propomos apresentar uma proposta de marco histórico para o surgimento da Charge, situando o leitor dentro do universo chargístico já desde sua origem conhecida e documentada como forma de compreender os desdobramentos evolutivos dessas representações, bem como compreender como desde o início estas narrativas já se apresentam ressonantes a questões políticas.

Neste ponto esclarecemos ainda que se fará necessário que esta historicidade venha contemplar também uma breve apresentação da história da Charge no Brasil, como parte de um entendimento geral do que representa essa forma narrativa para o viés brasileiro o qual encontra-se inserida esta pesquisa.

Em seguida apresentaremos algumas definições de Charge referenciadas como tentativa não apenas de compreender essa temática através de sua terminologia, mas também de desenvolver dentro das reflexões oferecidas um ponto de observação do que seja Charge que possa servir de referência a partir de então em nossa pesquisa.

Com esse propósito veremos através de alguns autores referências as questões do que seja Charge dentro do universo chamado de “humor gráfico”, ambiente também onde transitam outras formas de representação como a Caricatura e o Cartum, bem como as Tiras e Histórias em Quadrinhos.

Neste contexto, chamamos atenção ainda para o fato deste trabalho e neste capítulo iniciar por esclarecer o que não seria Charge, assim começando por explorar as temáticas de Caricatura e depois Cartum, e tão somente ao final se deter especificamente sobre Charge.

Esta estratégia teve como objetivo prover o leitor de um esclarecimento prévio dessas temáticas de Caricatura e Cartum que possibilitem ao chegar a discussão sobre Charge já com certa clareza do assunto, uma vez que como dito por alguns autores, essas temáticas todas se imbricam pelo humor, e por vezes esse vínculo tornar pouco claro os limites de demarcação fixa conceitual entre eles.

Ao final das discussões da historicidade e definições dessa temática veremos as aproximações da Charge junto aos meios jornalísticos, e o quanto essa simbiose de comunicação favorece a ambos na massificação de informações e mensagens, estas as quais, como veremos, portadoras dos conteúdos que nos propomos a observar e analisar em nossa pesquisa.

A partir desse ponto, como já discutido, iniciaremos apesentando as temáticas de Caricatura, Cartum e Charge, nesta ordem como já esclarecida de forma a favorecer que ao introduzir os conceitos de Charge por último já teremos visto o que "não é Charge", assim simplificando as reflexões pontuais desta quando ao final.

Lembremos que será no tem de Charge desse capítulo que adentraremos pontualmente nas questões inicialmente pautadas neste capítulo de historicidade, terminologias e definições, bem como da aproximação desta com o meio jornalístico.

3.1 Caricatura, Cartum e Charge: Três formas críticas de humor

Enquanto público consumidor de material jornalístico, observamos não raro nos meios midiáticos, sejam editoriais, colunas e ou espaços dedicados exclusivamente a expressões de humor cuja natureza dos formatos se baseiam principalmente no que se denomina popularmente como Caricatura, Cartum e Charges, e que embora havendo outras formas destas expressões como Tiras de Quadrinhos e Histórias em Quadrinhos, estas três principalmente se destacam como sendo bastante antigas e populares nestes meios, sejam impressos e ou através da Internet.

Sobre estas formas de expressão de humor principais, a caricatura, o cartum e a charge oferecem considerável material teórico já produzido como podemos observar nas referências desta pesquisa, sobretudo pretendendo de alguma forma, esclarecer as principais diferenças e caraterísticas destas formas de humor gráfico entre si.

A princípio o fato de estarem ligadas umbilicalmente pelo humor, aqui no contexto bergsoniano, já causa alguma confusão, porém também o fato de que muitas vezes essas formas se mesclam também na sua forma técnica de produção apresentando características gráficas e artísticas semelhantes, por vezes torna-se um fator crítico o qual buscaremos mitigar com este capítulo já que estaremos em nossa pesquisa tratando pontualmente da charge, uma destas formas.

Assim partiremos do pressuposto de alguns autores cujos trabalhos são dedicados a este recorte teórico a ser apresentado a seguir, de que existem diferenças por vezes sutis por vezes explicita, as quais nos possibilita trabalhar, individualmente, estas definições, nos permitindo, a posteriori, estabelecer o recorte especifico de charge como o *corpus* de analise em nossa pesquisa.

Para fins de melhor elucidarmos nosso propósito analítico, iniciamos este tópico seguindo a orientação de percurso de Macêdo (2012), quando nos ensina que apresentar a charge, a caricatura, cartum e charge como conceitos separados possibilitam ao leitor que ele identifique e compreenda cada uma dessas linguagens humorísticas, onde:

> Tendo em vista que muitos leitores confundem os conceitos e o termo adequado para cada traço humorístico, optamos para uma compreensão significativa deste trabalho, a diferenciação das linguagens humorísticas como (caricatura, cartum e a charge). Apresentar a charge, a caricatura e o cartum como conceitos separados possibilitam ao leitor que ele identifique e compreenda cada uma dessas linguagens humorísticas.”. (MACÊDO, 2012: p.32)

Acrescenta Pagliosa (2005, p. 115), “essa preocupação em distingui-los se faz oportuna dada a utilização que se observa de um termo por outro, indiscriminadamente. Compreensível, até certo ponto, essa confusão terminológica, visto que os três tem em comum o humor e a visualização.”

De forma geral observamos segundo Melo (2003), o cartum, a charge e ainda o comic, ou história em quadrinhos, são tipos de caricatura, neste sentido como sendo comumente

assim definidos:

a) Caricatura (propriamente dita) é o "[...] retrato humano ou de objetos que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos. Sua finalidade é suscitar risos, ironia. Trata-se de um retrato isolado" (2003, p. 167);

b) Cartoon é a "[...] anedota gráfica. Crítica mordaz. Geralmente não insere personagens reais ou fatos verídicos, mas representa uma expressão criativa do caricaturista, que penetra no domínio da fantasia. Mantém-se, contudo, vinculado ao espírito do momento, incorporando eventualmente fatos e personagens" (2003, p. 167);

c) Comic é a "[...] história em quadrinhos. Narrativa composta por imagens que se sucedem, complementada por textos (balões). No jornal, aparece de forma seriada. Na revista, publica-se integralmente" (2003, p. 167) – aqui é válido dizer que Marques de Melo refere-se às revistas de histórias em quadrinhos, em oposição às tirinhas publicadas em jornais e revistas de forma seriada;

d) Charge é a "[...] crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista. Tanto pode se apresentar somente através de imagens quanto combinando imagem e texto (título, diálogos) (2003, p. 167).

Observa-se que ainda essas temáticas oferecem algum ruído de seus construtos, por isso e ainda assim, consideramos oportuno considerar um melhor conhecimento de forma pontual de cada uma dessas temáticas, o que faremos a seguir.

3.1.1. A Caricatura

Para Macêdo (2012), cujo *corpus* do seu trabalho foi um recorte de charges sobre os movimentos "Diretas Já", e que esboçou em seu texto também uma preocupação em elucidar o que seria Caricatura, Charge e Cartum isoladamente, apresenta inicialmente seu comentário

sobre Caricatura como sendo: “Esta é o exagero proposital nas características marcantes de um indivíduo um nariz, uma orelha, a boca, os cabelos são as características preferênciais dos caricaturistas para ridicularizar na sua obra.”

Segundo Motta (2006) *apud* Macêdo (2012) neste sentido:

> o argumento mais aceito é que essa forma de expressão artística surgiu no século XVII, na Itália, no traço dos irmãos Annibale e Agostino Carracci. O estilo ficou conhecido, inicialmente, como ritratti carichi, ou retrato carregado, e daí derivou o termo caricatura. “Carregar”, nesse caso, tem o sentido de exagerar, de ressaltar determinadas características do retratado, sempre com intenção crítica e zombeteira. Significa fazer carga contra alguém, ou seja, atacar. (MOTTA, 2006, p.15)

Já para o Professor Thiago Mondenesi, cuja pesquisa recai sobre a relação entre as Charges publicadas durante o período imperial do Brasil e o movimento abolicionista, busca compreender como a expressão imagética textual da charge corroborou no processo de disseminação de informações contra e a favor do governo monarquista entre a população iletrada da época nos orienta inicialmente que: “as caricaturas e charges tem sua origem na Europa. Caricatura vem do verbo “caricare” que significa exagerar”, Modenesi (2012: p. 15).

Segundo o citado autor este recurso de “exagerar” da caricatura e até por vezes distorcer de forma proposital a imagem de um governante ou outra figura pública, teria por objetivo satirizar ou mesmo fazer conhecer este personagem junto ao público.

Podemos observar assim, em sua obra, que a distorção de traços da fisionomia ou sua mescla com características de outros seres como os animais, como encontrada na formação das imagens mitológicas antropomórficas do Egito e da Grécia já apontam uma tendência ao desenho humano na forma de exagero de características, sejam pelo sagrado ou pelo profano, incluindo ai igualmente a caricatura do político.

Já para autores como Fonseca (1999, p. 49-50) a caricatura surgiu no Renascimento, quando o foco estava nos indivíduos e era comum a observação das pessoas na produção de modelos artísticos.

Neste contexto, Fonseca (1999) cita ainda uma certa família Carraci, fundadores na cidade de Bolonha, Itália, no final do século XVI, da “Accademia degli Incamminati”, uma escola de arte significativa para a criação do retrato como caricatura.

> Se entendermos o termo caricatura para significar um certo método caligráfico de desenho, podemos considerar os Carraci como seus inventores. Ou melhor: eles são os últimos de uma série precursores cujo trabalho tem que ser levado em conta se quisermos não apenas conhecer o resultado, mas também os passos que levaram ao seu surgimento (FONSECA, 1999, p. 51).

Para Dacosta (2015, p. 32), "Os políticos, personagens públicas, representantes de outros setores da sociedade e poderosos, foram as primeiras vítimas da caricatura. "

Seguindo esta linha de raciocínio de como o processo artístico de produção da caricatura perpassa a técnica de exagerar, distorcer, mesclar e por vezes deformar fisionomia do caricaturado, Macêdo (2012) oferece a seguinte definição:

> Entendemos que a caricatura é uma das formas de expressão caricatural que mais se utiliza do exagero em determinadas características físicas da pessoa, mas a forma caricatural não precisa estar ligada apenas a fisionomia do ser humano, pode-se fazer a caricatura de qualquer coisa, mas a referência humana é sempre necessária para que a caricatura se realize. É mais comum vermos o emprego do exagero nos traços da fisionomia da pessoa caricaturada; o caricaturista pode eleger qualquer parte do corpo, bem como qualquer movimento para serem destacados no desenho. É muito importante exagerar, mas sem esquecer-se de manter traços característicos que identifiquem a pessoa caricaturada. (MACÊDO, 2012, p.32)

Estas definições iniciais já apontam para uma característica intrínseca da caricatura, a distorção e o exagero de fisionomia que muitas vezes também se estende a outras formas de humor de mesma natureza como o cartum e a charge, no entanto, segundo Chinen (2011) este é um aspecto que confere exatamente o humor a representação da caricatura e que, portanto, assemelha-se a outras formas neste ponto.

Nos ensina sobre caricatura Chinen (2011, p. 9), que: "(…) significa carregar, exagerar no traço. Cria-se um efeito de humor ao ressaltar alguma característica marcante da fisionomia do caricaturado, normalmente uma personalidade conhecida o suficiente para que as pessoas a reconheçam."

Observaremos ainda no decorrer deste texto a partir deste tópico que embora a Caricatura se assemelhe a Charge quando considerada uma forma de "humor gráfico" e mesmo quando seu conteúdo de humor se apresenta no exagero dos traços fisionômicos do caricaturado, estando ainda este envolto em um dialogo textual, esta não é uma Charge, pois

não vem compor o quadro geral da cena com um registro temporal político e social em forma de discurso que define tão bem a Charge, mas tão somente no desenho (grafismo) grotesco que faz rir, embora seu contexto possa ser político, cujos autores como Mondenesi (2012), Chinen (2011) e DaCosta (2015) defendem.

Assim, a Caricatura passou a representar em forma gráfica de sátira, governantes, políticos e outras figuras públicas nos jornais, muitas vezes forma propositalmente grotesca no exagero fisionômico, buscando atingir não pelo discurso como faz a charge, mas pela imagem, que é o potencial quase que exclusivo da Caricatura.

Neste mesmo sentido nos ensina Macêdo (2012):

> Concordamos com o entendimento de Motta (2006) quando afirma que "o termo caricatura só pode ser usado para designar o retrato pessoal, enquanto charge seria um comentário crítico a pessoas e situações especificas". (MOTTA, 2006, p.15). Apesar de quase sempre a charge se utilizar dos elementos da caricatura na sua primeira acepção, para representar uma crítica a uma pessoa específica, coisa que nunca acontece com o cartum. (MACÊDO, 2012, p. 31)

Observamos então a partir desta breve discussão teórica que busca apresentar a caricatura como uma apresentação distinta das demais formas principais de humor gráfico apresentadas neste capitulo, a charge e o cartum, que embora apresente o humor como sua técnica principal consiste em satirizar um personagem público através da distorção da sua imagem, gerando conteúdo cômico.

Por fim e não sendo para o momento pretensão desta pesquisa, entendemos que a discussão apresentada embora mínima sobre caricatura, esteja em ressonância com o objetivo proposto deste capítulo em apenas procurar distinguir algumas formas mais comuns do chamado humor gráfico.

Observamos abaixo na sequência de figuras 5, 6 e 7 alguns exemplos do que seria Caricatura ou seja, considerando que de forma geral essas formas de representação de humor gráfico são uma alteração exagerada da fisionomia do sujeito caricaturado, tomamos como exemplo como ilustração caricaturas da ex-Presidenta Dilma Rousseff.



Figura 3. Exemplo de Caricatura. Disponível em http://1.bp.blogspot.com/-D6r5BsYw8EY/Tx2Zow-TBPI/AAAAAAAAC3w/SxI8asNveWY/s1600/dilma_folha_web.jpg



Figura 4. Exemplo de Caricatura. Disponível em http://www.visaonoticias.com/admin/noticias/ckeditor/ckfinder/arquivos/images/dilma-caricatura2(1).jpg



Figura 5. Exemplo de Caricatura. Disponível em http://www.luizberto.com/wp-content/uploads/2017/03/DILMA-CARICATURA-2.jpg

Uma vez percorrida a observação das 3 figuras acima, as quais considermos suficientes para exemplificar de forma geral o que seria caricatura para o nosso propósito, na sequência adentraremos na forma de humor gráfico conhecida como Cartum com o mesmo propósito de distingui-la das demais, caricatura e charge, esta última *corpus* do nosso recorte de análise para nossa pesquisa.

3.1.2. O Cartum

Assim como a Caricatura, o Cartum se constitui em uma popular de forma de humor gráfico presente em muitas mídias jornalísticas em diversos suportes.

O cartum possui características específicas que permitem a priori estabelecer um mínimo marco discursivo o qual se possa identificá-lo ao tempo identificá-lo e distingui-lo das outras formas de humor gráfico como a caricatura e a charge.

No texto de autoria de Marcia Garcia para a Revista Digital, “Impressão 126” da UFBA, intitulado “A História das Charges no Brasil e no Mundo”, encontramos uma

definição prévia, histórica e terminológica do Cartum, onde:

> O termo cartum é de origem britânica e, em síntese, foi definido como um desenho cômico. Surgiu na década de 1840, após o estabelecimento da revista semanal de humor Punch no mercado editorial inglês. Na época, o parlamento britânico era costumeiramente decorado com murais, ensejo perfeito para que cartoons satíricos tomassem conta de parte das paredes. A divulgação engendrou novas possibilidades de rir dos próprios problemas. O cartoon significou, de antemão, um esboço preliminar sobre um pedaço grande de um papelão, ou cartone, em italiano.

Porém iniciamos nossa discussão sobre o Cartum buscando compreender as palavras iniciais de Dacosta (2015, p. 25), no qual o: "O termo refere-se às piadas gráficas reproduzidas em pequenos cartões. Ele pode ser resumido em um quadro; no seu interior, é a matéria e alvo de sua crítica e de sua narrativa humorística."

Na observação do citado autor podemos identificar que os termos piadas (humor), quadro unico (técnica) e crítica (discurso), encontram-se imbricados desde já como aspecto constitutivo do cartum, porém, podemos também elencar estes mesmos aspectos, apresentados de forma simultânea ou individuais, nas demais formas, caricatura e charge, o que nos leva a busca de um refinamento desta observação se quisermos estabelecer um ponto focal na identificação do que seria dentro deste contexto, o cartum.

Assim o próprio Dacosta (2015, p.33) nos oferece um caminho neste sentido quando acrescenta que: "ao contrário da charge, que, por ser datada pelos acontecimentos, evapora com o tempo de sua publicação e dos fatos do dia a dia, o cartum é atemporal e universal como gênero de humor gráfico. Não se prende necessariamente aos fatos do dia a dia."

Dacosta (2015) aponta dois aspectos que esclarecem o cartum: a atemporalidade e a universalidade temática, aspectos estes que, a priori, nos oferecem melhores condições de identificar o cartum quando comparado a outras formas de humor gráfico apresentadas, a caricatura e a charge.

Na continuidade deste tema e buscando corroborar estas observações, Macêdo (2012) por sua vez, nos apresenta sobre a origem do termo cartum, bem como de sua particularidade atemporal e universal, aspectos que desde de já pontuam sua diferença neste sentido junto as demais formas de humor gráfico.

Assim sobre o cartum nos esclarece Macêdo (2012):

> Este é originado da palavra inglesa *cartoon* que significa "cartão, pequeno projeto em escala, desenhado no cartão para ser reproduzido depois em mural ou tapeçaria" (RABAÇA & BARBOSA, 2001, p.113). A expressão que conhecemos nos dias atuais surgiu em 1841 nas páginas da revista inglesa *Punch*, uma das revistas mais antigas do mundo. Em quase todas as línguas do mundo se manteve a grafia original inglesa, no Brasil, a revista Pererê, de Ziraldo, edição de fevereiro de 1964, lançou o neologismo *cartum* a que nos referimos até hoje. (MACÊDO, 2012: p.32)

Ainda:

> O cartum não é datado, ele tem como característica no traço a crítica através do humor, ela retrata de assuntos que envolvem o dia-a-dia de uma sociedade. Temas universais como o náufrago, o amante, o palhaço, a guerra, o bem X mal, problemas ambientais / climáticos, entre outros assuntos, são frequentemente explorados em cartuns. São temas que podem ser entendidos em qualquer parte do mundo por diferentes culturas em diferentes épocas. (MACÊDO,2012: p.32)

O autor ainda oferece interessante uma importante reflexão para definir as principais diferenças entre a charge e o cartum:

> Ao contrário da charge o cartum relata um fato universal que não depende do contexto específico de uma época ou cultura, sendo assim atemporal. Após muitos anos de publicações aquele cartum pode ser retomado e rediscutido novamente. Ressaltamos que mesmo tendo uma compreensão maior do que a charge é preciso que o leitor dessa linguagem faça leituras/compreensão sobre o tema abordado no cartum, para melhor entendimento do desenho.

Segundo Dacosta (2015): "o cartum pode ter elementos dos quadrinhos para sua divisão textual. A cena de repetição é uma prática utilizada. A utilização de balões de fala e onomatopeias e divisão do tempo em sequência são empréstimos das histórias em quadrinhos." (DACOSTA, 2015: p. 33).

Observamos na discussão de Macêdo (2012) e Dacosta (2015) sobre o cartum vários elementos construtores desta forma de humor gráfico que desde já apontam atemporalidade e universalidade temática, bem como elementos de histórias de quadrinhos que podem servir de marcos observacionais de quando sua diferenciação das outras formas como caricatura e charge.

Porém, considerando o aspecto artístico e técnico de produção e as formas narrativas imagéticas textuais destas formas de humor gráfico principais até o momento aqui apresentadas, apesar de buscado compreender suas diferenças, se faz necessário a partir deste momento ainda apontar as caraterísticas da charge, buscando por fim diferenciá-la já que esta forma em especial trata-se o *corpus* de análise de nossa pesquisa.

Mais uma vez ressaltamos que objetivo principal deste capítulo é tão somente oferecer algumas reflexões nas quais minimamente sejam apresentados aspectos que possam ajudar a diferenciar estas formas de humor gráfico, caricatura, cartum e charge, para que possamos com alguma segurança nos deter pontualmente na definição e estudo desta última ao longo desta pesquisa, o qual faremos a seguir, uma vez que como já afirmado, esta se constitui a forma do *corpus* que pretendemos analisar para obtenção de nossos resultados.

Para finalizar nosso tópico sobre essa temática apresentamos na sequência das respectivas figuras 8, 9 e 10, exemplos do que para nossa proposta e do que vimos nas definições anteriores, o que seria o Cartum.



Figura 6. Exemplo Cartum. Disponível em http://s2.glbimg.com/x47RmI_4FAEPgg0VFO3YKEdegnY=/300x225/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2014/08/22/mohammad_ali_khajali_-_ira_-_cartum.jpg



Figura 7. Exemplo de Cartum. Disponível em https://whoisruis.files.wordpress.com/2014/02/idolatria.png



Figura 8. Exemplo de Cartum. Disponível em http://3.bp.blogspot.com/-M64JYwJ-PIU/Tl_uzPc5foI/AAAAAAAAA98/9AjnC_9nzSY/s1600/DARI%25CC%2581O+CASTILLEJOS+LA%25CC%2581ZCARES_Me%25CC%2581xico_El+espejo.jpg

Uma vez apresentados estes exemplos de Cartum, adentraremos agora na temática chave de nossa dissertação, a Charge, onde vamos explorar sua historicidade, conceitos terminológicos, construtos imagético textuais, atributos que consideramos necessários se estender com os objetivos de nossa análise deste *corpus* a posteriori.

3.1.3. A Charge

Considerando este um tópico chave de nossa dissertação, resolvemos desenvolver essa temática ao máximo possível, sem contudo tentar esgotar o assunto, tão pouco estabelecer uma teoria geral da Charge. Apenas e tão somente consideramos relevantes discutir ao menos três questões as quais para o nosso texto vemos como fundamentais.

A primeira destas questões diz respeito a própria história da Charge, uma vez que as informações e referências encontradas para esta pesquisa e neste sentido apontam em seu cerne que o fato político é apontado desde o início como sendo originário desta forma de representação.

Ora, se ao tratarmos de uma pesquisa que busca estabelecer um vínculo entre comicidade e política através da Charge por um determinado fim, acreditamos portanto que este atributo mereça certa relevância de destaque neste texto.

Porém nossa proposta não é dissecar profundamente este caminho de historicidade da Charge, mas tão somente pontuar algumas questões no decorrer do seu surgimento que julgamos pertinentes para conhecimento e contribuem com esta pesquisa. Ademais um certo número de trabalhos e referências acadêmicas já se ocupam dessa questão de forma mais abrangente.

Um segundo ponto o qual abordaremos a Charge é sobre sua terminologia, buscando encontrar dentre as reflexões a este respeito um consenso de esclarecimento que seja ao

menos um ponto pacífico para o entendimento do que seja Charge. Fato que consideramos simplificado neste momento uma vez esclarecido nesta pesquisa em itens anteriores uma separação de outros gêneros narrativos de humor como Caricatura e Cartum, estes como a Charge comumente unidos pelo humor.

Assim, tornamos a afirmar que não se trata aqui de elaborar questões profundas a este respeito, mas tão somente construir a partir das referências encontradas um entendimento mínimo porém consistente dessa temática que nos permita dizer o que é Charge dentro da nossa proposta de pesquisa.

Uma terceira questão que abordaremos ainda que de forma preliminar relativa a Charge é sua visibilidade como ferramenta jornalística, e portanto possuidora de mecanismos de comunicação massificados, no qual dialogam e transitam seus discursos. Mas uma vez justificamos que estas observações têm apenas um intuito de um esclarecimento maior sobre o assunto, e não um aprofundamento pontual imersivo nessa temática, ainda que desejável, não fosse o escopo de mínimo de tamanho dessa modalidade de pesquisa acadêmica.

Ditas essas palavras inciais adentraremos na sequência de uma breve história da charge, expandindo para a história da Charge no Brasil, esclarecendo sua terminologia e desenvolvendo um consenso neste sentido para sua definição neste trabalho, e, por fim, uma visão da Charge como meio jornalístico, na qual a crítica política se configura como meio de informação.

3.1.4 A Origem da Charge

Já na introdução desta pesquisa apresentamos de forma breve como um possível marco histórico da Charge cono sendo a partir de uma prática de desenhos de humor que

surgiram espalhados pela Europa por volta do século XVIII cujo teor desses desenhos representavam autoridades governamentais e ou públicas, as quais se viam caricaturadas em situações onde se denunciavam abusos de poder, questões de ordem social e política.

Neste ponto ao utilizarmos a palavra caricatura já atentamos para uma importante observação nessa tentativa de identificar um marco histórico para a Charge.

Segundo nos alerta Parnaiba (2014), ao esclarecer que o uso do termo caricatura muitas vezes se confunde com o termo Charge na transcrição histórica desta, onde destaca:

> […] muitas vezes (como é possível notar nos títulos dos livros citados no parágrafo anterior) a história da charge é confundida ou mesclada à da caricatura. Isso acontece por algumas razões: 1. etimológica – uma vez que, como vimos, os termos embora tenham origem distintas carregam significados muito parecidos; 2. de classificação – já que alguns autores consideram a primeira como ramificação da segunda, e outros usam os termos como sinônimos, a exemplo de Lima (1963); ou 3. de tradução – tendo em vista que o "[...] Apesar do termo 'charge' ser amplamente utilizado, em alguns países, como os hispânicos, o termo 'caricatura' é o designador desses desenhos irônicos (CRUZ, 2010, s/n). (PARNAIBA, p.51 ,2014)

E ainda neste sentido também autora esclarece que:

> A questão etimológica citada traz diferentes interpretações para a história da charge, pois muitas vezes é confundida com ou considerada como caricatura. Miani (2012, p. 40) afirma que desde o seu aparecimento no Brasil, antes mesmo de sua publicação na imprensa, a caricatura já apresentava características da charge, tais como a crítica e a sátira. (PARNAIBA, p.51 , 2014)

Essa discussão inicial já demonstra o quão pode ser difícil traçar um ponto exato do surgimento da Charge, neste sentido adotaremos o princípio de que teria surgido ao menos como forma de humor gráfico na Europa, pois disso trata Fonseca *apud* Parnaíba, 2014, que estabelece para os nossos propósitos como possíveis do surgimento de uma forma embrionária da Charge os seguintes momentos a serem considerados neste sentido.

> o francês Jacques Callot que inaugurou o gênero sátira social. Callot "[...]

> satirizou os elegantes, os mendigos e todas as outras classes que se posicionaram entre esses extremos" (FONSECA, 1999, p. 54), pois "[...] muito mais do que caricaturar os indivíduos, Callot voltava-se para os grupos formados por eles" (FONSECA, 1999, p. 54).

E ainda neste sentido;

> Já a Holanda é considerada o berço da caricatura política no século XVII, pois foi lá que se refugiaram os descontentes políticos de outras nações, principalmente da França, fugindo da tirania do rei Louis XIV, tornando a Holanda o "[...] centro do lançamento de uma quantidade enorme de estampas satíricas contra a política do 'grande monarca' francês, tanto contra sua pessoa como contra seus favoritos e seus ministros" (FONSECA, 1999, p. 55).

Continua ainda Fonseca (1999);

> Na Inglaterra, a primeira aparição comprovável de uma caricatura "[...] deve-se ao processo judicial do doutor Sacheverell, que teve grande repercussão política em 1710" (FONSECA, 1999, p. 56).

Para Parnaíba (2014, p.53), "Por essas características, podemos considerar que a caricatura citada por Fonseca como sendo a primeira conhecida na Inglaterra é uma charge, pois se baseia em um fato específico, delimitado por tempo e espaço. "

Observamos portanto uma certa impossibilidade na precisão de demarcar esse marco histórico da Charge propriamente dita uma vez que o surgimento da Charge parece ter sido composto de várias fases e aconteceu em diversos momentos e lugares ao mesmo tempo, talvez por isso dificultando que estabelece um ponto pacífico neste sentido.

Apresentada estas considerações, gostaríamos de reafirmar nossa posição inicial na introdução desta pesquisa quando estabelecemos que consideramos o surgimento da Charge a partir da publicação em 1830 pelo francês Charles Philipon do jornal político *La Caricature*

Neste sentido posição leva em consideração dois fatores que julgamos decisivos, o primeiro é que independente de questões artísticas a representação de humor que julgamos

adequada surgiu no formato jornalístico, e a segunda que surgiu na Europa, ainda que na França, logo, não contradiz ao menos em termos de localização, as origens da Charge.

Um outro fator bastante relevante e que de certa forma vem entrelaçar todas as possíveis teorias sobre o surgimento da Charge, e que independente de construto artístico adotado, lugar e momento histórico, encontramos nesses momentos primários de surgimento da Charge dois atributos que ainda se matem ativos em sua constituição, a comicidade e a crítica política.

Apresentadas as possíveis origens da Charge, e ainda que não seja ponto pacífico de muitos autores neste sentido, prosseguiremos em nossa pesquisa e neste capítulo destacando o surgimento da Charge no Brasil, pois como já esclarecemos, não intenção deste capítulo e nem desta pesquisa se deter aprofundamentos desta natureza, existindo inclusive farto material acadêmico de natureza história neste sentido a disposição para expansão desta discussão. Consideramos portanto satisfatório para o momento estas informações.

3.1.5 A história da Charge no Brasil

Iniciaremos agora um entendimento breve sobre o surgimento da Charge no Brasil, fato que consideramos relevante dentro de nossa pesquisa cujo *corpus* se constitui desta representação, e que portanto sua origem ou chegada ao Brasil se constitui de um elemento aglutinador das teorias aqui apresentadas.

Logo no início dessa discussão destacamos previamente a observação de Fonseca (1999), quando nos fala que:

> No Brasil, com a proibição da imprensa imposta pela Coroa Portuguesa, foi atrasado o aparecimento da caricatura, sendo que seu maior desenvolvimento se deu durante o Império de Dom Pedro II, na segunda metade do século XIX (FONSECA, 1999, p. 56).

Neste sentido mais claramente do que tentar estabelecer um marco para o surgimento universal da Charge, podemos reafirmar como na introdução desta pesquisa que o surgimento de uma estampa atribuída ao pintor de português Manuel de Araujo Porto Alegre em 1837 como sendo a primeira Charge documentada de origem no Brasil.

As palavras de Fonseca (1999) corroboram nossa observação.

> Mas antes mesmo das revistas ilustradas surge a primeira charge publicada no Brasil, que não saiu em um jornal ou revista, mas apareceu como uma estampa avulsa. Datada de 1837, foi criação de Manuel de Araújo Porto Alegre, nomeado posteriormente Barão de Santo Ângelo. A charge era uma crítica às propinas recebidas por um funcionário do governo
> relativas ao jornal Correio Oficial (FONSECA, 1999, p. 209).

Curiosamente Parnaíba *apud* Fonseca, nos acrescenta a informação que:

> Segundo Fonseca, a charge não estava assinada. Na reprodução que encontramos no livro do autor, a produção não conta com texto, títulos ou assinaturas. Porém, no A História da Caricatura no Brasil, de Herman de Lima, há uma versão diferente, que parece assinada e com algumas palavras escritas. (PARNAIBA, p. 54, 1999.)

Ainda segundo Parnaiba (2014);

> Manuel de Araújo Porto Alegre continuou a produzir e publicar charges, lançando em 1844 o periódico Lanterna Mágica, o primeiro a publicar com regularidade charges no país. Era destinado à critica, à polêmica, às artes plásticas e às letras. Nela, foi revelado outro nome do humor gráfico daquele período, Rafael Mendes de Carvalho, discípulo de Porto Alegre. (PARNAIBA, p. 55, 2014).

Para o historiador Elias Thomé Saliba, a crítica satírica na forma de expressão gráfica é uma tradição desde os tempos coloniais, onde ele aponta que:

> Essa tradição da representação humorística, que já vinha do jornalismo satírico da Regência e dos folhetins cômicos do Segundo Reinado, ganha maior força e se aprofunda com o desenvolvimento da imprensa e com a proliferação das revistas ilustradas e do réclame publicitário no início da República (SALIBA, 2002, p. 39).

Saliba ainda destaca como fomentadores do surgimento da crítica satírica neste período, "[...] a fermentação dos conflitos e das lutas políticas nos dois primeiros governos republicanos, incentivou uma grande produção cômica, toda ela calcada na exploração das rixas políticas e dos rancores pessoais" (2002, p. 57).

Saliba também destaca o surgimento das chamadas "revistas ilustradas" como um ponto aglutinador dessa forma de crítica, quando nos diz que, "[...] no período imperial chegaram a circular cerca de sessenta revistas ilustradas no Rio de Janeiro, que misturavam, de forma peculiar, a charge com uma espécie primitiva de história em quadrinhos, numa produção extremamente rica e fértil" (SALIBA, 2002, p. 38).

Esse fato também e ressaltado por Parnaiba (2014), quando nos diz que:

> Mas foi em 1876, com o lançamento da Revista Illustrada, de Ângelo Agostini que o humor gráfico ganhou mais notoriedade no país. A Revista Illustrada foi a primeira publicação da América do Sul a ter uma tiragem de mais de quatro mil exemplares. Era publicada todos os sábados e distribuída em todas as capitais e nas principais cidades do interior do Brasil. Foi nela também que surgiu a primeira história em quadrinhos de longa duração na imprensa nacional: As Aventuras de Zé Caipora, de autoria de Agostini – em 1884, 20 anos antes de isso acontecer nos EUA. A Revista Illustrada deixou de circular em 1891 e foi uma forte aliada da campanha abolicionista (SODRÉ, 2011, p. 323-327).

Neste trecho vemos surgir na linha temporal do chamado humor gráfico do qual brota a Charge no Brasil, o nome daquele que é considerado um dos nomes e personagem mais relevantes do humor gráfico nacional, o italiano Angelo Agostini, cujo legado artístico se mescla de forma inseparável da verve política, e cujos trabalhos sejam de humor ou de

narrativas gráficas como as Histórias em Quadrinhos quase sempre atuaram de uma forma de crítica de humor quase sempre denunciativa.

> Agostini foi dos mais expressivos exemplos de como a militância política enriquece, amplia e multiplica o efeito das criações artísticas [...]. Suas caricaturas, por vezes contundentes, puseram a nu os traços grotescos da classe dominante brasileira do tempo, suas irremediáveis mazelas, seu atraso insuportável, e o vazio triste dos ornamentos, dos artifícios, dos disfarces que apresentava, buscando aparentar grandeza (SODRÉ, 2002, p. 325).

Para Sodré e produção gráfica de Angelo Agostini o torna um dos chargistas mais proeminentes deste período, "[...] o maior documentário ilustrado que qualquer período da nossa história conheceu" (SODRÉ, 2011, p. 325).

De certa maneira ao observamos a formação do humor gráfico no Brasil identificamos que através da Charge e ou mesmo da Caricatura já desenvolve uma capacidade crítica denunciativa sobretudo de temas políticos que ira se manter até os dias atuais.

Sobre a capacidade crítica nacional do surgimento da Charge advinda desde este período destaca Parnaiba (2014):

> Deste início da história da charge nacional podemos destacar seu caráter político e denunciativo. Tanto a charge de Porto Alegre, apesar de descrita nos livros como caricatura, como o perfil da Revista Illustrada nos leva a exaltar o papel crítico e reflexivo desta ferramenta.

Com surgimento das revistas ilustradas surgidas neste período, podemos compreender que historicamente falando vê-se o nascimento de um humor gráfico genuinamente nacional, a partir do qual não apenas a crítica política, mas também social, passam a integrar o imaginário brasileiro e se tornam parte da nossa cultura.

Sobre este aspecto Parnaiba (2014) destaca que:

> Outras revistas ilustradas e com presença de humor foram surgindo no período do Segundo Império, entre elas Vida Fluminense e O Mosquito, porém nenhuma teve tanta relevância como a Illustrada. Já no início do século XX surgiram publicações como Revista da Semana (1900), O Malho (1902), Kosmos (1904) e Fon-Fon! (1907), que tratavam de política, entre outros assuntos, com a irreverência do humor (FONSECA, 1999, p. 205).

E ainda neste mesmo contexto se destacam surgimento de inúmeros artistas que se tornaram referência no humor gráfico nacional.

> Diversos talentos do humor gráfico nacional foram revelados neste período, a exemplo de Raul (Raul Paranhos Pederneiras), K. Lixto (Calixto Cordeiro), J. Carlos (José Carlos de Brito e Cunha), Max Yantok, e Rian (Nair de Tefé), esta última a primeira cartunista mulher brasileira, que apesar de filha do Barão de Tefé e esposa do presidente Hermes da Fonseca, não poupava críticas à política. Conta-se que ela apareceu, num baile cerimonial do Palácio do Itamarati, com um vestido no qual na barra da saia estavam afixadas caricaturas dos ministros de seu marido (FONSECA, 1999, p. 205; 233).

Seguindo esta linha histórica, vemos surgir um fluxo e um refluxo destes movimentos de humor gráfico pontuando os anos de 1930, quando o Estado Novo de Getúlio Vargas estabelece dificuldades para imprensa vigente, e posterior aos anos de 1940 a 1960, quando brotam grandes nomes do humor gráfico nacional advindos dos jornais como Millor Fernandes, Ziraldo para citar apenas dois representantes desta geração, vemos um momento de inflexão quando em 1964 os acontecimentos advindos da nova ordem política passam a ditar o ritmo do humor gráfico através da censura na mídia oficial, restando assim o meio alternativo como ponto de fuga a vazão desse tipo de produção artística.

Segundo Parnaíba (2014, p. 56), este momento vê surgir novos artistas e uma nova configuração da crítica política, agora voltada para a forma de resistência, quando nos informa que:

> A instauração da ditadura militar em 1964, e todos os eventos políticos que dele se sucederam, restringiram o espaço ao humor gráfico nas grandes

> revistas, devido à censura imposta sobre esses órgãos. Mas espaços alternativos na imprensa, que abusavam do humor gráfico, foram criados como espaços de resistência à ditadura, são exemplos as revistas Senhor (1959-1964) e Pif-Paf (maio a agosto de 1964), esta última de Millôr, que, apesar de não sobreviver por muito tempo – devido às pressões políticas – projetaram dois grandes nomes: Fortuna e Jaguar. Ainda nessa época, alguns jornais diários começaram a valorizar a seção humorística, revelando artistas como Henfil (GOODWIN, 2011, p. 537-538).

Aponta ainda Parnaíba (2014, p. 57), que:

> A instauração da ditadura militar em 1964 e todos os eventos políticos que dele se sucederam, restringiram o espaço ao humor gráfico nas grandes revistas, devido à censura imposta sobre esses órgãos. Mas espaços alternativos na imprensa, que abusavam do humor gráfico, foram criados como espaços de resistência à ditadura, são exemplos as revistas Senhor (1959-1964) e Pif-Paf (maio a agosto de 1964), esta última de Millôr, que, apesar de não sobreviver por muito tempo – devido às pressões políticas – projetaram dois grandes nomes: Fortuna e Jaguar. Ainda nessa época, alguns jornais diários começaram a valorizar a seção humorística, revelando artistas como Henfil (GOODWIN, 2011, p. 537-538).

Este é um momento realmente importante do humor gráfico nacional, apesar da época menos propicia para este tipo de crítica.

Neste período histórico podemos então observar o surgimento do *Pasquim*, uma publicação alternativa que viria se tornar histórica tanto pelo legado de humor gráfico e luta política, quanto pela quantidade de novos talentos do humor gráfico produzidos.

Segundo Parnaíba (2014, p.57), neste sentido ainda:

> Esta época prestou um grande serviço à charge nacional, segundo Goodwin (2011, p. 538), pois foi a partir dele que, no humor gráfico nacional, ela passou a predominar, em detrimento do cartum. Isso ocorreu pela necessidade de reagir à ditadura.

Seguindo a mesma linha temporal para os anos 70, 80 e 90, nos fala ainda Parnaiba (2014, p. 57), respectivamente que:

> Na década de 70 também surgiram outros jornais que, como O Pasquim, se muniam do humor contra o regime militar, reforçando a imprensa alternativa brasileira: Opinião (1972-1977) e Movimento (1975-1981), são alguns deles (GOODWIN, 2011, p. 538). Ainda na década de 70 as charges, cartuns,

> caricaturas e tirinhas ganham outro espaço no cenário nacional, o Salão de Humor de Piracicaba, que, criado em 1973, deu espaço e premiou grandes nomes do humor gráfico nacional, como Laerte (vencedor na categoria charge em 1974) e Angeli (vencedor na mesma categoria em 1975) (QUEIROZ; CIASI, 2013).

E no mesmo contexto, ainda Parnaíba (2014, p.57), continua:

> Os anos 1980, além de contarem com chargistas da escola d'O Pasquim, foi palco para surgimento de outro fenômeno no desenho brasileiro: os quadrinhos de humor. Neste movimento consagraram-se artistas como Angeli, Laerte, Luiz Gê, Glauco, Spacca, entre outros (GOODWIN, 2011, p. 539). Eles, além de publicar seus quadrinhos em grandes jornais, os reuniam em livros. O Pasquim deixou de existir em 1991 e desde então nenhum outro periódico político que usava humor teve tanta expressão, apesar de tentativas terem sido feitas, como em O Pasquim 21 e na revista Bundas.



Figura 9 – Charge do Pasquim. Disponível em http://2.bp.blogspot.com/-oWPQgpF2hF4/T-AHVkr8h6I/AAAAAAAAAG0/3aBnYK7qc54/s1600/Alt13.jpg, acesso em 29/10/2017.

Por fim destacamos que o surgimento da Internet para uso pessoal a partir da década de 1990 vai descortinar um novo cenário de possibilidades para o humo gráfico, inclusive para a Charge, que passa a ser publicada diretamente nas mídias jornalísticas, o que oferece um novo espaço para essas publicações, como também novos desafios para a produção e divulgação desse material.

3.1.6 Afinal, o que é Charge?

Sobre a Charge iniciamos observando que definições triviais de Charge provavelmente são encontradas ainda que genericamente em dicionários, como sendo uma palavra de origem francesa que significa em tradução livre, “carga”, e cujo contexto linguístico se compõe de imagem e texto, pontualmente satírico e vinculado a um determinado momento político, econômico e ou social publicado comumente em jornais impressos e atualmente na Internet.

Inicialmente nos ensina Macêdo (2012), que “a charge segundo o novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Editora Nova Fronteira), seria uma “representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza uma ideia, situação ou pessoa”.



Figura 10 – Charge. http://s2.glbimg.com/TAhhSNMJ8rA2VCiMzeXdy_V2yEY=/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2016/04/07/governo_procura.jpg , acesso em 29/10/2010. Acesso em 29/10/2017

No entanto, consideramos insatisfatório para nossa discussão uma abordagem genérica desta temática, preferindo uma abordagem mais precisa, cujo objetivo seja conceituar o que seja Charge, inclusive distinguindo-a de outras expressões gráficas, bem como apresentando alguns elementos constitutivos de nosso interesse, como o humor e sua aproximação com os fatos políticos.

Sobre Charge pontualmente de forma mais precisa nos explica Macêdo (2012), que:

> Esta é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, criticando um personagem ou fato específico. (MACÊDO, 2012: p.33)

Já para Parnaiba (2014), a Charge é:

> Parente da caricatura e muitas vezes com ela confundida, a charge é uma forma de humor gráfico que figura nas páginas de jornais, revistas, em telejornais, nas rádios e na internet do mundo todo – embora o seu surgimento, como veremos a seguir foi anterior à imprensa. Sua estrutura básica é composta de imagem e texto, mas, dependendo do meio em que é veiculada, pode conter som e movimento ou deixar de conter algum dos elementos citados. Tendo limitações temporais e contextuais e usando, geralmente, o humor e a sátira, seu objetivo no jornalismo é o de expor uma opinião acerca de um fato importante no período em que foi publicada, sendo, por isso, considerada uma espécie de "editorial gráfico" do jornal. (PARNAIBA, p. 46 , 2014)

E complementa Macêdo (2012):

> Neste sentido, esse desenho de humor é carregado de múltiplas informações, cuja sua leitura requer o conhecimento de um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento especifico em que se apresenta a relação discursiva entre o produtor e o receptor da charge, trata-se do conhecimento do contexto político, econômico e social do meio no qual a charge foi criada. O chargista não tem a preocupação em representar o real, mas sim de significá-lo através do desenho. (MACÊDO, 2012: p.33)

Para Dacosta (2015: p. 31), "ao retratar fatos atuais e do dia a dia, a charge – ou carga de cavalaria –, termo de origem francesa, ataca de forma crítica uma situação seja política e ou de costumes."



Figura 11 – Exemplo de Charge com contexto social e política. Disponível em https://montanhasrn.files.wordpress.com/2014/08/28072012piada.jpg, acesso em 29/10/207.

O uso do humor, seja da paródia, do burlesco, da comicidade que são empregados na

charge visam exatamente criar o rebaixamento, a dessacralização dos superiores e poderosos. (DACOSTA, 2015: p. 33)

Afirmações corroboradas por autores como por Chinen (2011, p. 5), "a palavra charge vem do francês e significa carga, pois tem justamente a função de exercer uma crítica a uma determinada personalidade, acontecimento, ou situação política, econômica ou social [...]"

> A Charge costuma satirizar uma situação ou personalidade, retratando-a sob a forma caricaturada. Este tipo de ilustração teve uma função política muito importante, normalmente de oposição às autoridades vigentes. Esta tradição continua até hoje e muitos jornais trazem charges em espaço editorial. (CHINEN, 2011: p. 9)

Sobre a definição de "carga" atribuído a Charge acrescenta Santos (2007 *apud* FERREIRA, 2010, p.48), "representa um ataque onde a realidade é representada com o auxílio de imagens e palavras (Santos, 2007, serial)"

Sobre esta condição política da Charge, Ferreira (2010, p. 48) ainda nos ensina: "aliás, um gênero satírico propício a situação de crítica política social".

Ampliando nossas definições a partir de Flôres (2002), Pagliosa (2005), Possetti (2010) e Ramos (2009), vamos buscar conceituar Charge quanto ao seu contexto satírico diferenciando-a de outras manifestações gráficas e demostrando sua aproximação com o contexto da política.

> A Charge é um texto usualmente publicado em jornais sendo via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra pormenores caracterizados por personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível ler uma charge e compreendê-la, sem considerar os códigos complementarmente associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando orientação ao sentido num contexto dado – aquele e não outro qualquer. (FLÔRES, 2002: p. 14)

E ainda:

> O conteúdo da charge desnuda a reação ao status quo: a aquiescência, a conivência, o conflito, o choque, a rejeição, a oposição, o contraditório. Tipo de texto sui generis mostra e conta, ao mesmo tempo, os conflitos sociais. Contém grande potencial de

> questionamento crítico e de confronto de opiniões a respeito da organização social, dos arranjos políticos e da disputa pelo poder. (FLÔRES, 2002: p. 11)

Ainda segundo Flôres (2002),

> Sua temática, em geral, versa sobre o cotidiano – questões sociais que afligem, irritam, desgostam, confundem. Estas questões focalizam os universos de referências do público, expondo testemunhos, registrando perplexidades, apontando falhas, satirizando pontos de vista, desvelando motivações ocultas, introduzindo questionamentos. Por natureza é polêmica. (FLÔRES, 2002: p. 11)

Já para Ramos (2009: p. 21), "a charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. Ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual."

Já Rumoaldo (2004: p.21), entende a charge "[...] como um texto visual humorístico que crítica uma personagem, fato ou acontecimento político específico."

Também para Pagliosa (2005, p.115 *apud* Rabaça & Barbosa), a charge "[...] é um tipo de *cartum* cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento especifico, em geral de natureza política".

Por fim segundo Pagliosa (2005), uma definição que bem expressa a característica da charge dos outros gêneros propostos por Ramos (2010), pode ser encontrada na definição do humorista Chico Caruso, que distingue o cartum, a charge e a caricatura, comparando-os a fotografia:

> [....] Caruso apresenta o cartum como um máquina fotográfica focada no infinito, gerando uma possibilidade de compreensão muito maior pelo fato de focar a realidade bem mais genérica. A charge por outro lado, focaliza determinada realidade, na grande maioria das vezes política, ocupando-se da síntese de um fato político. [...] já a caricatura focaliza um elemento dessa determinada realidade focada pela charge. (PAGLIOSA, 2005: p.116)

Ainda segundo Ramos (2009: p. 23), "não estar vinculado a um fato noticiado é a principal diferença entre Charge e Cartum, no mais, são muito parecidos".

Ainda alerta Pagliosa (2005, p.118), que "não se considera a *charge* e a *caricatura*

excludentes, porque, com frequência, essa última aparece como um elemento constituinte das charges".

Embora pelas definições de Rumoaldo (2004) e Pagliosa (2005) já possamos observar um contexto político e comicidade intrínsecos a charge, pretendemos nos estender abrangendo informações sobre características próprias da charge as quais acreditamos sejam fundamentais para nosso texto dissertativo, como seu desdobramento a partir dos mesmos discursos ideológicos bem como sua capacidade potencial intrínseca de transmitir mensagens refratárias ao contexto de temporalidade histórica, social e política ao qual esta inserida como defenderam anteriormente Flores (2002) e Lima (2011).

Observa-se nos conceitos sobre charge, acima descritos, dois dos aspectos importantes constitutivos da Charge: a comicidade e a aproximação desta forma de linguagem gráfica híbrida de texto e imagem com as questões de caráter político e social.

Inicialmente apresentamos a discussão de não ser inédito o uso de discurso satírico como forma de crítica a poderes estabelecidos e seus representantes, como nos mostra os trabalhos de Bergson (2001), Skiner (2002), e especialmente através da charge, sobretudo no Brasil, como vemos nas obras de Marigoni (2011) e Silverman (1987).

Outra característica da charge é que ela, para ser entendida/risível, necessita que o leitor esteja a par das notícias de seu País e tal característica é o que diferencia a charge do cartum, como pondera Ramos (2009, p. 23), "não estar vinculado a um fato noticiado é a principal diferença entre Charge e Cartum, no mais, são muito parecidos."

É a partir destas perspectivas sobre Charge que prosseguiremos em nosso texto ao tratar da temática da comicidade (humor). Por fim nos ensina Dacosta (2015): "com narrativas cômicas, a caricatura e a charge fazem o jogo da intertextualidade com as notícias vinculadas na imprensa. O Cartum é a narrativa atemporal, ilustra páginas de jornais e revistas. "

Na Charge, como ficou evidenciado pelos autores consultados, encontramos vários exemplos de como a comicidade, o humor e termos afins, ocupam lugar central nestas narrativas.

Assim é de supor que é o humor o elemento que "carrega" estas narrativas gráficas embora curtas, lhe atribuindo o peso decorrente desta característica, como a crítica e outros discursos.

Neste sentido já vislumbramos que o humor, por suas inúmeras caraterísticas a qual veremos adiante, é o fator discursivo que vai carregar os conteúdos de Gênero os quais

estamos interessados em pesquisar no *corpus* desta dissertação.

Para finalizar este capitulo onde buscamos compreender o que seria Caricatura, Cartum e Charge, identificando aproximações e tensões sobre estes temas com o objetivo de melhor situar o leitor na compreensão destas temáticas, apresentamos como forma de conciliar todo conteúdo e elucidar dúvidas pertinentes apresentado nesta parte de nossa pesquisa as definições de Araújo (2001 *apud* SOUZA, 2004, p. 39), segundo Macêdo (2012), onde:

> Caricatura é um termo que anteveio à charge e que foi designado pela primeira vez no século XVII para classificar os desenhos satíricos de Agostinho Carracci, enfocando tipos populares de Bolonha. A caricatura vem, pois do vocábulo italiano 'caricace' e significa 'carregar', 'exagerar' e, embora em nosso País esteja muito ligada aos desenhos que satirizam rostos, pode estar presente também como a caracterização de alguma cena ou fato e por isto, na verdade, a caricatura se torna sinônima da charge, podendo existir em qualquer uma das três outras modalidades, seja o Cartum, a charge ou as histórias em quadrinhos (HQs). A caracterização da palavra caricatura como referente exclusivo da representação cômica de um rosto advém de um falso atributo semântico, já que a palavra portuguesa 'cara' significa 'rosto'.
>
> Charge é uma palavra de língua francesa e significa "ataque" ou "carregar", no figurativo. Ela se constitui igualmente de um só desenho, diferenciando do cartoon no sentido que é sempre um desenho exagerado de caráter crítico, em geral à política, e preso à determinada época ou fato importante. Por este caráter político e social, a charge pode servir como importante elemento historiológico. A charge pode se configurar em HQs, como é o caso dos irmãos Caruso, que publicam sátiras quadrinizadas das cenas políticas brasileiras, semanalmente, na revista Isto É.
>
> Cartoon vem da palavra inglesa cartoon e significa literalmente cartão, que é o suporte onde eram feitos desenhos ingênuos e descompromissados de humor para serem inseridas nos jornais em seus primórdios. O Cartum geralmente constitui-se de um só desenho, uma imagem geralmente cômica e universal. O Cartum é a matriz da charge. (MACÊDO, 2012, p. 34-35)

Uma vez apresentada neste capítulo algumas das principais noções, historicidade e definições sobre Charge, apresentaremos agora o quarto item deste capitulo o qual pela natureza intertextual da Charge já demostrada de sua origem através de comunicação de meio jornalístico como já vimos, algumas palavras sobre Charge e Jornalismo.

No entanto, novamente ressaltamos que esta será uma abordagem breve buscando apenas contextualizar a Charge dentro do espaço jornalístico, portanto sem maiores

considerações nestes objetivos.

3.1.6 Charge e Jornalismo

A Charge encontrou no Jornalismo seu espaço de representação mais significativo, e embora publicada em outros meios e suporte, observamos que desde seu surgimento, o terreno por vezes crítico por natureza do jornalismo abrigou sua semente.

Essa relação simbiótica parecer ter ainda uma caminho de mão dupla, pois é difícil imaginar um jornal sem Charge, ainda que em tempos de Internet, como também imaginar a Charge quando não publicada em algum meio ao menos de cunho opinativo como o jornalismo.

Partindo desse princípio apresentaremos algumas nuances dessa relação, buscando compreender sobretudo o espaço jornalístico como suporte da Charge, suporte o qual se encontra como material de nossa análise, pois como nos fala Parnaíba (2014, p. 50), "Como vimos, a charge tem seu surgimento independente da imprensa, porém, sua presença é marcante nas atuais publicações jornalísticas. "

Assim para o nosso percurso seguiremos as palavras de Parnaiba (2014), que inicia esta discussão a partir das teorias sobre genero jonalístico, onde:

> Nos estudos brasileiros de gêneros jornalísticos são duas as correntes predominantes, a proposta pelo professor José Marques de Melo e a proposta pelo professor Manuel Carlos Chaparro. Enquanto Marques de Melo entende, baseando-se nos estudos anteriores, que os gêneros jornalísticos estão divididos em duas grandes categorias: jornalismo informativo e jornalismo opinativo, Chaparro considera que essas duas vertentes, opinião e informação, constroem o jornalismo e não o divide, elas estão presentes, portanto, em todos os gêneros. (PARNAIBA, p.59, 2014)

Partindo dessa premissa inicial Parnaíba (2014) apresenta as duas correntes de pensamentos desse modelo de pensar o jornalismo, aponto subgêneros, como vemos a seguir.

Segundo Marques de Melo *apud* Parnaiba,

> Os gêneros que correspondem ao universo da informação se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações). Já no caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é codeterminada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulagem (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião (MELO, 2003, p. 65).

Agora sobre a segunda corrente de pensamento jornalístico que trata de gênero nos diz Parnaiba (2014, p.), que "Já para Chaparro o paradigma que divide o jornalismo em informação e opinião é uma fraude. Segundo ele o jornalismo se constrói ao mesmo tempo com essas duas vertentes", e concluiu neste sentido, Chaparro *apud* Parnaiba:

> O paradigma opinião/informação tem condicionado e balizado há décadas a discussão sobre gêneros jornalísticos, impondo-se como critério classificatório e modelo de análise para a maioria dos autores que tratam do assunto [...] Trata-se de um falso paradigma, porque o jornalismo não se divide, mas constrói-se com informações e opiniões (CHAPARRO, 1998, p. 100).

Seguindo ainda esta linha de raciocínio do autor citado, complementa Parnaiba (2014), que:

> Para o autor, a questão dos gêneros jornalísticos deve ser discutida no âmbito das ciências da linguagem, uma vez que os "[...] gêneros são formas de discurso" (CHAPARRO, 1998, p. 114). Diante disso o autor considera a existência de dois gêneros, o relato e o comentário, e deles se desdobram quatro espécies, desdobrando-se delas dezesseis formatos. (PARNAIBA, 2014, p.)

Ainda Paranaiba (2014) nos ensina que:

> Apesar de considerarmos importante conhecer a classificação de

> gêneros jornalísticos no Brasil para entender a função da charge no jornal, não acreditamos que nenhuma destas duas teorias o faz por si só. Apesar de concordarmos com Marques de Melo no sentido de que o papel da charge é crítico e, portanto, sua classificação estaria no gênero opinativo, concordamos também com a tese de Chaparro de que informação e opinião são elementos constitutivos de todo o fazer jornalístico, em proporções variadas.

E por fim elucida nossas questões sobre a relação entre Charge e Jornalismo ao tecer os seguintes comentário:

Segundo Marcos de Melo *apud* Parnaiba (2014):

> [...] sua validade [da charge] humorística advém do real, da apreensão de facetas ou de instantes que traduzem o ritmo de vida da sociedade, que flagram as expressões hilariantes do cotidiano. Sua intenção é representar o real, criticando [...] A charge contém a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento [...] e adquire sentido porque se nutre dos símbolos e valores que fluem permanentemente e estão sintonizados com o pensamento coletivo (2003, p.168).

E ainda:

> [...] uma manifestação humorística - capaz de congregar em sua gramática as mais variadas formas do Cômico - que tem como elementos constitutivos obrigatórios a sátira e a ironia expressas sobretudo graças ao uso da linguagem verbal que as complementa e à presença de caricaturas que remetem a figuras públicas de grande visibilidade social. Sua condição de existência é a recorrência a temas que sejam conhecidos pelos seus leitores, pois, caso contrário, perde o seu sentido e razão de ser. Sua abordagem é sempre atual, cotidiana, seguindo critérios de notabilidade calcados tanto na visibilidade de quem se fala quanto na importância e pertinência dos temas para a sociedade na qual ela está inserida. [...] Sua ligação com a realidade circundante se resume aos personagens e temáticas abordadas. A forma de representação, porém, não é baseada na descrição ou reprodução de acontecimentos reais (1998, p. 12).

Por fim conclui Parnaiba (2014, p.), que " *[...] apesar de a representação da charge não se basear na realidade, o fato é que origina a charge, fazendo com que ela faça sim parte do universo jornalístico*."

Concluímos portanto esta discussão como nos apresentou Parnaíba (2014), onde a relação entre Jornalismo e Charge, embora não sendo ponto pacífico entre alguns autores das

temáticas, no leva a perceber que Charge e Jornalismo apresentam-se como cenários de formação crítica, quer sejam no universo textual do jornalismo ou imagético textual da Charge, e portanto nos leva a entender, que estão imbricados no universo um do outro.

4. HUMOR, COMICIDADE E OUTROS TRAÇOS HUMANOS

Para Dacosta (2015), a gênese do humor como estudo científico e sistemático começa na Grécia Antiga e com "o celebre texto em que o filósofo Aristóteles atribui aos seres humanos a condição de 'o homem o único animal que ri´", citado por Serbek (2007, p.8).

Ainda segundo Dacosta (2015), "A linguagem do humor – arma política contra regimes repressivos – é também considerada subversiva e de contracultura e pode ser narrada por meio do teatro, da música, da literatura, da imprensa, do cinema e do desenho de humor."

Neste sentido sobre as terminologias nos fala Alberti (1999, p. 25), "São muitas as categorias ligadas ao nosso objeto de estudo: humor, ironia, comédia, piada, dito espirituoso, brincadeira, sátira, grotesco, gozação, ridículo, *nonsense*, farsa, humor negro, palhaçada, jogo de palavras ou simplesmente jogo."

Ainda neste contexto acrescenta Dacosta (2015), "Na história da humanidade, o risível sempre foi a tentação de estudiosos desse conceito, bem como de suas particularidades como o "burlesco", "grotesco", "satírico", "paródico", "humorístico", assinala Minoais (2003, p. 16).

Observamos assim que o estudo do humor no qual se inclui o riso foi comumente cercado de teorias cujas particularidades polissêmicas são objetos de muita discussão, ideia principal que pode ser encontrada na discussão de autores como Alberti (1999), Bergson (2001) e Skinner (2002).

Para Alberti (1999, p. 119), "o riso não constituía objeto de inquisição bem ordenada; o que havia era um pensamento disperso, que se expressava através de polêmicas e debates".

Para Bergson (2001), citando Le Goff:

> […] o riso é um fenômeno cultural. De acordo com a sociedade e a

> época, as atitudes em relação ao riso, a maneira como é praticado, seus alvos e suas formas não são constantes, mas mutavéis. O riso é um fenômeno social. Ele exige pelo menos duas ou três pessoas, reais e ou imaginárias: uma que provoca o riso, uma que ri outro de quem se ri. É uma prática social com seus próprios códigos, seus rituais, seus autores e seu palco. (BERGSON, 2001, P. 65)

Assim inicialmente consideramos pertinente situar nosso recorte de estudo do humor dentro do campo das Ciências Sociais, precisamente estabelecendo um marco terminológico onde possamos situar nossa proposta, ao apresentar o riso como crítica na sua forma satírica, forma de humor transgressiva evidencialmente presente na Charge.

Sobre este recorte nos fala Alberti (1999):

> No universo das ciências sociais por exemplo, observa-se a recorrência do caráter transgressor do riso. Trata-se, na maioria dos casos, de uma transgressão socialmente consentida: ao riso e ao risível seria reservado o direito de transgredir a ordem social e cultural, mas somente dentro de certos limites. (ALBERTI, 1999, p. 30)

É este aspecto transgressor sugerido por Alberti (1999) que encontramos presente na Charge e que portanto a torna um fator de observação quanto a sua capacidade de mobilizar polêmicas.

Assim, para este recorte em nossa dissertação, acreditamos que uma discussão ampla sobre humor ultrapassa a proposta deste texto mediante sua amplitude, preferindo nos ater apenas a algumas ideias destes autores para construção de nosso argumento sobre a capacidade crítica do humor como aspecto constitutivo da Charge, buscando corroborar nossos argumentos na conclusão de nossa pesquisa.

Feito este recorte, adentraremos na reflexão sobre a condição conjunta destes aspectos constitutivos da Charge o humor e a política, como fatores cujo encadeamento justificam sua potencial "carga", sugerida por Ferreira (2010).

Uma vez apresentado o aspecto da aproximação com temáticas políticas da Charge por estes autores, nos voltamos para o humor (sátira), um outro aspecto constitutivo da Charge, o qual consideramos relevante para nossos objetivos, por isso apresentamos a seguir uma breve discussão sobre algumas definições e variações terminológicas sobre esta temática buscando não apenas compreender este assunto, bem como construir argumentos que servirão de base teórica mais adiante para nossas conclusões.

Como vimos através de Alberti (1999), Bergson (2004) e Skinner (2002), o riso, expressão do humor, não apenas possui capacidades potenciais de crítica, mas também se constitui de participação política e social enquanto parte do seu mecanismo de formação polissêmico. E será sobre estes aspectos que nossa pesquisa se deterá mais profundamente, buscando apresentar como estes mecanismos se imbricam na "desconstrução" da imagem pública da Presidenta Dilma através de discursos ofensivos de Gênero presentes nas Charges publicadas na Internet em alguns dos principais meios jornalísticos hegemônicos de comunicação do país no período entre 2010 e 2014 de nosso recorte de pesquisa.

5. GÊNERO FEMININO E NARRATIVAS

Para Nogueira e Dantas (2013, p. 238) considerando as reflexões de Simone de Beauvoir, "a mulher sempre recebeu o legado de ser o outro do sujeito homem, tendo a sua própria subjetividade tolhida."

Sobre esta questão pondera Parnaiba (2014):

> A partir desta divisão de espaço privado e público, foram sendo disseminados e incentivados características e comportamentos pertencentes a cada gênero. Assim, as mulheres, independentes do tempo e lugar em que viviam, foram marcadas por características como beleza, maternidade, ingenuidade, habilidade nas tarefas domésticas, doçura e sensibilidade, entre outros. Sendo a mídia, uma das ferramentas usadas para legitimar este perfil de mulher ideal. (PARNAIBA, 2014, p. 12).

E ainda Buttoni *apud* Parnaiba (2014):

> A análise de Buitoni a respeito do século XX revela que "[...] na imprensa feminina, a mulher está, metafórica e metonimicamente, ligada aos seus papeis sociais básicos: dona de casa, esposa, mãe, principalmente até os anos 1970" (2009, p. 200). A partir dos anos 1960, afirma a autora "[...] aparecia uma tendência que privilegiava a consumidora. E mais do que mãe ou esposa, o status de namorada foi se fortalecendo" (BUITONI, 2009, p. 200). (PARNAIBA, 2014, p. 12).

Como é possível observar em muitos trabalhos acadêmicos em diversos campos das Ciências Humanas e Sociais, não apenas começamos a tomar conhecimento destas narrativas,

como estas narrativas agora são construídas pelas próprias mulheres. Não é, portanto, de se estranhar que pontualmente no campo das Ciências Sociais, por natureza epistemológica mais próxima as questões dos indivíduos e sociedade em aproximação com as correntes de pensamentos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, este debate se encontre tão em evidência e tão frontalmente aberto, onde se tem produzido nestes mesmos últimos anos uma quantidade significativa de trabalhos acadêmicos.

No entanto, ao falarmos de "história das mulheres", nos referimos não apenas as narrativas advindas de formalizações acadêmicas, muito menos a participação das mulheres na Literatura, sobretudo nacional, cuja obra *Literatura Brasileira Contemporânea. Um Território Contestado* de Regina Dalcastagné (2012) já apresenta uma discussão bastante interessante neste sentido, apontando como resultado de sua pesquisa sobre literatura contemporânea brasileira, entre outros dados, que a participação na literatura nacional, com um recorte no período de duas décadas, nos apresenta um perfil de autores bastante interessante, em especial com destaque na pesquisa para os dados de serem estes autores/escritores de obras nacionais, em sua maioria, brancos e principalmente do gênero masculino.

Segundo Perrot (2007) *apud* Nogueira & Dantas (2015):

> Vários fatores contribuíram para trazer à tona a história de vida das mulheres como objeto de estudo, principalmente a presença feminina nas universidades, que cresceu de forma expressiva a partir do final da segunda guerra mundial. Assim nasceu o desejo de outro relato, de uma outra história. (NOGUEIRA & DANTAS, 2015: p. 237)

Considerando em especial o espaço das HQs com enfoque de reflexão no debate de Gênero feminino na Charge desta pesquisa, consideramos oportuna as palavras de Nogueira & Dantas (2015), onde:

> Os estudos sobre mulheres estiveram enquanto produtoras de cultura pontilhados de omissões históricas. No caso das Histórias em Quadrinhos, não é diferente. Por muito tempo, a pouca quantidade de autoras referenciadas contrastou com a grande proliferação de personagens. Figuras femininas nunca deixaram de ser proeminentes nos espaços das publicações. (NOGUEIRA & DANTAS, 2015, p. 235)

Embora nossa pesquisa a priori não objetiva estes questionamentos a todas as outras formas de manifestação de arte, sobretudo aquelas construtoras de narrativas, como teatro, cinema, visuais, será pontualmente sobre a arte gráfica da Charge o foco de nosso trabalho, especificamente em discutir algumas questões de política e gênero feminino dentro desta forma narrativa.

Neste contexto, entendemos que uma discussão pontual quanto as HQs tanto no sentido de conceitos, terminologias e gêneses históricas e tensões e aproximações sociais, políticas e antropológicas, assim como Charge, já foram discutidos em capítulo específico, assim este capitulo se deterá sobre duas linhas de raciocínio principais: primeiramente no sentido de refletir nesta pesquisa como estas temáticas de Gênero, Feminino e HQs se imbricam, e em segundo, porém não menos importante, que esta abordagem teórica irá se constituir em uma parte essencial na compreensão dos conteúdos e discursos ocultos destas formas narrativas que são as HQs, quando pontualmente dentro de uma reflexão de um recorte de gênero feminino, assim como também na Charge, objeto e problematização de nossa pesquisa.

Também neste sentido não buscaremos como objetivo principal deste capitulo traçar, mapear ou discutir a temática específica das apresentações femininas nas HQs, a priori, buscaremos apenas construir um arcabouço teórico no qual apresentaremos estas temáticas conjuntamente como um recorte de forma a compor nossa linha de fundamentação teórica nesta pesquisa, compreendendo as HQs como este espaço de reflexões das quais emergem as Charges e os discursos objetos de nossa dissertação.

> As Histórias em Quadrinhos (HQs) sempre trouxeram a discussão sobre a diferença para dentro de suas páginas. Elas foram às pioneiras em trazer tais questões para os meios de comunicação de massa. Questões sobre direitos humanos, o negro e a mulher, eram questões discutidas tão somente por ativistas e seus meios de comunicação restritos. (WESCHENFELDER , 2015, p. 137)

Propomos iniciar nossas reflexões a partir das questões levantadas por Braga e Silva (2015), cujas pesquisas de alguns exemplares de HQs nacionais dos anos 2001 e 2005 tendo como personagem principais figuras femininas, apontam algumas primeiras reflexões neste sentido.

Inicialmente Braga e Silva (2015) nos aponta para a dificuldade de se encontrar

trabalhos de referência neste sentido, apontando algumas obras nacionais sobre a qual estabeleceu o marco inicial de suas pesquisas, destacando o trabalho de Selma Oliveira, "Mulher ao Quadrado" (2007). Neste sentido também encontramos em Cirne (1982) uma reflexão sobre gênero no tratamento dado a as mulheres em obras quadrinísticas.

Seguindo os caminhos de Braga e Silva (2015: p.9), as referências de estudos mistos ingleses e japoneses sobre feminismo, cartuns e mangas, apontam na proposta de desenvolvimento histórico das personagens femininas e temáticas sociais, partindo dos trabalhos da autora e quadrinista estadunidense Trina Robbins (1938), cujo estudo documental *From Girls to Grrlz : A History of Women's Comics from Teens to Zines* (1999) sobre alguns personagens femininas não envolve um debate feminista, tendo buscado apenas mapear cada uma destas personagens por época.

Segundo Braga e Silva (2015):

> A mulher desenhada nos quadrinhos é uma mulher idealizada pelo homem enquanto objeto erótico. É o "outro" de Simone de Beauvoir: Não é apenas idealizada, mas percebida e concebida como um contraponto ao masculino. É sua sombra antagonizada com um único propósito: entreter as necessidades masculinas de proteção, atenção e satisfação na figura da mãe, amiga e namorada, respectivamente. Apesar destas mulheres terem atitudes, suas ações – como reza o estereótipo – são erotizadas pelo braço do homem que as desenha. (Braga & Silva, 2015, p. 8)

Também nos ensina neste sentido Luyten (2015, p. 159), a personagem feminina, como afirma Ruth Silviano Brandão, "constituída e produzida por registro masculino, não coincide com a mulher." (BRANDÃO, 1989, p. 17-18)

Observa-se nos trabalhos de Braga e Silva (2015) e Luyten (2015) uma séria reflexão sobre o papel feminino nas HQs, em especial quando nos fala de idealização, erotização e antagonismo ao masculino, aspectos que segundo o autor, se apresentam constitutivos nesta forma narrativa imagética e textual das HQs quando de sua produção.

Para Zampragne (2015), esses aspectos constitutivos das HQs perpassam questões que vão além do indivíduo, assim:

> No processo de recriação de interpretações dos modos de ser e estar no mundo através das HQs, as representações, sejam elas quais forem, não partem apenas de um individuo, a nível de opinião. São antes, uma

> construção coletiva , um processo de construção de uma representação baseada em uma rede de significados a valores e práticas sociais. (ZAMPRAGNE, 2015, p. 268)

Encontramos nestas reflexões um ponto de convergência dos objetivos gerais de nossa dissertação, tendo como objeto a Charge, em especial a Charge política na construção da imagem pública da Presidenta Dilma Vana Rousseff. Primeiramente considerando a Charge um gênero do hiper gênero HQs sugerido por Ramos (2009) como já visto, portanto portador destes mesmos aspectos constitutivos presentes na forma de discursos a partir de visões masculinas, vide que na maioria, se não todos os chargistas atualmente na problematização desta dissertação serem todos homens. Observação que *per si* já levanta um número de questionamentos quanto as perspectivas de análise de discurso de Gênero nestas representações, em especial nossa problematização.

Sobre esta problemática Silva (2015) nos ensina que:

> Essa baixa incidência de nomes femininos no humor gráfico foi registrada também por Zé Roberto Graúna, no texto "Viva o Dia Internacional da Mulher", Nele o autor diz que cataloga nomes de artistas gráficos desde a década de 80 e que dentre os mais de mil nomes de desenhistas, caricaturistas, cartunistas, ilustradores de jornais, livros e sites, pouco mais de uma centena são mulheres, sendo que a maioria delas atuam quase que exclusivamente no mercado editorial infanto-juvenil. No campo do humor gráfico o número se reduz a uma dezena [...] (SILVA, 2015, p. 294)

Ainda sobre HQs, Braga e Silva (2015) também nos chama atenção para percepção do potencial educacional e caráter pedagógico sobre a ausência das mulheres nesse tipo de produção, pois, na medida em que reforçam o imaginário social a respeito das mulheres, dialogam com, ou questionam as representações sociais vigentes. As mídias tem esse carácter educativo, são tecnologias de gênero, participando ativamente na constituição daquilo que chamamos de feminino. (BRAGA & SILVA, 2015: p . 12).

O próximo subitem desse capítulo tratara brevemente da representação da relação entre mulher e política na Charge, incluindo uma introdução a representação da própria Dilma sujeito objeto de nosso estudo como uma forma de adendo prévio de nossa pesquisa.

Consideramos que embora breve, essa prévia é necessárias para construção de nossos resultados, uma vez que essas temáticas se mesclam de forma indissolúveis as questões de

Gênero feminino os quais buscamos no seu cerne, atingir nossos objetivos com os resultados nesse sentido sobre a construção da imagem pública de Dilma.

Então veremos umas palavras sobre Mulher, Política e Charge.

5.1 Mulher, Política e Charges

Iniciamos essa discussão corroborando o fato de que o espaço feminino, assim como demonstrado a longo dessa dissertação não apenas concernente a participação política, mas em contexto geral, encontra-se permeado a muito tempo por uma cristalização de valores e construto os quais a manteve afastada desse espaço.

Também acompanhamos que esse espaço foi conquistado gradativamente como assim nos fala inicialmente Carvalho (2013) na introdução quando nos diz que:

> O espaço da mulher na sociedade como ser múltiplo e independente foi conquistado a duras penas. Para que hoje ela pudesse ocupar postos de trabalho, chefiar empresas, entre outras diversas atividades, foi necessária muita luta e insistência. Herdeira de uma sociedade patriarcal e machista, a mulher precisou ter garra, coragem e determinação para lutar por seus direitos, usurpados pelos pais e maridos autoritários. (CARVALHO, P. 102, 2013).

E ainda:

> Observando a sociedade atual, vemos mulheres nos mais diversos papeis, ocupando posição de igualdade perante os homens, muitas vezes chefiando-os em empresas, na política e em todos os setores da sociedade, porém nem sempre foi assim. Por muito tempo, a mulher ficou relegada às tradicionais funções de mãe, dona-de-casa e esposa e não podia nem devia ultrapassar esse limite imposto pelos padrões ideológicos da época.(CARVALHO, P. 102, 2013).

Também segundo Parnaíba (2013), de forma análoga, corrobora a mesma observação neste sentido quando diz que:

> a mulher foi privada do espaço público, e socialmente destinada às tarefas privadas do lar, da vida familiar, em detrimento da participação política.

> Vimos também que esta realidade foi construída inclusive com o auxílio da mídia, que ao longo dos anos representou a mulher a partir de seus papeis sociais na família e como objeto para satisfação masculina, dando pouco e às vezes nenhum espaço para a representação política feminina.(PARNAIBA, P. 144. 2014).

Parnaíba (2014, p.148) ainda nos ensina que: "[…] *Observamos nas charges pouco espaço para a discussão mulher na política*."

A partir dessas observações já podemos inferir que o campo de construção da Charge como já vimos, ao cobrir um amplo espectro do entorno social e principalmente político de sua época, se torna fértil em apresentar mulher de forma estereotipada, ressonante a imagem de fragilidade, bondade, ausência de força física, e muito frequentemente submissão ao homem, quer pai, marido, chefe, etc. Como vemos de forma extrema abaixo na representação da Charge abaixo, figura 11.



Figura 12 – Charge do Cartunista Arionauro, disponível em http://www.orapois.com.br/arquivos/image/thumbGrande_76e380a86782bf2c2d7a175fb9e1581f.jpg. Acesso em 29/10/2017.

Neste sentido nos fala Carvalho (2013), que:

> O espaço da mulher na sociedade como ser múltiplo e independente foi conquistado a duras penas. Para que hoje ela pudesse ocupar postos de trabalho, chefiar empresas, entre outras diversas atividades, foi necessária muita luta e insistência. Herdeira de uma sociedade patriarcal e machista, a mulher precisou ter garra, coragem e determinação para lutar por seus direitos, usurpados pelos pais e maridos autoritários.

Para Carvalho o espaço discursivo da Charge abriga elementos em cujos discursos alocam essa cristalização, decorrentes

Não se exige muito esforço daqueles que acompanham a publicação de Charges sejam em jornais escritos ou na Internet sobre o teor das Charges nas quais a então Presidenta Dilma foi representada durante o primeiro e segundo mandando. Em sua pesquisa sobre Charges de Dilma destaca neste sentido Parnaíba (2014) destaca, que:

> Assim, além desta representação baseada em estereótipos de gênero social e na atribuição das funções domésticas e de qualidades como vaidade, como algo intrínseco às mulheres, os jornais observados também representaram a presidente por sua personalidade forte, que, socialmente, foge às características femininas e talvez por isso tenha sido tão destacada em Dilma […] (PARNAÍBA, P.146, 2014).

Ainda nos ensina Parnaíba (2014), neste mesmo contexto:

> Diante disso, podemos dizer que a principal representação de Dilma se deu a partir de estereótipos de gênero social. Porém, ao colocar Dilma Rousseff como aquela que limpa a sujeira do cenário político nacional, parece-nos que o uso deste estereótipo foi de forma positiva, era uma forma torta de elogiar a postura da presidente. (PARNAÍBA, P.146, 2014).

E ainda:

> Mesmo assim, questionamos este uso, pois acreditamos que há outras maneiras de representar uma presidente que combate a corrupção. Dilma, ao contrário do ex-presidente Jânio Quadros, por exemplo, nunca usou a vassoura como *slogan* de campanha. E mesmo tendo assumido um papel importante na troca de ministros em investigação, não recebeu da mídia um título de combatente, mas o de diarista, faxineira, dona de casa. Apesar de os tempos serem outros, podemos pensar em uma comparação com o episódio em que o então governador do Alagoas, Fernando Collor de Mello, recebeu da mídia o título de "caçador de marajás", o que o ajudou a angariar votos para a eleição presidencial por ele vencida em 1989, tendo ele sofrido um *impeachment* dois anos depois de assumir a presidência. (PARNAÍBA, P.146, 2014).

Por fim conclui Parnaíba (2014) sua pesquisa com estas palavras:

> Não podemos, porém, garantir que se fosse um homem no mandato ele não receberia um título de diarista, faxineiro ou dono de casa, não temos como afirmar sem fatos para comparar. Porém os exemplos mencionados acima e o histórico da representação da mulher na mídia e os papeis sociais a ela atribuídos, vistos em um dos capítulos desta dissertação reforçam a ideia de que a presidente Dilma Rousseff só foi representada tantas vezes com vassouras nas mãos por ser mulher. (PARNAÍBA, P.146, 2014).

Fica evidente portanto a partir desse ponto em nossa pesquisa duas considerações as quais nortearão nossas discussões: a primeira trata-se do impacto da modelo de construto de Genero feminino que atua na sociedade brasileira, e a capacidade da Charge de possuir em suas mensagens conteúdos dessa natureza.

Ainda uma terceira força se eleva destes questionamentos: Considerando o que vimos até agora, a construção da imagem pública da Presidenta Dilma sofre um impacto devido as Charges nas quais foi representada no primeiro e segundo mandato?

6. CONFIGURAÇÕES METODOLÓGICAS

6.1 Construção Metodológica

Buscando responder metodologicamente aos objetivos de nossa pesquisa, optamos por utilizar a proposta de Bardim (1977), assim descrita por Parnaíba (2014, p. 77):

> Entendendo que cada problema de pesquisa, bem como cada objeto, pede métodos diferentes para chegar ao objetivo em questão, propomos uma construção metodológica para trabalhar a charge que combine o método de análise de conteúdo, segundo Bardin (1977).

E ainda:

> Na definição de Bardin, a análise de conteúdo é "[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens", ainda de acordo com a autora sua intenção é a "[...] inferência de conhecimentos relativos às

> condições de produção (ou, eventualmente, de recepção) inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)" (1977, p. 38).

Esta análise é realizada em três etapas: a primeira compreende a pré-análise, na qual será definido o *corpus*; a segunda consiste na exploração do material, na qual o *corpus* é tratado e separado em categorias; e a terceira é composta pelo tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Segundo Bardin (1977, p. 95), a pré-análise é a fase de organização. Ela "[…] corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise".

Para o nosso caso a pré-análise se deu em um levantamento prévio de publicações de Charges de Dilma na Internet entre 2010 e 2016.

Cumprida esta primeira etapa, seguimos no percurso de Bardin (1977), onde: "[...] A categorização tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos" (BARDIN, 1977, p. 101-119).

Estabelecemos que por compor um quadro significativo de construção da imagem feminina e participação política como vimos, concernente a caracterização da mulher como espaço doméstico dominada pelo homem o qual procura se desvencilhar, que esta seria a categoria sobre o qual recairá nossa análise do *corpus* considerando a terceira etapa deste processo apresentada por Bardim (1977).

6.2 Você está rindo de que? Analisando Charges de Dilma



Ao chegarmos a esta parte de nossa dissertação, e uma vez já apresentado todo arcabouço teórico da qual tratam as temáticas envolvidas até o presente momento, pretendemos a partir deste ponto, iniciar um processo de análise (*corpus*) das Charges as quais pretendemos pontualmente buscar elementos de sexismo, machismo e misoginia pontuados pela nossa discussão.

Nosso processo de análise iniciou-se buscando elencar um conjunto de Charges sobre Dilma Rousseff disponibilizadas entre 2010 e 2016 na Internet que fosse o mais abrangente possível. Com isso pretendemos construir um acervo heterogêneo de Charges capazes de oferecer um amplo espectro de construção da imagem de Dilma Rousseff através da representação da Charge no Brasil neste período.

Assim, recorremos a mecanismos populares de busca da Internet os quais utilizamos como pesquisa: "Dilma"+"Charges"+"2010"+"2016", cujos resultados retornaram uma quantidade considerável de Charges advindas de sites, portais, blogs e páginas pessoais de chargistas brasileiros, e o mais abrangente possível e dentro do cenário nacional.

Nossa proposta inicial seria coletar Charges de Dilma Rousseff deste período unicamente de alguns principais sites de jornais brasileiros, e assim coletar uma fonte formal de Charges com mais homogeneidade de *corpus,* os quais pudéssemos nos referenciar em nossa análise com mais propriedade.

No entanto, esse movimento mostrou-se inviável pela produção de Charges. e de Dilma Rousseff em específico, estarem sistematicamente protegidas pelo acesso pago de assinantes desses espaços, o que dificultou a pesquisa, neste ponto, bem como pelo número limitado de Charges que possibilitassem uma visão mais abrangente do contexto de produção nacional de Charges com essa temática que buscamos explorar.

Neste sentido, consideramos realizar uma pesquisa de Charge aberta na Internet como já mencionado, coletando um número considerável de Charges de diversos meios de divulgação, sites, portais, jornais, páginas pessoais de chargistas e acervos digitais abertos e com as temáticas que envolvem o contexto da pesquisa. Ainda preferencialmente tendo como personagem principal destas Charges, Dilma Rousseff, seja como pré-candidata, em campanha e no exercício do seu primeiro e segundo mandato, embora este último interrompido ainda no início.

Deste universo de proximamente mais 500 Charges, tendo sempre como foco os critérios de pesquisa já mencionados, selecionamos aquelas que julgamos melhor pontuarem

nossa discussão, trazendo para o ponto focal de nossa análise, como a imagem de Dilma Rousseff foi "representada" através do assim chamado "humor gráfico" da Charge através do humor, política e questões de gênero feminino relativos a elementos já mencionados.

Assim, após uma coleta inicial, chegamos ao número de 15 Charges as quais acreditamos apenas exemplificar pontualmente nossa discussão de como as Charges publicadas sobre Dilma Rousseff, seja em seu espaço público ou privado, apresentaram elementos que podem apontar para uma relação abrasiva de sua imagem não apenas como Chefe do Executivo, mas também como mulher.

Seguindo esta mesma linha de nossa análise, acreditamos que expandindo-se o número Charges coletadas gradativamente, e adotando-se como critério as temáticas já elencadas, pode-se ampliar essa discussão, no entanto as reflexões continuarão a corroborar, com poucas variações, talvez as mesmas questões demonstradas ao longo de nossa pesquisa a qual iniciamos a análise a partir deste ponto.

Fica evidente logo nas primeiras Charges publicadas na Internet de Dilma Rousseff analisadas que vamos apresentar, que estas irão compor uma imagem que transcende a crítica política pura e simples comum a Charge como já esboçado em capítulo sobre sua capacidade de vertedouro do seu entorno social e político, e transborda paulatinamente para questões muitas vezes machistas, sexistas e misóginas, quando não de violência simbólica.

Inicialmente já nos deixa pouca dúvida quando percebemos que desde o início da campanha de 2010 ou talvez até da sua chegada ao Planalto, quando o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva apresenta à então Ministra da Casa Chefe, Dilma Rousseff como candidata ao pleito de 2010, que a imagem de Dilma Rousseff começa a sofrer uma representação massiva através da Charge onde emergirão clichês, conceitos e referências, muitas das quais, depreciativas.

Estas questões parecem emergir através do discursos destas Charges, apresentando questões como: "Emasculação", mulher como "Dona de Casa", "Subordinação", "Poder patriarcal", etc. os quais com algumas variações passaram a ser cada vez mais explícitas e recorrentes.



Figura 13 – Disponível em https://rafapolicarpo.files.wordpress.com/2010/03/charge_serra_dilma_braco_fe.jpg Acesso em 26/10/2017.

Assim, inicialmente apresentamos já na primeira Charge (Figura 13) analisada em nosso trabalho de contexto temporal que compreende o período de 2010, ano da campanha eleitoral do executivo, e que marca o lançamento oficial de Dilma Rousseff a presidência da República, um exemplo de charge que nos leva a refletir sobre a discussão presentes nesta dissertação.

Nesta charge em especial, vemos o então candidato da oposição ao pleito, então Senador José Serra (PDSD) em uma "queda de abraço" com a candidata Dilma Rousseff, ainda uma figura "desconhecida" no cenário político.

Podemos perceber no contexto visual dessa Charge, que o conteúdo, embora procure fazer uma referência ao confronto de ideologias dos partidos, medição de forças, etc. que emergem naturalmente nestas campanhas, possuí elementos imagéticos capazes de nos faazer refletir como esta sendo apresentada a imagem de Dima Rousseff logo que surge na polítca nacional de forma preeminente. Assim, vemos que ambas as representações (imagéticas) dos candidatos nesta Charge nos levam a algumas reflexões interessantes.

O candidato José Serra (PSDB) se apresenta de palitó (vestimenta formal e comumente atribuída aos políticos e pessoas do "poder"), e a candidata Dilma Rousseff é

"retratada" na mesma Charge em vestes comuns, informais, usando uma camisa "sem mangas" (estilo "caminhoneiro", termo muito comum e pejorativo para descrever o universo das mulheres homoafetivas), bem como exibe "musculos" salientes à amostra, uma forma de alusão a "emasculação" de Dilma, imagem que será muito explorada de depreciativa por muitos chargistas ao longo dos Governos Dilma.

O tema da emasculação será muito utilizado pelos chargistas ao fazerem referência a imagem de Dilma Rousseff nas Charges, quase sempre de forma depreciativa, associando este termo a condições homoafetivas ou mesmo de caráter estético, exagerando-se em aspectos físicos, se contraponto aos pontos como uma mulher "forte", "grande", "musculosa", mas sempre se utilizando destes adjetivos de forma inversa do imaginário popular brasileiro da mulher, "frágil", "gentil" e "bonita". A imagem "emasculada" de Dilma Rousseff vai acompanhar o processo chargístico deste os primeiros momentos de sua visibilidade política.

Neste mesmo contexto, particularidades físicas de Dilma Rousseff como mulher, servirão muitas vezes de material simbólico na construção de sua imagem por muitos chargistas.

Assim veremos o cabelo sempre "topete", o padrão físico fora dos ideais publicitários de beleza estética, o uso de vestido vermelho e principalmente os dentes "salientes", serão alvo de referência artística nas Charges de Dilma Rousseff desde o início, e que vão ainda se estender durante seu primeiro mandato entre 2010 e 2014 até o impedimento em 2016 como forma de construção de sua imagem como mulher uma que foge aos esteriótipos idealizados culturalmente da mulher brasileira pelo eleitorado masculino. Como também vemos na Charge abaixo, Figura 14.



Figura 14 – Charge Dilma Rousseff - http://www.fatoamazonico.com/wp-content/uploads/2017/05/20141012184419aecio_e_dilma_charge-1.jpgAcesso em 29/10/2017.

> O uso de saias e sapatos de salto por esses homens, enquanto Dilma Rousseff usa calça comprida parece ser o dispositivo de humor usado pelo chargista para indicar esta mudança, sendo que evidencia o fato de, historicamente, as mulheres terem sido subordinadas aos homens, ao mesmo tempo em que legitima essa subordinação, vestindo os homens como mulheres. Interpretando a charge, a entendemos como um retrato crítico do momento retratado, que, por um lado, evidencia a mudança no quadro político do país, com a chegada de uma mulher à presidência e, por outro, mostra a subordinação a que as mulheres ainda estão submetidas. (PARNAIBA, 2014, p. 10



Figura 15 - http://dia.portalodia.com/media/editor/charge1472550712.jpg



Figura 16 - http://midia.gruposinos.com.br/_midias/jpg/2015/09/28/sinovaldo_para_2909_2015_cmyk-1082001.jpg



Figura 17 - http://jconlineimagem.ne10.uol.com.br/imagem/noticia/2016/05/11/normal/8426aac7e464f23c0b9a1fe0012a754a.jpg



Figura 18 - http://portaleliomar.opovo.com.br/wp-content/uploads/2014/03/clayton-140308.jpg

O clichê artístico de representar Dilma Rousseff "fora dos padrões femininos" de

forma depreciativa será muito utilizado pelos chargistas, nos leva inclusive a um comparações imagético entre Dilma Rousseff e a personagem das Histórias em Quadrinhos, “Mônica” de autoria do cartunista Maurício de Souza, cujo comportamento aparentemente emasculado e brigão, o vestido vermelho, o cabelo de topete, principalmente os dentes salientes, são sempre apontados no imaginário dos leitores dessas histórias em quadrinhos como carateristas físicas determinantes nas ações da personagem como podemos ver respectivamente nas figuras 19 e 20 abaixo:



Figura 19 - https://quesepassa.files.wordpress.com/2011/04/dilma-monica-blog.jpg em 27 de Outubro de 2017

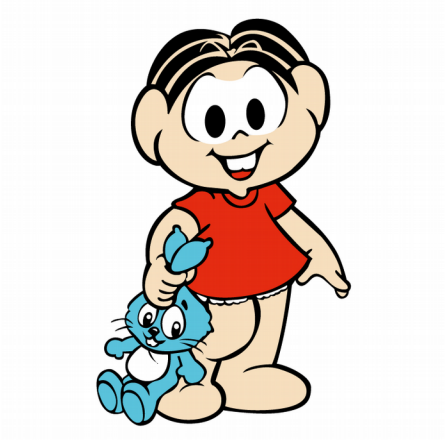


Figura 20 - http://4vector.com/i/free-vector-monica_033350_monica.png em 27 de Outubro de 2017.

Assim, partindo de nossa primeira análise de Charge, já conseguimos refletir o quanto a imagem de Dilma Rousseff como mulher sofreu a inferência direta de conceitos e aspectos depreciativos físicos de sua aparência que extrapolam o contexto apenas político dessa forma

de representação que é a Charge, cujo humor (comicidade), se torna capaz de silenciosamente construir e desconstruir imagens como temos tratado em nosso trabalho.

Um outro clichê ou "referência" imagética bastante utilizado pelos chargistas na construção das Charges da Dilma Rousseff desde o início de sua chegada ao Planalto, será o da dependência, subordinação e ou relação submissa em relação as figuras masculinas já estabelecidas no imaginário político brasileiro.

Os artistas que adotaram este viés de representar Dilma Rousseff irão fartamente se aproveitar da relação política e pessoal do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva com a então "desconhecida" Dilma Rousseff na continuidade do legado político do então Governo Lula, para "construir" Charges que possam de forma consciente ou não, "desconstruir" a imagem de Dilma Rousseff como uma mulher capaz de pensar e agir sem necessidade um suporte masculino, seja marido, pai ou chefe, os quais as charges neste contexto irão sempre tratar de referenciar o contrário.



Figura 21 - http://www.putsgrilo.com.br/wp-content/uploads/2010/10/charges-eleicoes-5.jpg em 27 de Outubro de 2017.

Assim nesta Charge de nossa análise (Figura 21) vemos claramente o quanto esses preconceitos se referenciam na imagem "dupla" do Presidente Lula "espelhado" na imagem de Dilma Rousseff (que ainda não usa o tradicional vestido vermelho que será marca de muitos charges, mas com as cores da bandeira do Brasil) e o texto diz "Sabe Dilma, Você já tá

com cara de Presidente!" pelo Presidente Lula, numa clara associação de imagem entre ambos que reflete ao que parece não apenas uma crítica a continuidade do legado político, mas a incapacidade atribuída a Dilma Rousseff de se apresentar como alguém capaz de agir de pensar por si mesma, necessitando de um poder "paternal", no caso da Charge do então Presente Lula para garantir a chefia do executivo.

Não fosse o texto da charge bastante claro nas referências de anulamento das capacidades pessoais de Dilma Rousseff, ainda o chargista configura o rosto de Dilma a "imagem e semelhança" do então Presidente Lula, a transformando numa cópia deste e portanto retirando dela imagem de mulher capaz de assumir a responsabilidade de chefiar o executivo sem necessidade da imagem do Presidente Lula como veremos nas Charges das figuras 22 e 23, abaixo:



Figura 22 - https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTx9C1jnpp5LKHAPE3cwxvYKRXf_Veb0gxmaM_tCCXaf5XfL-h2mg



Figura 23 - https://lh3.googleusercontent.com/proxy/41QEFZEBwMCywiDfRPxCTEgwjT1v1GvVOdq5wjjeWnQ-_0vzkmNBFdajWU2bJaI4gdA-E7mRa-Sndg3j5onwq9YKYzitKjjdH2IRlR5Xvh-5cKi2mGkVSkZcRrJIWqA0Ycba0w=w1200-h630-p-k-no-nu em 27 de Outubro de 2017.

Assim como na Charge que vimos na Figura 13 e no conjunto de Charges posterior daquele mesmo contexto, onde podemos demostrar o quanto a imagem física (estética) de Dilma Rousseff passou a ser o alvo principal de referências depreciativas ao longo de sua caminha política, a associação com imagem do Presidente Lula como "Pai", "Marido" ou

"Chefe" será também fartamente explorada pelos chargistas, cujo requinte gráfico variará nessas categorias, indo muitas vezes das condições servis da mulher ao domínio das relações hegemônicas masculinas patriarcais , sempre em referência a condição de "dependência" de Dilma Rousseff em relação a seu papel como chefe do Executivo e o Ex-presidente Lula.

Como veremos nas Charges das figuras 24 e 25, as temáticas fazem referência a Dilma Rousseff quase sempre como dependente de uma figura "masculina", no caso do Presidente Lula serão bastante comuns no arsenal dos chargistas.



Figura 24 - http://2.bp.blogspot.com/_HINGicWFSIA/TR-1TbeTZgI/AAAAAAAAAg0/vzYcJsdtPy8/s1600/Charge%2Bdo%2BDenny%2B%252811%2529.jpg em 27 de Outubro de 2017.

Nestas Charges, a imagem de Dilma Rousseff será muitas vezes de "incapaz", "cega", "fraca" ou mesmo "indivisível" a da Lula, seja como Presidente ou Ex-Presidente.

Neste contexto, vemos portanto na Charge da Figura 24, o então ex-Presidente Lula, vendo televisão, sentado tranquilamente dar "ordens" para então Presidente Dilma aproveitar uma "folguinha" e escolher "Ministros" (texto dialogo da Charge), na mesma imagem que mostra a então Presidente Dilma "amarrada" por uma corda e "pedindo mais corda" (liberdade) para cumprir as ordens.

A Charge portando não deixa dúvidas quanto muitas interpretações depreciativas que

podem ser abordadas na desconstrução da imagem de Dilma enquanto mulher e política chefe do Executivo.

Não bastasse essa clara referência de cunho depreciativo da mulher como submissão masculina aos "serviços domésticos", encontramos na mesma charge o alinhamento de violência simbólica ao colocar uma mulher "amarrada" literalmente a uma corda, cujo o "espaço de ação" é mantido e controlado por um homem (na imagem do Ex-presidente Lula), o qual ainda determina o que ela (mulher) Presidente Dilma "deve fazer".

Também vemos nesta mesma Charge um percebemos mescla referencial imagética e textual da Charge já apresentada na Figura 13 em cujo o contexto explora de forma depreciativa as caraterísticas físicas estéticas de Dilma Rousseff que se repetem como nas Charges posteriores (figuras 15, 16, 17 e 18), o que reforça uma reflexão sobre questões de relações de poder hegemônico patriarcal, temáticas que irão se repetir sistematicamente nas Charges e que impactam na construção da imagem pública de Dilma Rousseff ao longo e no período de seus dois mandatos.



Figura 25 – http://www.fabiocampana.com.br/wp-content/uploads/2013/05/Panico-fim-do-bolsa-fam%C3%Adlia-por-Alpino.jpg. Acesso em 29/10/2017.

.

A próxima Charge de nossa análise, Figura 26, demostra como o tema da "mulher" no

“espaço doméstico”, o qual já vimos diluído nas Charges anteriores serão utilizados pelos chargistas como pano de fundo para diversas representações de Dilma Rousseff.

Vemos claramente que ao mesmo tempo que essas charges reforçam a imagem de submissão de Dilma Rousseff como mulher frente de “Casa, Mesa e Banho” em contraposição da liberdade do espaço masculino da “rua” ocupado pelos homens.

A mesma Charge da figura 26 trata da imagem de Dilma Rousseff como “Dona de Casa”, e longe de reforçar o aspecto de organização, passa uma imagem dúbia, que infere aos eleitores um posicionamento da mulher como “Rainha do Lar”, “Dona de Casa” e portanto portadora de um status depreciativo frente ao espaço político até então ocupado pelos homens.



Figura 26 - https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQTiodLA3D994n-4hwArNqMIiLxcg_uIC0I1h-zyKYzBOpPKIWO1w em 27/10/2017.

Nessa categoria de Charges onde Dilma Rousseff se vê representada como “Dona de Casa”, serão publicadas um grande número de Charges explorando sempre de forma depreciativa este conceito.



Figura 27 - http://maisum.altervista.org/wp-content/uploads/2015/05/15charge-dilma12.jpg



Figura 28 - http://static.psdb.org.br/wp-content/uploads/2012/04/Charge-Dilma-faxina.jpg

Neste conjunto acima, figuras 27 e 28, as Charges abordam uma condição claramente do "espaço doméstico" (casa, vassoura, etc) o qual é colocado Dilma, um tema que será recorrente durante todo seu mandato, neste sentido nos fala Dias (2005):

> A mulher, hoje presente em vários segmentos da sociedade, que eram de circulação exclusiva do homem, como empresas, cargos políticos, administrativos e públicos, bancos financeiros, universidades e esportes, está se firmando como profissional de forma cada vez mais intensa e qualificada. Mas apesar disso ainda é vista e representada nas charges como se sua atuação ocorresse somente no espaço doméstico. Se esta atuação for efetiva no espaço público, como em lojas, escritórios, escolas, hospitais, demonstrando sua capacidade igual a do homem, isso aparece de forma direcionada a atividades que se relacionam com as desempenhadas no espaço doméstico e a valorização não se equipara à masculina. (DIAS, p.,27 2005)

Fica evidente em muitas Charges que os aspectos relativos a colocação de Dilma Rousseff como "Dona de Casa", representada com apetrechos domésticos como vassouras, panelas, avental, etc. quase um padrão em muitas Charges. Até quando a imagem de Dima Rousseff aparece nas Charges de protestos em referência aos chamados "Panelaços"

(mobilizações onde as pessoas passaram a bater panelas nas janelas de casas e apartamentos) as charges mostram Dilma Rousseff com "Panelas" nas mãos de forma a reforçar o contexto "doméstico" do espaço feminino apregoado pelos esteriótipos vigentes, bem como o apelo aos mesmos atributos físicos depreciativos (dentes salientes, cabelos de topete, etc) na cultura do imaginário machista brasileiro com vemos também na Charge abaixo, Figura 29.



Figura 29 - http://3.bp.blogspot.com/-yWQpyvcfIB0/VRG7OoOTh4I/AAAAAAAAhUg/2oE9fGxeQno/s1600/dilma%2Bpanela.jpg

Sobre representações sobre espaço feminino nos ensina Dias (2005), que:

> A mulher, embora esteja mais altiva e sem os trajes de serviçal do lar, ao contrário da que aparece na figura anterior, ainda está ligada as tarefas de cuidados com o lar e o homem é apresentado de forma totalmente descompromissada. Permitindo vazão a idéia que o espaço doméstico "é coisa de mulher". (DIAS, p.,27 2005)

Vemos na Charge da figura 16, Dilma Rousseff somando-se ao "coro popular" de "Fora", etc. Onde, no entanto, é retratada com as mesmas caraterísticas físicas já citadas que passam a se tornar constantes em suas Charges.

Assim como as referências depreciativas de aspectos físicos e configurações de poder hegemônicas masculinas da "mulher submissa", "Dona de Casa", "Cama, Mesa e Banho", etc já abordadas nas Charges anteriores, outras condições ainda mais graves foram retratadas de forma discursivas na Charges de Dilma Rousseff, um exemplo foi a Charge abaixo, Figura 8, que se tornou muito polêmica e desencadeou acaloradas discussões no meios artísticos,

jornalísticos e acadêmicos.

Nesta Charge logo abaixo em especial, figura 30, vemos na construção tanto imagética quando textual dessa Charge, diversos aspectos discursivos os quais no levam a refletir sobre questões de genero referente ao universo feminino.

Não se é preciso muito esforço intelectual para compreender o contexto desta Charge. A imagem visual e o texto da Charge, que abertamente faz referência física e estética a Dilma Rousseff (cor da roupa, cabelo topete, queixo saliente, etc), claramente constroem uma imagem de Dilma como sendo e agindo como uma "profissional do sexo", termo formal que denota atividade de "prostituição", conceito bastante amplo de discussões no campo das Ciências Sociais.

Percebemos que no texto da Charge a uma inferência da personagem como "negociando cargos", uma alusão do chargista as relações partidárias entre os partidos do Governo e oposição.

No entanto, a imagem no contexto geral extrapola ao que parece as representações de "humor" e crítica política, claramente adentrando questões de uma outra ordem como genero feminino, ao "assemelhar" a então Presidente Dilma a uma "profissional do sexo", quadro o qual os eleitores menos críticos logo associaram de forma pejorativa, carregada de violência simbólica,



Figura 30 - https://blogdacidadania.com.br/wp-content/uploads/2010/07/josiasdilma.jpg em 27/10/2017.

Na mesma Charge em questão a personagem representada no quadro, possui entornos artísticos que buscam aproximar os da então Dilma Rousseff, em especial a “roupa vermelha”, o cabelo “topete”, e os dentes “salientes”, temas como já vimos, bastante explorados pelos chargistas como sendo relevantes e utilizados de forma depreciativa no contexto estético feminino, e como tal, servem de molde para a imagem da Charge.

Não obstante, esta Charge em especial também vai além e transcende o “padrão” de Charges de Dilma ao imprimir na imagem (embora o explicitamente o texto já nos conduza ao universo marginais da prostituição) em linguagem visual o comportamento atribuído as “profissionais do sexo” de “rodar a bolsinha” (comportamento abertamente conhecimento de atração de “clientes” nesta modalidade de atuação).

Talvez possamos inferir de forma inicial só por estes dois aspectos, o quanto está Charge pontualmente remete não apenas a uma crítica política, mas a toda uma construção de uma imagem sexista do universo feminino, onde a condição da mulher se apresenta permeada de séculos de preconceito e descaso como é o caso da assim chamada, prostituição.

Não bastasse esses fatores, a Charge compõe ainda todo um discurso imagético e textual, que coloca imagem pessoal da mulher Dilma Rousseff, claramente representada na Charge pelos atributos já citados como “negociando programas”, termos relativo as transações de origem sexuais próprios das profissionais do sexo representada na personagem da Charge.

A prostituição como sabido, tem sido uma emblemática forma de condição da mulher ao longo de séculos, negociadas, trocadas, violentadas, escravizadas em diversos períodos da história humana até os dias presentes.

A representação emblemática de Dilma Rousseff nesta Charge consegue reunir em um único contexto imagético textual, muito do que se construiu ou destruiu da sua imagem como politica, mãe, avó, esposa, mulher, não por acaso, essa charge ganhou atenção de estudiosos do assunto., aos quais nos somamos na busca destas questões e reflexões.

Dando continuidade a nossa análise, vamos percebendo paulatinamente o quanto a trajetória pessoal e política de Dilma Rousseff vai passar a ser pontuada de Charges em que emerge como vimos, uma série de fatores na sua construção que nos levam a crer o quanto essas reapresentações forma de alguma forma a sua imagem pública e até pessoal junto ao eleitorado brasileiro.

Neste contexto desde seu primeiro mandato a então Presidenta Dilma Rousseff já começa a sentir o peso do desgaste de sua imagem pública (e por vezes pessoal) em parte por

ataques da mídia hegemônica e até diversos chargistas, ligados ou não a estas mídias, os quais por motivos partidários e ou pessoais passaram a praticar um tipo de "tiro a Dilma", onde as charges foram se tornando cada vez mais abrasivas a sua imagem como primeira mulher presidente do Brasil.



Figura 31 - http://www.luizberto.com/wp-content/uploads/2014/08/TXR.jpg

Na Charge da figura 31 acima, percebemos como os aspectos físicos, as questões gênero, as relações de poder patriarcal dentre outras, continuam sendo a "marca registrada" das Charges que tem como personagem Dilma Rousseff, reforçando junto ao eleitorado imagens depreciativas de cunho machista, sexista.

Enfim concluímos para o momento em nossa análise com a Charge abaixo, sendo uma das mais polêmicas do período Dilma Rousseff entre 2010 até o seu impendimento em 2016, e que gerou inúmeras discussões sobre a relação entre Charge, Política e Comicidade, temáticas que procuramos refletir em nossa pesquisa.



Figura 32 - http://www.viomundo.com.br/wp-content/uploads/2015/03/caruso1.jpg

Essa emblemática Charge acima (Figura 32), atribuía ao Chargista Chico Caruso para um jornal de grande circulação, gerou uma série de reflexões tanto por outros chargistas como pelo público em geral e ainda hoje é tema comum nas discussões que envolvem Charge e Política.

A Charge em questão trata em um primeiro momento das referências a violência do assim chamado, "Estado Islâmico", organização paramilitar de cunho "terrorista" que assola alguns países do extremo Oriente, e que passa a ocupar diariamente a pauta da mídia internacional, e em especial da Internet. Neste último caso, foi muito divulgada a imagem em vídeo onde um refém é executado em tempo real e diante das câmeras por membros do "Estado Islâmico".

Esse vídeo correu o mundo através da Internet, e serviu claramente de referência para que o chargista, se utilizando da repercussão desse vídeo, elaborasse uma Charge na qual a então Presidente Dilma Rousseff se encontra "refém" dos momentos políticos agonizantes de seu segundo mandato.

A inclusão dessa Charge nessa pesquisa, e em especial nessa análise, tem como proposta não apresentar a Charge em si, por si só carregada de violência simbólica e até física, mas fazer uma leitura de todo trajeto de Dilma Rousseff coberto pelas Charges que a representavam desde seu surgimento no cenário político nacional brasileiro.

Dentre as Charges que a representaram durante seu histórico político, vê-se muitas vezes diluídos nos discursos ocultos ou não, temas que extrapolaram o ideário político, transcenderam a senda crítica e verteram-se em instrumentos abrasivos de sua imagem como política, mãe, esposa, mulher.

Assim, essa Charge em especial pode muito representar ao final de nossa análise, toda condição de "refém" na qual se colocou Dilma Rousseff frente aos chargistas que a representaram diante de tudo que apresentamos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizado todo percurso desta dissertação até as pressentes considerações finais, consideramos ainda relevante neste momento final da presente pesquisa, e produção do texto final, inicialmente abordar, que já na introdução desse texto, buscamos ainda que minimamente apresentar desde o início as motivações, reflexões e principais temáticas a serem desenvolvidas, bem como os devidos marcos referenciais teóricos e um descritivo da metodologia empregada para a realização desta pesquisa.

Assim já introdução, iniciamos apresentando algumas palavras sobre a formação do construto da imagem na formação de significados da humanidade, bem como um breve percurso histórico, político e social das temáticas envolvidas, pontuado-se a Charge, onde incluímos algumas charges e reflexões que perpassam em algum momento todo percurso, e os objetivos dessa dissertação.

Na introdução, ainda, estabelecemos uma aproximação dessa pesquisa com outros trabalhos acadêmicos apresentados que envolvem de forma circular a mesmas questões temáticas advinda de uma formação *latu senso* do próprio autor da dissertação, junto com o conhecimento de outros trabalhos de Mestrado e Doutorado já formalmente apresentados ao mesmo programa de pós-graduação desta instituição, e portanto referenciados neste trabalho.

Também apresentamos previamente no mesmo contexto introdutivo referências de mesma natureza temática providas por programas de pós-graduação de outros campos e instituições, como motivações de nossa pesquisa, a exemplo de quantitativo ainda não significativo dessas temáticas que envolvem representações como contextos narrativos gráficos dentro do escopo acadêmico superior, sobretudo nas áreas das Ciências Sociais.

Na continuidade dessa dissertação, pontuamos no capítulo 2 algumas apresentações teóricas introdutórias que tratam das questões relativas a gênero e política onde dissertamos sobre o percurso histórico da mulher na política brasileira, bem como os desdobramentos pertinentes ao nosso trabalho, como uma aproximação das temáticas Mulher, Política, Charge e embricamento destes temas em nessa pesquisa.

No mesmo capítulo. Ainda, pontuamos o objetivo geral e específicos pertinentes as questões que pretendemos responder a exemplo de como as temáticas de comicidade, política e gênero feminino se imbricam no jogo da representação política brasileira através da Charge, a qual amplamente utilizada nos meios midiáticos da Internet, pode em certos contextos discursivos de conteúdo, construir ou desconstruir uma imagem pública de um representante político devido ao seu construto imagético e textual, não raros carregados de mensagens ocultas que perpassam questões como as de gênero feminino, e como estas questões ganham relevância significativa ao impactarem na construção da imagem pública da Presidenta Dilma Rousseff.

Assim nos deparamos com a necessidade de tratar neste capítulo da disputa das mulheres pelo espaço principalmente político, bem como na construção vivencial do percurso político e histórico de Dilma Rousseff até chegar a ser primeira mulher eleita de forma democrática e ocupar o cargo máximo executivo do Brasil com presidenta eleita por mais de 54 milhões de votos, configurando-se um marco relevante quando se trata de questões de Política, Gênero e feminino no Brasil

No mesmo capítulo ainda pontuamos a questão das Charges de Dilma Rousseff neste contexto de sua construção de mulher à sua imagem pública já como Presidente e do as Charges foram um elemento portador de mensagens cujo teor apresentam possíveis tons de cunho muitas vezes machistas, sexistas ou misóginos.

O texto desta dissertação segue apresentando no capítulo 3 questões pontuais a dissertação pertinentes ao humor gráfico, onde discutimos de forma conceitual os recortes de Caricatura, Cartum e Charge, buscando minimamente situar o leitor dentro deste universo, a

partir de seu histórico, terminologias e estrutura, as quais destacamos o construto focal da Charge a partir da qual seriam potencialmente portadoras de conteúdos discursivos representativos do seu entorno social os quais discutiremos durante toda pesquisa com as devidas aproximações aos demais eixos temáticos de política, humor e gênero feminino.

No capítulo 4 discutimos ainda que de forma sucinta, a temática de comicidade, compreendendo que por si se compõe em amplo espectro de discussões, e que portanto não pretendemos esgotar a temática, porém mais uma vez situar o leitor desta pesquisa dentro desse vértice de nossas temáticas, em especial seu embricamento com a Charge, cujo construto se alicerça no humor como forma narrativa discursiva de seu conteúdo seja imagético e ou textual.

Neste capítulo abordamos alguns autores referenciais cujas ideias serviram de base para compreensão de como o humor e suas várias vertentes, presentes na Charge, compõe um grande feixe de construções capilares potencialmente discursivas, e que estes filamentos filosóficos e sociológicos, ocultam valores, ideias e reflexões as quais julgamos no caso da Charge, consideramos relevante compreender para construção e objetivos dessa pesquisa.

No capítulo 5 abordamos, de forma preliminar, a relação entre narrativas e feminino, compreendendo que esta relação se encontra presente no percurso de nossa pesquisa ao fazer uma ponte com os eixos temáticos de Charge e gênero feminino. Neste contexto, demostramos ainda que de forma introdutória, como as narrativas em sua forma de condução de significados através de forma de representações diversas, são um reflexo do seu entorno cultural, os quais para a nossa pesquisa a relação de gênero feminino se encontra pontualmente focal.

Observamos nesse capítulo como o gênero feminino e as narrativas compõe um cenário histórico e sociológico nas quais o papel das mulheres sempre enfrentou resistência e sobretudo falta de espaço para construção de sua própria história, e que portanto essa tensão vai se encontrar presente na nossa discussão sobre as Charges da mulher Dilma de Rousseff.

No capítulo 6 buscamos inicialmente apresentar os caminhos metodológicos da pesquisa os quais serviram de percurso de nossa análise de *corpus* e posterior apresentação de resultados. Neste sentido, optamos por uma análise de conteúdo considerando que a Charge, como já desenvolvida no decorrer desta pesquisa, apresenta em seu construto representativo uma linguagem híbrida de imagem e texto, e que portanto a compreensão desses canais de mensagens se faria melhor interpretada pelo conteúdo, tanto das imagens como dos textos

narrativos, si e quando acompanhado dessas forma de expressão gráfica.

Também descrevemos no mesmo capítulo os processos de coleta, seleção e análise das Charges, onde destacamos alguns critérios de seleção, dificuldades de coleta do material e abordagem dos temas das Charges a serem analisadas.

Com relação a este capítulo, ainda destacamos que durante todo nosso caminho de pesquisa nos deparamos com a mesma dificuldade apontada por Braga (2015), ao se referir a escassez de referência bibliográfica acadêmica brasileira e estrangeira, e em especial dentro do campo das Ciências Humanas e Sociais, relacionadas diretamente as temáticas conjuntas que envolvem Feminino, Gênero e expressões gráficas, a exemplos, das Histórias em Quadrinhos e outras expressões como a Charge disponíveis para pesquisas.

No entanto, tentamos ao máximo suprir esta lacuna agregando quando possível, trabalhos acadêmicos cujos autores realizaram a mesma modalidade de pesquisa ainda que com viés temático diferente, a exemplo das Histórias em Quadrinhos ou HQs.

Assim esta dificuldade de percurso em nosso caminho de pesquisa nos posicionou de certa forma em buscar conteúdo além das referências textuais de livros acadêmicos referenciais existentes, através de conteúdo disponível na forma de Artigos, Monografias, Dissertações e Teses e na Internet, materiais devidamente referenciados e que tratam direta e ou indiretamente destas temáticas, buscando extrair subsídios metodológicos consistente, buscando mitigar em parte esta lacuna

Seguindo neste percurso, o capítulo ainda trata de detalhar o processo de escolha do *corpus*, a partir de um conjunto de Charges divulgadas na Internet no período entre 2010 e 2014 compreendendo o respectivamente o primeiro e segundo mandato do "Governo Dilma".

Explicamos ainda que estendemos nessa análise um número maior de Charges considerando expandir esse *corpus* onde teríamos uma maior abrangência na categorização dos conteúdos dessas Charges para nossa análise, os quais buscamos na análise das Charge nessa mesma parte da pesquisa, elementos para apontar indícios de que as Charges disponibilizadas neste respectivo período entre 2010 e 2016 as quais tinham como tema a Presidenta Dilma, apresentaram potencialmente conteúdos de incitação ao machismo, sexismo e misoginia.

Chegamos as conclusões finais dessa dissertação apresentando uma discussão sobre os resultados da análise de conteúdo das Charges escolhidas sobre os critérios mencionados e as correlações temáticas envolvidas nessa pesquisa.

Depois de nossa análise constatamos ao menos para o momento, algumas reflexões as quais pretendemos destacar nesse espaço de conclusões finais.

A priori como resultado de nossa pesquisa, destacamos que logo no inicio da analise considerando as primeiras Charges analisadas as quais trazem como tema principal a representação da Presidente Dilma ainda candidata e mesmo antes de sua efetivação no cargo máximo do executivo, já apresenta contornos artísticos e ideologísticos de cunho duvidoso, ao retratar a então Dilma Rousseff de forma emasculada, grotesca ou mesmo transfigurada em poses e trejeitos masculinos.

Neste sentido pressupomos que os chargistas, em sua totalidade homens, e portanto um representativo grupo hegemônico masculino, já nas primeiras referências a Dilma Rousseff lhe impõe uma imagem masculinizada, em cujo propósito foge ao contexto primal da força masculina, habitando mais no imaginário como sendo a "mulher homem", figura comum em narrativas cujo a mulher se coloca por necessidade ou situação voluntário no espaço masculino e ali passa exercer algum poder.

Podemos compreender portanto que o contato inicial dos chargistas com a figura de uma mulher que alça o poder causou uma certa estranheza, e que portanto a primeira imagem que lhe ocorreram por referências e heranças artísticas formadoras das Charges, foi da mulher-homem, bruta, que usa, age e reage dentro dos padrões considerados masculinos, e que portanto espelha nestas Charges toda carga cultural desses produtores de Charge, destacando já de início em nossa análise, as ideias de nossa proposta sobre a relação entre as temáticas envolvidas nesta dissertação.

A herança cultural qual citamos foi descrita anteriormente nesta pesquisa quando tratamos da construção da imagem pública da mulher, sobretudo no Brasil. E como advindas dos Europeus que aqui chegaram aportadas por princípios morais e religiosos, portanto encontramos já no início dessa reflexão, elementos de uma forte contexto machista.

Em um segundo momento de nossa análise, nos deparamos com Charges de Dilma Rousseff que vão procurar maximizar a dua imagem de forma caricata, ou seja, exagerada dos aspectos físicos e estéticos, muitas vezes de forma grotesca, embora estejamos falando de Charge e não de caricatura, esta última por natureza mais própria a estas representações.

Assim, Dilma Rousseff será apresentada quase sempre com um único vestido vermelho, cabelo em forma de topete ou despenteados, e dentes salientes, alternando-se poucas vexes essa imagem, mais em decorrência da habilidade ou técnica artística dos

chargistas do que da temática do assunto da Charge em si. Neste contexto, observamos que não importa o motivo ou tema da Charge, Dilma Rousseff foi representa pelo exagero dos atributos físicos, e sempre de forma depreciativa, desvalorizando as questões estéticas, fator preponderante na autoestima feminina.

Essa desconfiguração de Dilma Rousseff como mulher fora dos "padrões", se tornará ao que parecer até onde vimos, uma marca indelével da sua representação no universo das Charges produzidas no período recortado por esta pesquisa, mais uma vez apresentando fortes elementos machistas e sexistas que resvalam na construção de sua imagem.

Num terceiro momento outro aspecto das Charges analisadas nos chama atenção, a veiculação da imagem de Dilma Rousseff ao do então Presidente Lula.

Nas primeiras Charges ainda em 2010 essas Charges vão surgir de forma esporádica, porém a partir de candidatura e posterior conquista do pleito de 2010 essa imagem tende a se repetir e se reconfigurar de acordo com o momento político do país.

Assim, a imagem do então Ex-Presidente Lula, será uma presença constante nas Charges, seja como "Homem da Casa", "Chefe", "Guia", sempre colando a imagem de Dilma Rousseff em segundo plano, a qual necessita consultar, ouvindo ou seguindo as "ordens" do então Ex-Presidente.

Fica evidente que este cenário representando nas Charges deste momento da vida política de Dilma Rousseff, compõe um reflexo das condições hegemônicas patriarcais ainda presentes em nossa cultura, e como o machismo encontrou formas de se replicar nos construtos de expressões artísticas como a Charge. Mais uma vez observamos as heranças culturais histórias refletidas nestas representações.

Ainda destacamos uma última reflexão decorrente de nossos resultados, e talvez mais contundente dentro do contexto desta pesquisa. Aquela em que vemos nas Charges o que se pode ficar evidente até o final do último mandando de Dilma Rousseff, interrompido pelo *impeachment*, que é a imagem de Dilma Rousseff como "Dona de Casa".

Estas Charges irão compor um grande número de variações, porém terão quase sempre como cenário, uma casa, cômodo (quase sempre a cozinha) ou espaço doméstico, e Dilma Rousseff como "empregada", "governanta", "cozinheira", "copeira", etc. Todo espectro de funções atribuídas as mulheres dentro de um contexto machista.

Ao final de mossas conclusões, percebemos ainda que todas essas formas de representação da mulher as quais vemos mimetizadas nas Charges de Dilma Rousseff, vão se

apresentar de forma pontual ou mescladas ao longo do percurso de Dilma, compondo um cenário no qual é possível observar os elementos os quais pretendemos apresentar em nossa pesquisa a exemplo de machismo, sexismo e misoginia.

Asim acreditamos que nossas conclusões corroboram nossa proposta objetiva geral em demonstrar como a comicidade e a política contidas na Charge são possuidores da capacidade de construir, e sobretudo, desconstruir imagens públicas, intencionalmente de forma a atingir determinadas categorias como aqueles de Gênero feminino, como no caso da Presidenta Dilma. E que esta conclusão apresenta a necessidade de uma profunda reflexão sobre estas questões que envolvem gênero, feminino e política as quais se propõe nossa dissertação.

Por fim consideramos relevante ainda ressaltar que as temáticas envolvidas neste trabalho são por vezes de uma complexidade polissêmica, necessitando de uma maior abrangência de discussão no campo teórico e metodológico, a qual para o momento não pretendemos esgotar, porém oferecemos junto aos resultados apresentados, alguns questionamentos advindos de nossa pesquisa os quais consideramos oportunos de serem discutidos como contribuição de um legado para pesquisas posteriores, como: 1) O fato de Dilma Rousseff ser mulher foi aproveitado para a criação das charges? 2) Se foi, esse uso foi feito de forma preconceituosa/discriminatória? 3) Dilma Rousseff foi mais criticada por questões de gênero ou política ? 4) As charges contribuíram com uma visão estereotipada da mulher brasileira? 5) O fato de não ter sido representada por uma chargista do sexo feminino teve impacto em sua imagem pública a partir da Charge?

Ainda para o presente momento deste trabalho, gostaríamos de encerrar esta análise com um gancho temático o qual julgamos relevante para pesquisa uma posterior na proposição de tese de que a Internet como suporte da Charge tem talvez embrionado uma nova forma de representação de "humor gráfico", o "Meme".

Essa nova forma se apropria de elementos visuais e textuais de outras formas anteriores como o Cartum, a Caricatura e a própria Charge e o humor que une todos, ao tempo que inova nas formas de concepção, divulgação e técnicas artísticas, se destacando pelo uso de imagens reais (fotos, vídeos, etc), colagem de textos e sons, bem como outras mídias para produzir o que se chama popularmente de "MEME".

O "Meme" assim como a Charge tem despontado na Internet como uma forme "cômica" de crítica que discute questões de ordem social, política e antropológica dentre outras, e por isso acreditamos que mereça uma pesquisa mais refinada que possa esboçar

nesse primeiro momento algumas questões relevantes para o campo das Ciências Sociais. A figura 33 abaixo é um “Meme” que faz referência a Charge da figura 32 já abordada neste contexto.



Figura 33 – https://pbs.twimg.com/media/Civmwg8WgAA2ZyH.jpg. Aceso em 29//10/2017.

Consideramos por fim concluir sugerir que estes entre outros questionamentos de nossa pesquisa possam servir de ponto de partida para outras análises e pesquisas sobre o discurso chargístico dentro de questões pertinentes ao espaço acadêmico, sobretudo no campo das Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRAUS, Gazy. **As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. Tese de doutorado em Comunicação, São Paulo, USP, 2006. No link: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/pt-br.php em 06/04/2016.

ALBERTI, Viviani. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Ed. FGV, 1999.

BACHÈRE, Bruno Lutz, "**Resistir al Poder. Los dominadosy el arte de la resitencia. Discursos Ocultos**" Reflexión Política Año 4 No 8 ISSN 0124-0781, UNAB,Colombia/Convergencia N° 30, 2002, ISSN 1405-1435, UAEM. México no link: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10503020 Disponível em 04/04/2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, Howard S. **Falando Sobre a Sociedade. Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, Ed. 2009.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. 1ª edição. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA, Amaro Xavier Jr. ; SILVA, Valeria Fernandes. **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos** (Orgs.), EDUFAL, Macéio, 2015.

CARVALHO, Jeany Santos d. **Construção da Imagem da Mulher através da Charges**. Revista Pandora Brasil - Nº 58 Setembro de 2013 - ISSN 2175-3318.

CIRNE, Moacy. **Uma Introdução Política aos Quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

COGGIOLA, Osvaldo. **Impeachment, crise e golpe o brasil no palco da tormenta mundial**. São Paulo, 24 de maio de 2016.

DACOSTA, Osvaldo. **O Berro da Ovelha Negra. Inovações do Humor Gráfico na imprensa brasileira alternativa** (1976-1977), 1ª Edição, Ateliê da Palavras, Santos, São Paulo , 2015.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea. Um Território Contestado**. Editora Novo Horizonte, Brasília, 2012.

DIAS, Dirlá Gonçalves. **Atenção! mulheres trabalhando: um estudo de charges jornalísticas**. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Geociências do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 2005.

DORFMAN, A. ; A. MATTELART. **Para Ler o Pato Donald: Comunicação de Massa e Colonialismo**. Trad. Álvaro de Moya do original em espanhol Para Ler al Pato Donald. 2a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial.** São Paulo, Martins Fontes, 1989.

_____. **Narrativas Gráficas.** São Paulo, Devir Livraria, 1995.

FERREIRA, Dina Maria Martins (Org.). **O que a imagem quer? Charge e representação Sociocultural** in **IMAGENS o que fazem e significam**, São Paulo, Editora Annablume, 2010.

FLORES, Onici. **A Leitura da Charge.** Canoas:ULBRA, 2002.

FONSECA, Joaquim da. Caricatura: **A imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GOMES, Natanael dos Santos (Org). **Quadrinhos e Transdisciplinaridade**. Curitiba: Apris, 2013.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **Ensaios de Antropologia da Política**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

_____ **O ciberespaço e a nova cultura política: o caso da Campanha de Dilma Rousseff nas Eleições 2010**. 35o Encontro Anual da ANPOCS (GT21 Mídia, política e eleições), 2010.

_____ **O ódio como ação simbólica: os discursos de misoginia dirigidos a Dilma Rousseff**. Artigo RBA, 2014.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LUYTEN, Sonia M. Bibe **A Produção e retratação da mulher nos quadrinhos e no mangá: romantismo e erotismo** *in* BRAGA, Amaro Xavier Jr.. & SILVA, Valeria Fernandes. **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos** (Orgs.), EDUFAL, Macéio, 2015.

MACEDO, Emerson Tavares. "**A Linguagem Humorística das Charges e as 'DIRETAS**

JÁ' no traço dos Chargistas dos Jornais: Diário da Borborema e Jornal da Paraíba". Dissertação de Mestrado apresentada e defendida junto ao Programa de Pós-graduação de História da Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARIGONI, Gilberto. **Angelo Agostini: A Imprensa Ilustrada da Corte à Capital Federal, 1964-1910**. São Paulo: Devir, 2011.

MARNY, Jacques. **Sociologia das Histórias aos Quadrinhos**. Porto: Livraria Civilização, 1970.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos.** São Paulo: Makron Books, 2004.

MODENSESI, Thiago. **Educação para Abolição.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

MOYA, Álvaro. **História da História em Quadrinhos,** Rio de Janeiro, Editora Brasiliense, 1996.

NADER, Maria Beatriz. **As mulheres e as transformações sociais do século XX:** a virada histórica. In: Revista de História. Vitória, v. 7, p. 61-71, 1998. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/artigos/Dimensoes7_MariaBeatrizNader.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

NOGUEIRA M. A.; DANTAS A. F. **Imagem da Mulher Islâmica como o "Outro" Cultural**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Mossoró - RN – 12 a 14/06/2013 disponível em https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-1099-1.pdf. Acesso em 08/06/2015.

NOGUEIRA, Maria Adriana ; DANTAS, Daiany Ferreira. **Feminino, Intimidades e Subversão em Bordados de Marjani Satrapi** *in* BRAGA, Amaro Xavier Jr.. & SILVA, Valeria Fernandes. **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos** (Orgs.), EDUFAL, Maceió, 2015.

NOGUEIRA, Natania A. S, **Representações femininas nas Histórias em Quadrinhos**. 2008. Texto apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, ocorrido na UFSC, Florianópolis – Santa Catarina. Disponível em http://pt.scribd.com/doc/12795263/Representacoes-femininas-nas-Historias-em-Quadrinhos#scribd. Acesso em 05/06/2015.

NUNES, Yuri Saladino Souto Maior. **Cultura e Política nas Histórias em Quadrinhos Luke e Tantra, de Angeli**.Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande em 22 de Agosto de 2012.

Editora, 2007.

MORAES, Dênis de. **O Rebelde do Traço: A Vida de Henfil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
FRANCO, Edgar Silveira, **HQTRÔNICAS do suporte de papel à rede Internet**, 2ª Ed., AnnaBlume Editora, FAPESP, São Paulo, 2008.

Humor com Gosto de Pasquim. Documentário (3/5 partes). Dir. Louis Chilson. São Paulo: TV SENAC, 1999. 50 min. Fonte disponível em 06 de Abril de 2016 no(s) links:

http://www.youtube.com/watch?v=veXQCIz2ByY
http://www.youtube.com/watch?v=J19Xh6xDUmI
http://www.youtube.com/watch?v=uI8Jz9NtaNA

LIZA DONNELLY**: Desenho sobre o humor para a mudança.** Fonte disponível em 06 de Abril de 2016 no(s) links:

http://www.ted.com/talks/liza_donnelly_drawing_upon_humor_for_change.html

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Análise do Texto Visual: A Construção da Imagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2ª Edição, 2011.

PATRICK CHAPPATTE**: O poder das charges.** Fonte disponível em 10 de Outubro de 2013 no(s) links:
http://www.ted.com/talks/patrick_chappatte_the_power_of_cartoons.html

SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da (org.).**Histórias em Quadrinhos e Educação:** formação e prática docente. São Bernardo do Campo, Ed. Un. Metodista, 2011.

Biografia de Dilma Vana Rousseff. Fontes disponíveis em 15 de Novembro de 2016, nos seguintes links:

https://www.ebiografia.com/dilma_rousseff/

http://educacao.uol.com.br/biografias/dilma-rousseff.htm

http://ultimosegundo.ig.com.br/dilma-rousseff/53e8e018a5fea40938000077.html

OPPERMANN, A. **O doutor que odiava heróis**. In. Revista Superinteressante. Ed. 201, jun/2004. Disponível em http://super.abril.com.br/cultura/o-doutor-que-odiava-herois. Acesso em 29/03/2016.

PAGLIOSA, Elcemina Lúcia Balvedi. **Humor: Um estudo sociolinguístico cognitivo da charge**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

PARNAIBA, Cristiane dos Santos. **A mulher na presidência e na mídia: uma análise da representação de Dilma Rousseff nas charges jornalísticas**. 9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. 2014. Artigo. http://casperlibero.edu.br/a-mulher-na-presidencia-e-na-midia-uma-analise-da-representacao-de-dilma-rousseff-nas-charges-jornalisticas/ disponível em 20 Novembro de 2016.

PARNAIBA, Cristiane dos Santos. **DEMOCHARGIA: Dilma Rousseff e seu primeiro ano de mandato pelas charges jornalísticas.** Dissertação de Mestrado apresentada e defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",2014.

PIMENTEL, Sidney Valadares. **Feitiço contra o Feiticeiro (Histórias em Quadrinhos e manifestações ideológicas)**, Goiânia, Editora Cegraf UFG, 1989.

POSSETI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**, Rio de Janeiro: Contexto, 2010.
_____. **As Faces do Humor: Uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, São Paulo: Zarabatana Books, 2010.
_____. **A Revolução do Gibi: A Nova Cara dos Quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Devir, 2012.

RAMOS, Paulo (Org.) ; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Muito Além dos Quadrinhos -** Análises e Reflexões sobre a 9ª Arte. 1. ed. São Paulo: Devir, 2009.
RUMOALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística: intertextualidade e polifonia.** Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da Belle Evoque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Intercom; Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

SOUSA, Karine Freitas.**As Subalternas Mulheres de Scott Adams** in **Representação do Feminino nas Histórias em Quadrinhos**. 1ª Edição, Editorial EDUFAL, Maceió, 2015.
SOUZA, Helga Vanessa Assunção. **A Charge Virtual e a Construção de Identidades**. Recife: Editora da UFPE, EDIUFPE, 2008.

SCOTT, James C. **El Discurso Oculto**. In: Los dominados y El arte de La resistência. México: Ediciones Era, p.23-40, 1990.

SILVERMAN, Malcom. **Moderna sátira brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

SKINER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do Riso**, São Leopoldo – Rio Grande do Sul; Editora Unisinos, 2002.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VIANA, Nildo. **Quadrinhos e Política**, 2010. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/viana-nildo-quadradinhos-e-politica.pdf Acesso em 06/04/2016.

WESCHENFELDER, Gilson, **As Super-heroínas como instrumento de gênero nas Histórias em Quadrinhos** *in* BRAGA, Amaro Xavier Jr.. & SILVA, Valeria Fernandes. **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos** (Orgs.), EDUFAL, Maceió, 2015.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAMPRAGNE, Luciano. **Como estranhos podem encontrar o paraíso. Contra-discursos, ideologias e representações do feminino na sociedade contemporânea** *in* BRAGA, Amaro Xavier Jr.. & SILVA, Valeria Fernandes. **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos** (Orgs.), EDUFAL, Maceió, 2015.

Obras consultadas

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). Disponível em 10 Dezembro de 2016, http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

LIEBEL, Vinícius. **Arianas e Judias: representações de gênero nas charges do semanário nazista Der Stürmer**. Anais do XV Encontro Estadual de História "1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado", 11 a 14 de agosto de 2014, UFSC, Florianópolis.

LUCENA, Maria Inês Ghilardi**. Dilemas e desafios na contemporaneidade mulheres alteradas: conflitos do gênero feminino**. Anais - III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), Campinas, SP – 14, 15 e 16 de fevereiro de 2012.

FEDEL, Agnelo. **Os Iconográfilos: Teorias, Colecionismo e Quadrinhos**. São Paulo: LTCE